

ANEXOS

ANEXO A – Portefólio da PPS em JI



PORTEFÓLIO PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA II

Marta Lima

(Nº 2016148)

Trabalho apresentado no âmbito da unidade curricular:

Prática Profissional Supervisionada II

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Supervisora Institucional: Manuela Rosa

2017-2018

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	57
1. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA	58
1.1. Meio onde está inserido o contexto	58
1.2. Contexto socioeducativo	59
1.3. Equipa Educativa Alargada.....	59
1.4. Ambiente educativo.....	60
1.5. Família das crianças	64
1.6. Grupo de crianças	65
2. REFLEXÕES DIÁRIAS E SEMANAIS	67
2.1. Reflexões Diárias.....	67
2.2. Reflexões Semanais	147
3. Planificações	177
3.1. Planificações Semanais	178
3.2. Planificações Diárias.....	187
4. REFLEXÃO FINAL	216
5. REFERÊNCIAS	219

1. INTRODUÇÃO

O presente portefólio surge no âmbito da Prática Profissional Supervisionada II (PPS), ocorrida entre 25 de setembro de 2017 e 19 de janeiro de 2018. Este documento visa apresentar o percurso realizado durante esse tempo, evidenciando as minhas ideias, motivações e intenções relativas às vivências em JI, desde as crianças, à equipa educativa e às famílias. Visa, ainda, demonstrar a adequação das competências e atitudes durante toda a minha ação educativa quer em pequenos momentos como em sessões planificadas e apresentar evidências da participação das crianças, das famílias e da equipa nos mesmos. É também objetivo deste portefólio, demonstrar as minhas capacidades reflexivas e avaliativas de toda a intervenção educativa.

Para isso, o portefólio está organizado em quatro capítulos: i) introdução; ii) caracterização para a ação educativa, em que é apresentada a caracterização do meio envolvente ao estabelecimento, do contexto socioeducativo, da equipa, do ambiente educativo, das famílias e, por último, do grupo de crianças; iii) análise reflexiva da intervenção, onde são apresentadas todas as planificações semanais e diárias realizadas durante o período de PPS; iv) processos de avaliação, onde são expostos todos os registos elaborados diariamente (reflexões diárias/notas de campo) e todas as reflexões semanais realizadas desde o início da PPS.

A organização do portefólio com esta estrutura deve-se à tentativa de aproximar este documento do relatório final e facilitar o encontro de informação, uma vez que o portefólio servirá de base para o mesmo.

1. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

“As crianças não estão isoladas nem são impermeáveis aos contextos onde se movem, nem os contextos são imunes às crianças” (Tomás, 2008, p. 391), assim, de modo a adequar a minha prática às características do meio, do grupo e de todo o estabelecimento, realizei uma caracterização crítica e reflexiva tendo em conta as diferentes dimensões.

Ferreira (2004) assume que “para compreender os processos sociais que estruturam e são estruturados pelas crianças enquanto atores nas ações sociais que desenvolvem e em que se envolvem” (p. 65), torna-se fulcral compreender o “antes”, isto é, compreender o funcionamento do contexto onde foi realizada a PPS. Só através de uma observação e caracterização reflexiva destes sistemas, o/a educador/a poderá conhecer a realidade na qual irá trabalhar, adequando as suas práticas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Para a realização da caracterização, os dados foram obtidos através da observação direta (notas de campo, registos diários, reflexões), e de conversas informais com a educadora cooperante, bem como uma entrevista realizada à mesma.

1.1. Meio onde está inserido o contexto

O estabelecimento em questão situa-se numa freguesia pertencente ao concelho de Loures. Apesar de se situar perto da cidade, localiza-se em meio rural, sendo a área circundante caracterizada por espaços verdes, por um parque infantil e, ainda, pelo quartel dos bombeiros, onde, por vezes, se realizam projetos em parceria com o estabelecimento. Existe, também, comércio local, nomeadamente, cafés, pastelarias e farmácia.

Tal como refere Zabalza (1998a), “o meio social, natural, cultural . . . é um imenso salão de recursos formativos” (p. 55), deste modo, o meio envolvente constitui um recurso educativo para as crianças, que para além de poderem usufruir dos seus serviços, podem ficar a conhecer um pouco melhor o local onde vivem. Ainda, em conversa com a educadora cooperante esta revelou-me que pretende colaborar no desenvolvimento e na possibilidade de realização de algumas atividades, desenvolvimento de alguns projetos e atividades culturais, fomentando, assim, a relação escola-comunidade.

1.2. Contexto socioeducativo

O estabelecimento educativo é de entidade pública e pertence ao Agrupamento de escolas nº1 de Loures, que é constituído por 13 estabelecimentos. O Agrupamento tem como missão “promover o sucesso individual de cada aluno e a aquisição de um conjunto de competências que lhe permita ser capaz de julgar com espírito crítico e criativo o meio social em que se integra e de se empenhar na sua transformação progressiva” (PELSM, p. 21).

Existem duas valências neste estabelecimento: JI e 1º Ciclo, existindo duas salas de JI e três turmas de 1ºCiclo. Existem dois espaços exteriores diferenciados, um para o JI e outro para o 1ºCiclo, no entanto, por vezes, as crianças partilham os dois espaços, principalmente em festividades. Ainda, o estabelecimento dispõe de espaços comuns às duas valências, como a biblioteca, o refeitório e a sala polivalente, onde são realizadas as atividades extra curriculares. O facto de existirem espaços comuns promove o contacto entre as crianças, principalmente entre os irmãos que frequentam o mesmo estabelecimento.¹

1.3. Equipa Educativa Alargada

As relações e interações sociais entre todos os intervenientes no processo educativo "constituem o núcleo central da pedagogia quer no âmbito da educação das crianças, quer na sua formação dos educadores" (Lino, 2013, p. 134). Pelo que, tal como verifiquei, toda a equipa educativa do estabelecimento estabelece relações de respeito, comunicação, partilha e cooperação, promovendo um bom ambiente educativo e visando o desenvolvimento e aprendizagem globais das crianças. Como por exemplo, na organização do dia de São Martinho ou na venda de rifas, que se estendeu a toda a comunidade. Durante o ano letivo existem diversas atividades/projetos que promovem uma aproximação entre os dois níveis de ensino, como por exemplo, projetos como o “Património Cultural do Concelho – Celebrar a Diversidade.

Em relação à equipa educativa da sala em que realizei a minha PPS, esta era constituída por uma educadora de infância e por uma assistente operacional. De modo a conhecer o percurso académico e profissional da educadora cooperante, assim como algumas das suas conceções em relação ao grupo de crianças e ao seu método de trabalho, realizei uma entrevista semiestruturada, tendo para o efeito construído

¹ Estava no recreio com as crianças, quando chegam duas meninas do 1ºCiclo que me perguntam: quem és? Eu disse o meu nome e perguntei o delas. As duas meninas disseram: “sou a C. e ela é a A., os nossos irmãos estão no jardim de infância e gostamos de vir cá visitar” (Nota de campo, 27 de setembro, espaço exterior).

previamente um guião orientador. A educadora formou-se em educação de infância, tirando o bacharelato correspondente; para além das funções de educadora, exerceu, também, funções como adjunta da direção de um Agrupamento e foi coordenadora de departamento da educação pré-escolar, tendo completado 30 anos de serviço.

Em relação ao modelo pedagógico seguido, a educadora explicou-me que não segue nenhum modelo e que todo o trabalho que desenvolve tem como base uma pedagogia estruturada em conformidade com as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (OCEPE). Ainda, a educadora rege a sua ação “numa pedagogia diferenciada, considerando as necessidades e interesses de cada criança e do grupo. Sempre que necessário e de acordo com as dificuldades detetadas, reorganizo estratégias, para reforçar as aprendizagens, e investir nos sucessivos progressos”.

Numa conversa informal, também questionei a assistente operacional acerca do seu percurso, sendo que esta possui o curso de auxiliar de ação educativa e trabalha no estabelecimento há 10 anos.

Como pude observar, a educadora e a assistente mantêm uma interação centrada no bem-estar das crianças e na promoção de bom ambiente na sala de atividades. Desta forma, existe uma clara cooperação entre ambas, por exemplo, na planificação das atividades, como menciono no seguinte excerto:

Na primeira planificação que realizei com a educadora, esta explicou-me que as suas ideias são sempre partilhadas com a auxiliar, para que esta esteja a par de toda a dinâmica e para que possa dar o seu contributo, existindo, assim, uma cooperação entre ambas. (Nota de campo, 29 de setembro).

Para além disso, é de salientar que estão integradas, na equipa de sala, uma professora, que também, trabalha na biblioteca, e uma voluntária dos Músicos de Palmo e Meio, que realizam sessões quinzenais com o grupo e trabalham, também, em parceria com as educadoras, de modo a existir uma complementaridade de saberes.

1.4. Ambiente educativo

Em relação à organização do ambiente educativo, esta constitui a base do desenvolvimento curricular, pois a organização do grupo, bem como a disposição do espaço e dos materiais são determinantes para o que as crianças possam fazer, aprender e escolher. Tal como afirma Zabalza (1998b), “o ambiente é um educador à

disposição tanto da criança como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira" (p. 239).

Pelo que pude observar, e concordando com a educadora cooperante o ambiente educativo do estabelecimento está feito a pensar nas crianças, por exemplo, o facto de o refeitório ser comum a todas as salas (JI e 1ºCiclo), permite gerar um ambiente de partilha, de entreaajuda e de interação entre as várias crianças. Neste sentido, para caracterizar do ambiente educativo, recorri, maioritariamente, às minhas observações e às conversas informais com a educadora cooperante.

Segundo o que observei e de acordo com as conversas com a educadora cooperante, as principais intencionalidades na organização do espaço e dos materiais da sala de atividades prendem-se com a promoção da autonomia, a cooperação entre as crianças, o desenvolvimento do espírito crítico, a estimulação da criatividade e do sentido estético e a oportunidade das crianças expressarem as suas emoções, sentimentos, gostos e opiniões.

Em relação à promoção da autonomia, esta é conseguida, por exemplo, através da acessibilidade dos materiais, que estão dispostos para que as crianças os possam utilizar sempre que quiserem, como podemos verificar na seguinte situação: "tenho observado que a plasticina é uma das atividades preferidas do grupo e, uma vez que o material está ao nível das crianças, estas podem realizar a atividade de forma autónoma" (Nota de campo, 2 de novembro, sala de atividades).

Também os instrumentos existentes na sala visam promover a autonomia das crianças, entre os quais: (i) o mapa de presenças, em que, de manhã, cada criança vai assinalar a sua presença; (ii) o mapa do tempo; (iii) o mapa do dia; (iv) (estes dois últimos são realizados pelo responsável do dia) e, por fim, os registos diários, nomeadamente, o plano do dia, que é realizado em grande grupo. De acordo com Folque (2012), "todos estes instrumentos fazem parte da organização do grupo e ajudam as crianças a integrar as suas experiências individuais no conjunto do grupo" (p. 56).

No que diz respeito à organização do espaço, este é constituído por dez áreas de interesse que estão devidamente sinalizadas (com o seu nome e uma imagem alusiva a esse espaço) o que, como menciona Ferreira (2004), não só facilita de imediato a leitura do conjunto de atividades possíveis como favorece uma ampla comunicação e mobilidade circundante, permitindo a antecipação das escolhas possíveis e apelando à ação da criança na autogestão das atividades. Apesar de delimitadas, as áreas podem ser reorganizadas consoante os interesses e necessidades do grupo. Por exemplo: "a educadora explicou às crianças que iriam ter uma nova área: a área da pintura,

explicou, também como a área irá funcionar, pedindo a ajuda das crianças na construção da mesma. As crianças mostraram-se bastante entusiasmadas e concordaram com a introdução da nova área." (Nota de campo, 20 de outubro, reunião da manhã). Segundo Oliveira-Formosinho (2013), a divisão da sala por áreas, "promove a escolha da criança", assim como permite "experenciar o Mundo de diversos ângulos" tornando essa experiência uma aprendizagem ativa (p. 69).

A área da casa conta com utensílios de cozinha, bonecos, uma cama para os bonecos, uma mesa e uma cadeira. Nesta área as crianças brincam ao faz de conta, reproduzindo, muitas vezes, os comportamentos que observam dos adultos. Esta área propicia um espaço de representação de diferentes papéis sociais e permite que as crianças desenvolvam uma imagem coerente do seu mundo mais imediato (Hohmann & Weikart, 2011).

A área da garagem fica ao lado da área da casinha e tal como o nome indica nesta área as crianças tinham um tapete com desenhos alusivos a uma estrada e, ainda, tinham vários carros e uma bomba de gasolina. Por ser tão próxima à área da casinha, muitas vezes as crianças partilhavam os objetos de ambas as áreas. Por exemplo, pude observar muitas vezes que as crianças que estavam a "cozinhar" na área da casa ofereciam às crianças, que brincavam na garagem, os seus "cozinhados".

Quanto à área da quinta, esta apresentava proporções pequenas em comparação com as áreas acima descritas. Na quinta as crianças brincavam com os diferentes animais da quinta, tendo também alguns objetos representativos da área. Talvez por ser uma área com poucos materiais, esta era uma área que não entrava, muitas vezes, nas escolhas das crianças.

A área dos jogos de mesa contava com jogos variados, como jogos de encaixe, *puzzles*, jogos de enfiamento. Esta era uma das maiores áreas da sala e uma das áreas em que podiam estar mais crianças. Destaco que por ser uma área em que podiam estar 5 crianças ao mesmo tempo, esta era uma área em que podia observar que as crianças tinham mais contacto e falavam mais umas com as outras, ajudando-se mutuamente, quando não conseguiam fazer algum jogo.

No tapete situava-se a área dos jogos de chão. Nesta área, as crianças tinham um pequeno armário onde estavam arrumados os materiais: peças de encaixe e de construção. Esta área possibilitava atividades de construções com diferentes materiais e trabalhar algumas noções matemáticas, por exemplo, as formas geométricas (devido ao formato das peças). Para além de servir para atividades de construção, esta área era, também, utilizada para as reuniões de grande grupo.

Na área da pintura as crianças podiam fazer pinturas livres com tinta guache. Esta área ficava ao lado da porta de entrada da sala e foi introduzida na sala após a minha chegada.

Quanto à área da leitura, esta era uma área mais calma e as crianças podiam folhear os livros, observar e interpretar imagens e ouvir histórias contadas pelos amigos. Nesta área as crianças inventavam as suas próprias histórias desenvolvendo, assim, a sua criatividade. Mais tarde foram introduzidos, nesta área, fantoches, pelo que esta área se estendeu e ficou como área da leitura e dos fantoches.

Na área do desenho/expressão plástica, as crianças realizavam diversas atividades, desde desenhos livres, como atividades dirigidas pela educadora ou por mim. Ao lado desta área havia um armário com materiais variados, como canetas, lápis, folhas, borrachas, tesouras, colas, etc., de forma a promover a autonomia das crianças os materiais estavam acessíveis e permitiam que as crianças os pudessem ir buscar sem a ajuda do adulto.

A área da escrita foi a última área a ser introduzida na sala, ficando junto da porta que tem acesso para o espaço exterior. Nesta área as crianças podiam escrever várias letras ou palavras, havendo cartões com palavras e com as imagens correspondentes. Ainda, cada criança tinha um caderno que foi identificado pelas mesmas, para que sempre que quisessem escrever mais palavras o pudessem fazer no local devido.

Por fim, a área do quadro contava com um quadro e com giz e as crianças podiam escrever no mesmo ou desenhar.

Para além da participação das crianças na organização do espaço, elas foram, também, parte importante na elaboração de regras da sala. Foram elas, juntamente comigo e com a equipa educativa de sala, que decidiram quantas crianças poderiam estar em cada área, acompanhando todo o processo de organização e identificação da mesma. Estas regras desempenham um papel cognitivo importante, pois permitem que as crianças se orientem umas em relação às outras e coordenem as suas próprias escolhas e interações (Ferreira, 2004).

Relativamente à gestão do tempo, segundo a educadora cooperante, este deve ser organizado de modo a que as crianças possam antecipar e prever os acontecimentos, transmitindo-lhes, assim, mais segurança.

Zabalza (1998b) refere que a rotina é um marco de referência que quando é apreendido dá uma grande liberdade de movimentos, tanto às crianças como ao educador (p. 169). Neste sentido, as rotinas vão promover a autonomia das crianças na gestão do tempo, sem que o adulto tenha de lhes explicar constantemente o que vai acontecer a seguir.

Todos os dias por volta das 9h, as crianças vão chegando à sala, algumas acompanhadas pelas famílias (mãe, pai, avós), outras pela assistente de sala. As crianças quando chegam, vão marcar a presença e sentam-se no tapete à espera que todos cheguem, algumas vão à área da leitura e escolhem um livro e sentam-se no tapete. Por volta das 9h15 com todos reunidos no tapete, canta-se a canção dos bons dias, contam-se as novidades e faz-se o plano do dia. As crianças escolhem as áreas para as quais querem ir brincar e até por volta das 10h15 ficam nas mesmas. De seguida, arrumam o material e fazem um comboio até à casa de banho; dirigem-se depois à sala para beberem o leite (à exceção da sexta-feira, em que ao invés de beberem o leite, as crianças comem fruta). Após beberem o leite, as crianças vão brincar no espaço exterior até por volta das 11h15. Quando regressam do recreio, as crianças voltam a ir brincar nas áreas até irem almoçar, por volta do 12h (por vezes, quando a Professora I. vai ao estabelecimento as crianças após o recreio vão à biblioteca ouvir uma ou duas histórias). Depois do almoço, o grupo de crianças fica no espaço exterior até à 13h30, hora que chega a educadora da sua hora de almoço. Até às 15h30 o grupo brinca nas áreas ou faz alguma atividade que esteja no plano do dia. Às quartas, quintas e sextas-feiras as crianças têm atividades extracurriculares, nomeadamente educação física, música e expressão dramática.

Ao longo da rotina diária, grande maioria do tempo era dedicado ao brincar, fosse através da exploração de materiais e brinquedos da sala de atividades ou de materiais propostos pela educadora ou por mim para explorar naquele dia, realçando a importância do brincar, segundo Cordeiro (2014), brincar permite o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, de competências sociais, de competências físicas e a tomada de consciência de emoções e sentimentos nas crianças.

Em concordância, Post e Hohmann (2011) referem que a rotina diária deve ser previsível, mas ao mesmo tempo flexível. Por norma, a rotina diária da sala é semelhante durante todos os dias da semana, como referi anteriormente, embora em certas alturas possa ser alterada por diversas razões.

1.5. Família das crianças

Para caracterizar cada criança do grupo foi necessário conhecer o seu contexto familiar e as suas experiências sociais, pois quando estas ingressam no JI já são “portadoras de uma experiência social única que as torna diferentes das outras” (Ferreira, 2004, p. 65), ou seja, cada criança possui conhecimentos e histórias de vida diferentes, que traz do seu seio familiar.

De modo a caracterizar a família do grupo em questão, baseei-me em Ferreira (2004) para organizar a informação sobre as famílias das crianças. Assim, elaborei uma tabela que reúne dados das profissões e a estrutura familiar existente. Não foi possível recolher dados acerca das idades das famílias, nem sobre as suas habilitações. Estas informações foram recolhidas das fichas de inscrição que a educadora cooperante me disponibilizou e de algumas conversas informais com a mesma. De acordo com os dados analisados, como característica comum, evidencia-se que todas as crianças vivem com a mãe e com o pai, à exceção de duas crianças que vivem apenas com a mãe. No que respeita à nacionalidade das famílias das crianças, existem várias nacionalidades, como brasileira e africana, sendo a mais comum a portuguesa.

Existe uma relação de partilha e confiança entre as famílias e a equipa educativa, estabelecida pelo facto de, todas as crianças entrarem e saírem do estabelecimento acompanhadas pelas suas famílias e de estes estarem disponíveis para colaborar com a equipa no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e, por isso, participarem nas atividades propostas pela equipa do estabelecimento. Por ser um estabelecimento situado em meio rural e mais tradicional muitas vezes são os avós das crianças que as levam e vão buscar ao JI.

Esta relação é observada durante o acolhimento, pois de manhã é habitual existir uma conversa entre ambas as partes, sobre aspetos pertinentes que envolvam a criança, existindo, assim, uma relação positiva entre a escola e a família.

Acerca dos momentos mais formais, de acordo com a educadora cooperante são realizadas, no mínimo, 4 reuniões ao longo do ano. Para além disso, todas as terças feiras de cada mês os encarregados de educação podem solicitar uma reunião com a educadora.

Por fim, penso que a colaboração entre os jardins de infância e as famílias das crianças é fundamental para o seu desenvolvimento, visto que ambas as partes se assumem como parceiros de todo o processo educativo (Sarmiento & Figueiredo, 2009).

1.6. Grupo de crianças

“Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de socialização através da relação entre crianças, crianças e adultos e entre adultos. Esta dimensão relacional constitui a base do processo educativo” (Silva et al., 2016, p. 24). A sala onde realizei a minha PPS é composta por 17² crianças, 7 do sexo

² Uma das crianças da sala emigrou para Inglaterra com os pais no início do mês de janeiro, desta forma o grupo ficou constituído por 16 crianças.

masculino e 8 do sexo feminino, sendo uma sala heterogénea em relação às idades (3, 4 e 5 anos). O facto de ser um grupo heterogéneo permite que crianças se desenvolvam numa Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Segundo Folque (2012), a ZDP é “a zona em que o apoio de outros pode levar a criança a realizar uma tarefa que não conseguiria executar sozinha” (p. 72).

Quanto ao percurso institucional, 6 crianças entraram para o JI no início do ano letivo, estando em fase de adaptação quando iniciei a PPS; as restantes já frequentavam o estabelecimento o ano anterior, porém com outra educadora.

Segundo Ferreira (2004), o facto de algumas crianças terem integrado um grupo pela primeira vez, poderá levar a que não prevejam e/ou antecipem padrões de ação e interação social. Ainda assim, apesar dos diferentes percursos institucionais, foi possível observar algumas preferências de pares em situações de brincadeira. As crianças agrupavam-se consoante os seus gostos, dentro da sala e por género no espaço exterior. Contudo, existia momentos em que brincavam entre si e que se ajudavam, tendo por base o princípio da cooperação.

No que respeita às potencialidades do grupo, estas relacionam-se com o interesse, envolvimento e participação em quase todos os momentos do dia. De acordo com as minhas observações diárias, o grupo de crianças é bastante dinâmico, comunicativo e participativo. Os elementos do grupo revelam, de um modo geral, especial interesse por atividades do domínio da educação artística, principalmente pelas artes visuais e pela música.

Posso destacar, ainda, que são crianças bastante afetuosas e carinhosas. A autonomia é, também, um aspeto presente no grupo, visto que esta era uma, competência promovida pela educadora cooperante:

Quando as crianças vão para a mesa fazer uma atividade, vão buscar o material que precisam, desde folhas a canetas ou lápis, sem pedirem o auxílio do adulto. Os materiais estão ao nível das crianças, permitindo, assim, que estas os possam ir buscar autonomamente (Nota de campo, 03 de outubro, sala de atividades).

O facto de a maior parte das crianças terem frequentado este estabelecimento, é positivo, pois significa que já estavam familiarizadas com os seus espaços, rotinas e regras e, desta forma, "poderão, ao potenciar uma maior previsibilidade e/ou antecipação de padrões de acção e interacção social, garantir comportamentos e desempenhos mais adequados" (Ferreira, 2004, p. 77). Assim, este grupo é capaz de seguir as regras pré-estabelecidas por todos (equipa educativa de sala e crianças), no

entanto, alguns elementos tentam contrariar esta tendência e testar os limites impostos pelo adulto.

Quanto às fragilidades do grupo posso destacar a dificuldade em se concentrar e em escutar o outro, particularmente, nos momentos de reunião no tapete. Ainda outra fragilidade diz respeito ao domínio socioemocional levando à existência recorrente de conflitos entre pares, relacionados com a dificuldade na partilha de materiais não só da sala, como também os brinquedos que traziam de casa. Deste modo, o grupo procurava bastante os adultos para as apoiar e ajudar na superação das contrariedades que surgem, uma vez que, nem sempre, conseguiam fazê-lo autonomamente.

2. REFLEXÕES DIÁRIAS E SEMANAIS

Nesta secção são apresentadas as reflexões diárias e semanais, recorrendo aos aspetos que considere mais pertinentes, refletindo sobre os mesmos e fundamentando-os teoricamente.

2.1. Reflexões Diárias

25 de setembro

Neste primeiro dia de observação, nós, estagiárias, fomos recebidas pela Assistente Operacional M., que nos encaminhou para o corredor das salas de atividades do JI, onde nos pediu que aguardássemos pelas Educadoras Cooperantes. Como seria de esperar, estava um pouco expectante e até um pouco nervosa, o que considero normal, visto que não conhecia o contexto, nem a equipa pedagógica.

Após alguns minutos, chegou a Educadora Cooperante C., e a Educadora Cooperante M., estas apresentaram-se e colocaram-nos logo à vontade para qualquer tipo de questão, deixando-me bastante aliviada e mais descontraída.

Quando entrei na minha sala (Sala 2), ainda não estava nenhuma criança presente, no entanto ao pouco estas foram chegando e foram-se sentando no tapete, ao que eu me juntei a elas. Como era de esperar, algumas crianças ficaram bastante intrigadas com a minha presença, no entanto outras começaram logo a perguntar-me qual o meu nome, a minha idade e onde morava. Até todas as crianças terem chegado, continuei a conversar com algumas crianças (principalmente, a S. e o A.), e

fui descobrindo algumas coisas sobre eles, como as suas idades, onde moravam e se já tinham andando naquela escola.

Quando todo o grupo se reuniu no tapete, a educadora facilitou a minha apresentação ao grupo, explicando que eu era uma nova professora que ia estar com eles e dizendo: “A Marta é igual à M. (educadora) e à E. (assistente operacional), têm de a ouvir”. Penso que esta abordagem foi fundamental para que o grupo compreendesse que eu viria a ser uma figura de referência e para que eu me sentisse mais à vontade na gestão do grupo. Após a minha apresentação, cada criança do grupo disse o seu nome e idade, pelo que pude reparar que as crianças com 3 anos ficaram mais envergonhadas.

Visto tratar-se de um grupo heterogéneo (realidade que nunca tive oportunidade de presenciar), as idades compreendem-se entre os 3 anos (7 crianças), 4 anos (4 crianças) e 5 anos (7 crianças), fazendo no total 18 crianças. Pude observar que a organização dos lugares no tapete é feita consoante as idades, isto é, as crianças sentam-se em roda, começando numa das pontas as crianças de 3 anos, depois as de 4 e a roda termina com as crianças com 5 anos. Pude, também, observar que as crianças, principalmente as de 5 anos, já sabem a dinâmica do tapete e dos lugares que lhes são atribuídos, pelo que, quando me sentei no tapete, a S. me disse: “Sabes Marta, aí é o lugar do T.” Perguntei se me poderia sentar até ao T. chegar e a S. disse-me que sim. Entretanto, percebi que esta reunião matinal faz parte da rotina e é aqui que todo o grupo partilha pensamentos, conversa sobre as atividades da sala e conversa sobre o plano do dia.

Finda as apresentações, a educadora cooperante começou por cantar a canção dos bons dias, ao que o grupo cantarolou muito animado. Após a canção dos bons dias, a educadora lembrou a estação do ano que tinha começado na sexta-feira (o grupo todo reconheceu que era o outono) e disse que tinha uma surpresa para mostrar. O grupo ficou muito entusiasmado e a educadora mostrou uma caixa que tinha várias folhas, de várias cores, que faziam lembrar as cores do outono. Para além das folhas, dentro da caixa, havia, também, um cd que continha uma música sobre o Outono. Aprendemos, então a canção e ao fim de algumas repetições, algumas crianças do grupo já conseguiam cantarolar algumas partes. Ao observar esta atividade, pude concluir que o grupo se interessa bastante por músicas. Esta observação é para mim muito importante, pois faz-me perceber quais os maiores interesses do grupo.

De seguida, a educadora disse que ao grupo que podiam ir brincar nas áreas. A educadora deu oportunidade de escolha a cada criança, no entanto o grupo tinha de respeitar o número limite por área (3 crianças na maioria das áreas, exceto na área

dos jogos de mesa e do desenho – 5 crianças). Algo que achei muito importante observar foi o facto de a educadora ter presente a zona de desenvolvimento proximal, pois esta procura sempre que esteja uma criança mais velha, com outras crianças mais novas, seja a brincar nas áreas ou explicar algo. Assim, as crianças mais velhas ajudam as mais novas a compreender melhor as rotinas da sala e as regras estabelecidas pela educadora.

Quando as crianças foram brincar nas áreas, pude observar com melhor atenção o espaço, às áreas definidas e as escolhas do grupo. Pude, então, concluir que a sala se divide em 8 áreas (área da casa, da garagem, dos jogos de mesa e jogos de chão, do desenho/plástica, do desenho no quadro, da quinta e da leitura). Em conversa com a educadora cooperante, esta referiu que queria criar outras áreas, como a área das ciências e da matemática, no entanto como estávamos no início do ano letivo e como a educadora ainda estava a conhecer o grupo, optou por criar essas mesmas áreas mais tarde.

Por volta das 10h30, é a hora da higiene, em que o grupo vai todo junto à casa de banho. Ao contrário do que pude observar em creche, o momento de higiene é um momento muito mais rápido e em que a ligação com as crianças não é tão notória como em creche, o que também é normal. De seguida, o grupo voltou para a sala para comer o lanche da manhã; pelo que pude observar, o JI oferece o leite a cada criança, mas nem todas as crianças bebem, só quem quer. Ainda, uma das crianças, a M.R. tem uma alimentação variada, não podendo comer alguns alimentos. Após o lanche da manhã, o grupo foi brincar para o exterior, durante mais ou menos meia hora. Algo muito positivo, foi o facto da sala de atividades ter ligação direta com o exterior, o que torna tudo mais acolhedor e facilitador, pois as crianças podem ir ao exterior mais facilmente. Quanto ao espaço exterior, este é amplo e relativamente grande, visto ser apenas destinado às duas salas de JI. No entanto, penso que não é de todo rico em recursos materiais, ou seja, é apenas um espaço exterior, sem escorregas, baloiços, entre outras coisas mais simples, como arcos ou bolas. Penso que é importante salientar que o momento do recreio foi um momento muito importante para estabelecer ligações com o grupo, pois pude conhecê-los um pouco melhor e brincar bastante com eles. Sinceramente, penso que é, muitas vezes, a brincar que conhecêssemos melhor as crianças, pois estas estão na sua atividade natural, tornando tudo mais fácil. Sendo assim, procurei envolver-me nas brincadeiras com as várias crianças e até explorar o faz de conta com a “criação” da banca dos gelados, em que eu era a vendedora de gelados e eles os clientes. Ainda, com uma postura mais observadora, pude observar, também, algumas brincadeiras das crianças e quem brinca mais sozinho ou mais acompanhado. Ainda, neste momento de recreio, a educadora não está presente, pois

encontra-se no momento da pausa, sendo que as crianças de ambas as salas ficam ao encargo das assistentes operacionais.

Após o recreio, o grupo regressou à sala e a educadora reuniu com o grupo no tapete, conversaram sobre o momento do recreio e, passado alguns minutos, o grupo foi de novo à casa de banho e, logo depois, foi para o refeitório almoçar. No refeitório, as crianças sentam-se em duas mesas diferentes, em que numa mesa ficam as crianças de 3/4 anos e na outra mesa ficam as de 5 anos. Pela minha observação, reparei que o momento de refeição é um momento calmo, porém existem algumas crianças com mais dificuldade a comer, principalmente as mais novas. Como faço a hora de almoço da educadora, não consigo acompanhar o almoço completo do grupo, no entanto, espero poder acompanhar algumas vezes, pois acho que é um momento muito importante.

À tarde, a educadora voltou a reunir com o grupo no tapete e explicou que iam fazer uma pintura do outono com os dedos (digitinta). A educadora mostrou o desenho de uma árvore e explicou como iriam fazer a pintura. Após a explicação a educadora chamou algumas crianças para começar a atividade, enquanto as restantes brincavam nas diversas áreas. Como gosto de ter uma postura mais ativa questionei a educadora se poderia ajudá-la na atividade, ao que esta respondeu afirmativamente, o que me deixou muito animada. Sendo assim, sentei-me junto de algumas crianças e pude ajudá-las na realização da tarefa. Ao ter observado e ajudado o grupo, pude também concluir as diferenças notórias entre as crianças mais velhas e as crianças mais novas, o que é perfeitamente normal, pois todas as crianças de 3 anos estão pela primeira vez em contexto escolar. A grande diferença, nesta atividade, teve que ver com a exploração sensorial em que as crianças mais novas sentiram mais necessidade de colocar a mão toda na tinta ao invés dos dedos.

Para concluir, gostaria de salientar que a minha primeira impressão sobre a equipa de sala, o grupo de crianças e toda a instituição foi bastante positiva, pois senti-me integrada e envolvida em todos os momentos, ainda que estivesse um pouco ansiosa com esta nova etapa e, por isso, um pouco tensa. Ainda assim, procurei estabelecer uma boa relação com toda a gente, nomeadamente, com as crianças, que se mostraram bastante à vontade com a minha presença.

26 de setembro

Na terça-feira, cheguei à sala de atividades um pouco antes das 9:00 e, como a educadora cooperante ainda não tinha chegado, entrei na sala para vestir a bata, voltei a sair e fui sentar-me ao lado dos cabides. Passado alguns minutos, começaram a aparecer algumas crianças, umas acompanhadas pelos pais e outras pelos avós. A

avó do A. quando me viu, cumprimentou-me e disse-me que o lanche que o A. trazia era apenas para o prolongamento, deu um beijinho ao A. e foi embora. O facto da avó do A. me ter dado o recado, deu-me alguma confiança, pois significava que tinha criado alguma empatia.

Já com a presença da educadora, as crianças, à medida que iam chegando, iam entrando na sala e sentavam-se no tapete. Eu sentei-me, também, no tapete e estive à conversa com o grupo, perguntando-lhes o que tinham comido ao pequeno-almoço e quem os foi levar à escola. De seguida, perguntei ao grupo se queria ouvir uma história, o grupo disse que sim e optei por deixá-los escolher a história. O grupo mostrou-se interessado e foi bastante participativo, durante a leitura da história. Ainda, neste momento em que estava a intervir com o grupo e após a leitura da história, incitei o grupo a ensinar-me a cantar a canção dos bons dias, ao que o grupo cantarolou alegremente.

Após esta minha pequena intervenção, a educadora explicou ao grupo o que iriam fazer, que consistia em recortar a árvore que tinham pintado no dia anterior e colar numa folha. Também, nesta atividade estive a apoiar a educadora, principalmente com as crianças mais pequenas. Através das minhas observações, pude constatar que as crianças de 5 anos recortaram e colaram a árvore sem precisar da intervenção do adulto, enquanto as de 3 e as de 4 anos necessitaram de ajuda. Ainda, verificar que todas as crianças com 5 anos conseguem escrever o nome sem recorrer ao papel para copiar, salvo a exceção de uma criança. As crianças de 4 anos, também precisam de ajuda para escrever o nome, enquanto as de 3 anos não escrevem de todo o nome, escrevendo a educadora por elas.

No recreio da manhã, acho importante referir um momento e refletir um pouco sobre este:

A M.R. veio ter comigo com imensas folhas das árvores na mão.

M.R: Marta, olha!

Eu: Uau, tantas folhas do Outono. Queres que a Marta guarde?

M.R: Quero. Podemos pôr na sala?

Eu: Claro, a Marta vai guardar. Olha se quiseres, podemos fazer alguma coisa com estas folhas, o que achas?

M.R: Sim, eu quero.

Eu: Então, depois do recreio pensamos juntas no que podemos fazer.

A M.R voltou a ir brincar e eu fui guardar as folhas dentro da sala.

Penso que este momento foi muito importante, não só pelo facto da M.R. ter mostrado vontade de partilhar comigo, o que encontrou no chão do recreio, como também pelo facto de conseguir ir ao encontro dos seus interesses e poder fazer com que esta se sentisse valorizada e ouvida.

Quando terminou o recreio, o grupo foi todo para dentro e foi brincar nas diversas áreas. A M.R veio ter comigo e perguntou-me pelas folhas, eu fui buscar as folhas e sugeri que as colássemos numa folha colorida. A M.R. gostou muito da ideia e disse: “é para mostrar à mãe”.

Depois do almoço, a educadora reuniu com o grupo no tapete e pediu à M.R. que mostrasse o trabalho que tinha feito comigo O grupo mostrou-se muito interessado e quis fazer também, então a educadora disse-me que eu estava à vontade para fazer a atividade com o restante grupo. Fiquei muito contente e fiz, então, a atividade com o grupo; fui com eles apanhar folhas ao espaço exterior e acompanhei/apoiei toda a atividade, dando maior ajuda aos mais novos, visto não terem tanta facilidade em recortar/colar. No final, eu e a educadora afixámos a colagem, fora da sala, como se pode ver na imagem abaixo apresentada:



Senti-me muito bem ao realizar esta atividade espontânea com o grupo, pois acho que não precisamos de ter sempre tudo planificado, é preciso deixar que as coisas aconteçam naturalmente e dar realmente voz aos interesses das crianças. Também fiquei muito contente pelo facto da educadora me ter dado liberdade de intervir.

Em suma, penso que o segundo dia de PPS foi muito significativo, pois senti-me ainda mais à vontade com o grupo e com a equipa educativa, no entanto ainda sinto dificuldades em me impor como figura de referência, principalmente na gestão de conflitos.

27 de setembro

Por volta das 9h cheguei à sala de atividades e disse para quem estava perto da sala (pais e crianças) “Bom dia!”. As crianças e os pais responderam e algumas crianças vieram abraçar-me e dar-me um beijinho, o que é bastante positivo e me deixa muito contente.

Entretanto, após termos entrado dentro da sala, oiço uma criança a queixar-se na área da casinha, dirijo-me ao local e questiono:

Eu: “O que se passa?”

EM: “O A. bateu-me a magoou-me.”

Eu: “A., tens de pedir desculpa à amiga, não é?”

A: (Permaneço em silêncio)

Eu: “Quando magoamos os amigos, temos de pedir desculpa, não é?”

A: “Desculpa” (Abraçando a amiga)

Eu: “Pronto, já passou!” (Dou “mais cinco” às duas crianças, que me sorriem).

Na minha opinião esta minha intervenção pontual na gestão de conflitos é fundamental, para que as crianças compreendam a importância da sua resolução e, gradualmente, sejam capazes de a realizar sem a intervenção de um adulto.

Ainda de manhã, no tapete a educadora explicou ao grupo o plano do dia. Iam colocar no caderno dois recados para mostrarem aos pais, um da educadora e um meu. A educadora explicou que o seu recado era sobre o dia da fruta (todas as sextas-feiras), em que iam recortar frutas e colar no caderno, para os pais saberem. (a educadora disse-me ainda que às sextas-feiras ao invés de beberem o leite, as crianças levam uma peça de fruta à sua escolha para comer no lanche da manhã). De seguida, coube-me a mim explicar o meu recado. Eu expliquei ao grupo que o meu recado era sobre a minha presença na sala, “vocês já sabem todos o meu nome, mas os vossos pais ainda não sabem, portanto a Marta tem de lhes dizer”, eles mostraram-se muito animados e alguns disseram que iam mostrar aos avós.

Antes da hora do almoço, a educadora explicou que à tarde o grupo ia ter uma surpresa, pois era a semana europeia do desporto e a tarde ia ser passada a fazer jogos no recreio.

Algo que me despertou curiosidade e interesse, desde o primeiro dia no contexto, foi a biblioteca. Como adoro histórias e acho que são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da criança a vários níveis, optei por ir visitar a biblioteca, enquanto o grupo estava a brincar no recreio da manhã. Penso que a biblioteca é bastante positiva, pois apresenta livros de várias categorias, como prosa, poesia, literatura portuguesa e estrangeira, livros mais específicos das ciências, das artes e da música. Como tal, explorei alguns livros, principalmente os que achava serem mais adequados

ao grupo de crianças na qual me encontro a estagiar. Anotei algumas ideias e alguns livros que poderia explorar com o grupo e voltei para o recreio.

Na hora do almoço, optei por ficar mais tempo (meia hora), para poder acompanhar o grupo, criar mais ligações e observar também o seu comportamento, pois a hora da refeição é uma hora mais tranquila e em que o grupo se sente mais “livre”, para poder conversar uns com os outros, enquanto comem.

Durante a tarde deu-se, então, a tarde do desporto, que não englobou apenas o JI, como todas as salas do 1º ciclo, o que acho muito importante, pois é essencial que haja uma boa articulação entre estas duas valências.

Ambas as salas de JI dirigiram-se até ao refeitório, onde estava montada uma gincana (a gincana foi realizada no refeitório, no entanto o espaço do refeitório é grande e o último terço desde é destinado à expressão motora). As crianças sentaram-se de frente para a gincana e as educadoras começaram por explicar o circuito montado e pediram a duas crianças para exemplificar. Após a demonstração, as crianças começaram a realizar o circuito. Penso que a gincana estava adequada aos grupos, no entanto acho que o tempo de espera era muito, pois houve crianças que esperaram vários minutos até realizar a tarefa, o que levava a dispersão de algumas crianças. De um modo geral, pude observar que todas as crianças se divertiram imenso, foi visível a alegria estampada nos seus rostos, os risos e a forma como encaram tudo aquilo, algo tão simples, mas que lhes disse muito. Após a gincana, dirigimo-nos para o exterior para realizar o jogo das cadeiras. Primeiramente, jogaram os mais velhos de cada sala (5 anos e alguns com 4 anos) e depois as restantes crianças. Foi possível observar que o jogo das cadeiras funciona melhor nas idades 4-5 do que nas crianças com 3 anos, não só porque ainda não conseguem entender a dinâmica do jogo, como também o desenvolvimento motor é diferente.

Algo que gostaria de referir e que acho que foi um momento muito engraçado, não só para as crianças, como também para os adultos, foi o facto de, quando as crianças de 3 anos se encontravam a jogar ao jogo das cadeiras, estas corriam muito longe das cadeiras, pois para elas o importante era estar ao ar livre a correr e a brincar com os amigos.

Em suma, acho que esta tarde de quarta-feira foi super alegre e divertida, não só para as crianças, como para todos os adultos presentes. É super importante, a meu ver, que as crianças brinquem fora das quatro paredes da sala, que contactem com outras crianças e que façam atividades fora da sala, pois o meio exterior é rico e potencializador de várias aprendizagens.

28 de setembro

Quando cheguei ao jardim-de-infância, perto das 9h, dirigi-me para a sala e fiquei à espera da educadora e das crianças. Quando as crianças foram chegando, senti que estas iam ficando, de dia para dia, mais contentes por me verem, algumas corriam até mim e davam-me um enorme abraço e os pais observavam muito alegres, e até a avó da M.S. disse “ah ela gosta muito de si”, o que me deixou muito contente, pois para mim é essencial estabelecer uma ligação de confiança e segurança com as crianças e com as famílias.

Quando todas as crianças da sala chegaram, a educadora começou por cantar a canção dos bons dias e por perguntar se tinha corrido tudo bem no prolongamento. Foi possível observar, não só hoje, como durante toda a semana, que as crianças mais novas (3 anos), não aguentam muito tempo sentadas no tapete, algo que é de esperar. Sendo assim, muitas vezes a educadora está a conversar com o grupo e algumas crianças estão deitadas no tapete ou a rir com os amigos. Acho que a postura da educadora é de muita calma e de muita compreensão, o que torna tudo mais harmonioso e mais calmo para todos.

Entretanto, chegou a E. (assistente operacional) e comentou comigo e com a educadora que há pais que quando as crianças levam recados para casa, que assinam, para a educadora saber que eles viram. Depois a E. saiu e foi ver se todos tinham trazido os cadernos e veio ter connosco (adultos e crianças) ao tapete e disse: “Marta, tenho um recado da mãe do G.V. para ti”, eu fiquei bastante curiosa e a E. leu o recado, em que a mãe me desejava muita sorte durante toda esta caminhada e que podia contar com ela para o que precisasse. Após a leitura do recado, fiquei muito agradecida e senti muita felicidade.

Durante a manhã, visto termos demorado muito tempo no tapete, o grupo brincou nas variadas áreas, até ir lanchar e ir para o recreio. Algo que tenho observado é que existem crianças que vão sempre para as mesmas áreas, e existem áreas que não são muito escolhidas pelo grupo. Esta é uma questão a refletir e vai ao encontro da minha questão de investigação que se prende com o ambiente educativo e qual o seu contributo no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Desta forma, a educadora já começou a explicar ao grupo que não podiam brincar sempre nas mesmas áreas, que tinham de escolher áreas diferentes, porém é algo que nem sempre acontece.

Da parte da tarde, optei por ir à biblioteca escolher um livro para contar ao grupo, isto porque, pelo que tenho observado, a educadora não tem muito a rotina de ler uma história às crianças. Achei que era interessante contar-lhes uma história logo no início da tarde, de modo a ser, também, um momento de retorno à calma (visto que o grupo vem do recreio da tarde). Deste modo, pedi ao grupo que se sentasse no tapete e mostrei-lhes a capa do livro e eles mostraram-se muito entusiasmados. À medida que

ia lendo a história, consegui entender que o grupo gosta muito de ouvir histórias e que é também muito participativo, questiona algumas coisas, comenta outras, o que é muito importante. Senti-me muito confortável na leitura da história e acho que é algo que vou repetir mais vezes, trazendo ao grupo histórias novas, nas quais podemos explorar várias áreas, através da história.

Durante a tarde, o grupo esteve a terminar uma atividade com a educadora e, desta vez, eu optei por ir brincar nas áreas com as crianças, ao invés de estar a auxiliar na atividade. Isto porque, se aprende muito com e sobre as crianças, quando estas se encontram na sua atividade natural, que é o brincar. Ao explorar algumas áreas e ao interagir com algumas crianças, tive uma conversa muito interessante com duas crianças, de 5 anos, na área da quinta:

Eu: Vocês gostam da vossa quinta?

S: Sim, tem alguns animais.

Eu: Gostavam que a quinta tivesse mais coisas?

A: Sim, porque na quinta não temos só animais.

S: Pois, temos pessoas e terra.

Eu: É verdade! Se calhar devíamos arranjar mais coisas para a quinta, o que acham?

S: Sim, eu gostava muito.

A: Eu também.

De facto, quando observei a sala, dei por mim a pensar que a área da quinta, não era uma área que fosse muito ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, pois é apenas um espaço pequeno, com uma quinta em madeira e alguns animais. Pelo que, optei por questionar as duas crianças que lá se encontravam para saber o que achavam da sua quinta. Achei muito curioso o facto delas se aperceberem que a quinta não tinha só animais e que podiam haver mais coisas na quinta. Penso que seria interessante trazer ou fazer outros materiais que pudessem enriquecer aquela área, pois uma área tem de fazer sentido para as crianças e não existir só porque sim.

29 de setembro

Na sexta-feira, o dia começou, como de costume. Os pais e avós foram levar as crianças até à sala, estas sentaram-se no tapete a folhear livros até todos terem chegado e deu-se a habitual reunião da manhã.

Como à sexta-feira é o dia da fruta, foi pedido aos pais que trouxessem uma peça de fruta. Esta rotina serve para alertar para um estilo de vida mais saudável, sendo que a educadora comentou que gostava de fazer o dia da fruta, mais dias por semana, no entanto para já mantinha-se a sexta-feira. Como tal, as crianças estavam entusiasmadas e falavam das frutas que tinham trazido.

Após a conversa sobre a fruta, a educadora explicou ao grupo o que iriam fazer e o que tinha trazido para eles. Então a educadora tirou da caixa folhas como o nome de cada criança e ia perguntando “de quem é este nome?”, ao que as crianças mais velhas iam respondendo, muito contentes por reconhecerem o seu próprio nome. A educadora, após o reconhecimento dos nomes, explicou que iam desenhar o que quisessem ao lado do nome e que esse papel iria servir para começaram a escrever o nome todo e para os ajudar no reconhecimento das letras.

Antes de o grupo ir brincar para as áreas, aconteceu uma situação no tapete que achei muito engraçada:

A educadora estava a perguntar às crianças em que áreas queriam ir brincar. Quando estava a chegar a vez do G., o Af. disse-lhe baixinho:

Af: escolhe jogos de chão, escolhe jogos de chão.

(entretanto a educadora pergunta ao G. a área que ele queria)

G: jogos de chão.

Educadora: Muito bem! E tu Af.?

Af: jogos de chão.

As duas crianças olham uma para a outra e riem-se.

Achei muito curioso este diálogo, pois de facto as relações que as crianças estabelecem umas com as outras influenciam as suas escolhas.

A manhã passou então com algumas crianças do grupo a brincarem nas áreas e outras a fazer o desenho na atividade com a educadora.

Durante o resto da tarde foi também tudo muito parecido, no entanto eu estive a acabar a atividade que a educadora iniciou de manhã. Sinto-me muito bem a fazer atividades com o grupo e sinto que tenho à vontade e autonomia para o fazer, sem precisar que a educadora me peça. Claro que eu pergunto se posso ajudar, mas em alguns casos eu ajudo automaticamente e eu penso que isso me ajuda a crescer.

No final do dia, reuni-me com a educadora e comentei que tinha gostado e aprendido muito, que tinha sido uma semana maravilhosa e que me tinha sentido muito bem recebida. Ainda, perguntei à educadora se poderia realizar uma atividade

com o grupo, que tinha que ver com a realização de um gráfico pictograma, sobre as frutas; a educadora achou a ideia ótima e disse-me que estava à vontade para o fazer.

02 de outubro

Segunda-feira é sempre um dia um pouco difícil, pois no fim-de-semana as crianças estão com as famílias e as rotinas são diferentes. No entanto, o grupo esteve muito calmo durante todo o dia; aliás, desde que estou em contexto, penso que foi o dia em que o grupo esteve mais calmo.

Entre na sala, um pouco antes das 9h e passado uns minutos apareceu a educadora cooperante e mantivemos uma pequena conversa sobre o fim-de-semana e sobre o que iríamos fazer esta semana. As crianças foram chegando aos poucos e vieram ter comigo, dando-me beijinhos ou abraços e pediram-me para contar uma história. Esta reação por parte das crianças deixou-me muito contente, pois quer dizer que a relação que estou a construir aos poucos com elas está a ser muito positiva.

Quando o grupo, a educadora e eu nos reunimos o tapete, cantamos a canção dos bons dias e falamos um pouco sobre o que tinha acontecido no fim-de-semana, o que tinham feito, onde tinham ido, entre outras coisas. Ainda, a assistente operacional A. veio avisar que 3 meninos da nossa sala não iam estar presentes, porque estavam doentes.

Ainda, durante a reunião habitual no tapete foram introduzidos na sala o mapa do tempo e o mapa das presenças. A importância destes dois novos instrumentos prende-se com a promoção da autonomia e, também, na cooperação entre pares. A manhã foi então passada a explorar estes dois novos instrumentos de pilotagem; a educadora foi explorando primeiro o mapa do tempo, um mapa que para além do estado do tempo, tem indicação da data e da estação do ano. De seguida, a educadora apresentou o mapa das presenças e o grupo manteve-se muito animado. Há que salientar que a educadora foi pedindo a ajuda das crianças, para identificarem o estado do tempo e questionou-as sobre qual a estação do ano em que nos encontrávamos. Como a introdução destes novos instrumentos demorou mais do que o previsto, o grupo não teve tempo para ir brincar pelas diversas áreas, pelo que foi logo à casa de banho, de seguida foi lanchar e foi para o exterior, durante meia hora.

Durante a manhã, estive, também a auxiliar a educadora. Esta estava a realizar “bolsas” para colocar os nomes das crianças, para que estas reconheçam o nome e as letras e possam entrar em contacto com as mesmas, quando quiserem.

Quando o grupo regressou do recreio foi brincar para as diferentes áreas e eu fui ter com a Lu e com a M.R. à área da leitura e estivemos as três a folhear livros e a contar, juntas, algumas histórias.

Hoje, quando estávamos a caminhar para o refeitório ouvi o T. a dizer:

T: Marta está a cair-me um dente.

Eu: Mostra-me!

(G.V ri-se)

T: Estava a brincar, não tenho nenhum dente a cair.

G.V: Pois não! (risos)

Eu: Mas podias ter, não é? Qualquer dia começam a cair os teus dentinhos.

T: Pois é, e depois vem a fada dos dentes dar-me um presente.

Eu: Ai vem? Ela existe mesmo?

T: Claro que sim.

Eu: Muito bem, eu acho que devíamos ir saber mais coisas sobre os dentes.

T. e G.V: Sim!

Esta pequena conversa com o T. e com o G.V foi muito interessante, não só pela alusão à fada dos dentes, como pela certeza da sua existência, como algo mágico e misterioso. Visto que o grupo não está habituado a fazer trabalhos de projeto, achei que podia intervir e questionar sobre este assunto, do qual recebi uma resposta muito positiva. Talvez, seja um tema a pensar para um projeto com o grupo.

Da parte da tarde, a educadora realizou com o grupo uma massa de cor azul. O grupo ficou sentado nas cadeiras à volta da mesa e eu e a educadora ficamos à sua frente, de modo a que estes pudessem ver a realização da massa. A educadora começou por pedir ajuda ao grupo, para que identificassem os ingredientes e eu fui ajudando, mantendo uma postura ativa, ajudando, também na confeção da massa.

Algo que achei muito positivo, prendeu-se com o facto de a educadora ter dado a cada criança do grupo a oportunidade de saborear o sal; a educadora questionou o grupo “será que é doce ou salgado?”, algumas crianças do grupo fizeram muitas caretas e houve até duas crianças que foram a correr beber a água. No fim, todos disseram que “é salgado”.

Quando a massa ficou pronta, a educadora e eu distribuímos pelo grupo de crianças uma pequena porção, e o grupo ficou muito animado a mexer na massa de cores. Enquanto o grupo estava a brincar com a massa, a educadora registou os procedimentos, com a ajuda do grupo, questionando sobre os ingredientes que usamos e o que fomos fazendo até ter a massa.

A tarde foi passada, então, a explorar a massa e a brincar nas áreas. Foi mais um dia muito interessante e positivo, em que me senti cada vez mais próxima das crianças e, também, dos adultos.

03 de outubro

Hoje, quando cheguei ao contexto, a assistente operacional M. veio abrir o portão e atrás dela veio a S. a correr e a chamar pelo meu nome:

Eu: Olá S. estás boa? (dei-lhe um abraço)

S: Sim, ontem estava doente e foi por isso que não vim.

Eu: Pois foi! Hoje já estás melhor?

S: Sim, mas ainda tenho um pouco de tosse.

Eu: Vais ver que vais ficar muito melhor.

Achei muito importante o facto de a S. ter vindo ter comigo e sentir a necessidade de me contar, o que me fez sentir importante para ela.

Por volta das 9h, o grupo entrou na sala e sentou-se no tapete a folhear os livros. Algo que eu e a educadora notamos foi que o grupo estava muito irrequieto e talvez os livros não ajudassem a manter o grupo calmo. No entanto, o grupo manteve-se muito irrequieto, durante todo a manhã.

O facto de o grupo estar muito irrequieto fez com que a educadora estivesse sempre a interromper para mandar o grupo ficar em silêncio ou sentado. Penso que as crianças não aguentam muito tempo sentadas no tapete a ouvir o adulto falar; já é o segundo dia consecutivo em que o grupo de manhã não tem tempo para brincar, antes do recreio, o que lhes causa alguma inquietação. Porém, a educadora também me disse que não gosta de passar a manha no tapete, mas foi complicado gerir o tempo nestes dois dias, devido à introdução dos novos instrumentos da sala.

De manhã, então, a educadora chamou o T., para ser o responsável do dia, em que este tinha de marcar o tempo, colocar a data e ajudar os amigos a marcar as presenças. O T. foi muito responsável nas suas tarefas e ajudou muito os amigos, principalmente os mais novos, em que os ajudava a agarrar na caneta para fazer a cruz no quadrado certo.

Pouco antes do recreio, a educadora explicou ao grupo que estava na altura de numerar as áreas e que ia precisar da sua ajuda. Sendo assim, 3 crianças foram para a mesa e estiveram a fazer a numeração da área das construções: as crianças recortaram letras de revistas da palavra “construção” e colaram numa cartolina, de seguida a educadora escreveu o número 3 e as crianças colaram papel por cima do que a educadora tinha escrito e, ainda, fizeram 3 desenhos, de modo a representar o número máximo de crianças naquela área.

Depois do recreio, o grupo foi brincar nas diversas áreas e eu estava sentada perto do T. e da S., e surgiu uma conversa muito engraçada:

T: Eu faço anos dia 24.

Eu: Mas é só em Janeiro, não é?

T: Sim. Vou fazer 6, depois, 7, 8, 9 e 10.

S: Pois é, eu também.

T: Marta, quando fizer 10 anos vou ter um telemóvel.

Eu: Vais? Que sorte.

T: Sim, agora não tenho porque ainda sou pequeno.

S: Eu uso o telemóvel da minha mana.

T: Mas ainda não podes, porque não tens idade.

S: Mas eu uso para jogar.

T: Sim, mas não podes ter facebook.

S: Mas no telemóvel da minha mana há facebook.

T: Está bem.

(T. e S. terminam a conversa e continuam a brincar)

Esta conversa foi muito curiosa, pois através desta consegui perceber que o T. já conhece a sequência dos números, pelo menos até dez e que já começa a ter noção de quantidade, dizendo que com 10 anos já mais crescido do que com 6 anos e, por isso, já pode ter telemóvel.

Durante a hora do almoço aconteceu também um momento que gostaria de destacar. O almoço hoje era peixe com batata cozida e couve e, a maioria do grupo, não quis comer as couves. Tentei convencer algumas crianças, dizendo que os legumes faziam muito bem à nossa saúde, no entanto esta estratégia não estava a resultar e comecei a dizer que se comessem as couves iam ficar muito fortes e que iam ficar com muitos músculos. Ainda, fui ter com algumas crianças e toquei-lhes no braço e disse “uau que músculo enorme”, as crianças iam rindo e lá comeram as couves. No entanto, algumas crianças acabaram por não comer as couves, de todo, o que me leva a crer que é um legume que não comem em casa, e que então estranham a sua consistência e forma.

À tarde, a sala teve uma surpresa muito agradável, a Professora K, foi à sala com os seus alunos do 1º ano e estes cantaram as canções que tinham aprendido sobre a letra u, i, o e a. Ainda, após a canção, as crianças do 1º ano, escreveram no quadro as letras. O grupo com a qual estou a estagiar mostrou muito entusiasmo quando viu os “meninos crescidos” entrar na sala e cantar as canções; algumas crianças ficaram,

também, contentes pois viram os irmãos, que frequentam o 1º ano, Ainda, algumas crianças mostraram muita curiosidade em ver as letras escritas no quadro.

Fazendo o balanço do dia, este foi um pouco mais complicado, pois senti que o grupo estava irrequieto e muito saturado. Sinto, também, algumas dificuldades em gerir o grupo nestes momentos mais “agitados”, pois existem crianças que ainda me testam muito e que não fazem logo o que peço. Penso que isto vai mudando ao longo do tempo, mas sinto que é uma das minhas principais dificuldades.

04 de outubro

Hoje quando cheguei à sala, fui vestir a bata e voltei para fora para aguardar pelas crianças e pelas famílias. Quando abri a porta, encontrei a E. com o pai e fui cumprimentar o pai e dar um beijinho à E., perguntei se ela estava melhor (tinha estado doente) ela acenou afirmativamente e o pai disse que a E. já estava melhor, mas ainda tinha alguma tosse e que ela trazia um xarope para tomar, depois do almoço. Após breves minutos, a educadora chegou e começaram a chegar algumas crianças. A E. tem alguma insegurança quando chega à sala, e não quer deixar o pai ou a mãe ir embora, no entanto hoje fiz o que a educadora tinha feito há uns dias e sugeri à E que fôssemos à área da leitura, escolher um livro para ela ver; a E. só quis entrar com o pai, então depois dela e do pai terem entrado na sala, dei a mão à E. e fomos escolher um livro e ficamos sentadas no tapete, o pai ao ver que ela já estava mais calma e distraída, foi embora.

A adaptação ao JI é complicada, principalmente a quem entra pela primeira vez como é o caso da E., penso que nestes casos o importante é darmos segurança às crianças e aos pais, mostrando que estamos ali para ajudar.

Como ontem a marcação das presenças deu alguma confusão, eu sugeri à educadora que ao invés de marcarem as presenças no final da manhã, fossem marcando as presenças à medida que iam chegando à sala. Esta estratégia fez com que a marcação das presenças corresse de forma mais calma e ordenada; o grupo mostrou-se muito empenhado na sua marcação e quase todas as crianças do grupo reconheceram o seu nome no mapa.

A manhã hoje foi passada a brincar nas diversas áreas e a terminar de numerar as áreas, pois no dia anterior a educadora só tinha conseguido numerar uma área. Então, ofereci-me para ajudar a educadora a terminar a tarefa e estive com algumas crianças a fazer essa atividade. A atividade consistia em escrever a respetiva área (as crianças recortavam e colavam as letras numa cartolina), de seguida, escolhiam o que queriam colocar, consoante o numero limite de crianças na área (por exemplo, na área

da quinta só podem estar 2 crianças, então desenhavam ou dois animais ou duas crianças, etc.). Durante a atividade, procurei sempre que as crianças pudessem escolher o que queriam fazer, desde a cor, ao desenho que queriam realizar; acho que é importante ouvirmos sempre as crianças, pois elas têm sempre muito para nos dizer. Ainda, é importante darmos tempo para que esta pense no que gostava de fazer, pois as crianças não são todas iguais e têm ritmos diferentes e nós temos que saber respeitar e apoiar cada uma. Assim, a manhã correu de forma bastante tranquila, as crianças estavam muito animadas e esforçadas, dando sugestões e ideias para realizar a atividade.

Algo que gostava de referir é que algumas crianças da outra da sala de JI vêm ter comigo, principalmente no recreio e que sabem o meu nome e me pedem para brincar com elas. Acho que é importante conhecermos e darmos-nos a conhecer a todas as crianças, criando um clima de confiança e amizade, entre todas as crianças e não só na sala em que me encontro a estagiar.

À tarde aconteceu algo que gostava de referir:

Eu e a educadora estávamos reunidas com o grupo no tapete ao que a educadora diz: Meninos, temos de terminar a atividade das áreas, ainda falta fazer a dos jogos de mesa. Quem quer ir fazer?

T: Eu quero ir fazer com a Marta.

Eu sorri e acenei afirmativamente.

Educadora: Muito bem T. Mais alguém?

(algumas crianças colocam o dedo no ar e a educadora escolhe uma para vir terminar a atividade comigo)

Esta intervenção e vontade do T. de vir fazer a tarefa e especificar que é comigo que gostava de a realizar deixou-me muito contente, porque me fez sentir importante para ele. Ainda, senti que a minha relação com o grupo no seu todo e em cada criança individualmente está a aumentar de forma positiva, em que as crianças procuram-me cada vez mais para tirar uma dúvida, ajudá-las, ir brincar com elas, entre outras coisas.

Quando terminei a atividade, fui brincar para as áreas das construções, pois acho muito importante brincarmos com as crianças. Muitas vezes vemos salas de JI em que as educadoras não brincam com as crianças (ou porque estão ocupadas a fazer tarefas com outras crianças ou por outro motivo), no entanto acho fundamental que brinquemos com as crianças, que elas sintam que têm alguém ali com elas a brincar e

despertar a sua curiosidade; isto porque se aprende muito com a criança, mesmo esta estando a brincar.

Para terminar, hoje começaram as atividades extra curriculares no JI, sendo que há quarta-feira é o dia da educação física. Como tal, algumas crianças do grupo inscreveram-se nas atividades e, durante o dia, mostraram muito ânimo para as mesmas. Existem algumas crianças do grupo que não têm atividades, sendo que os pais ou avós as vêm buscar às 15h30.

06 de outubro

O dia de hoje foi, como sempre, um dia de novas aprendizagens e saberes. Todos os dias acontece algo de novo, aprendemos algo, tanto numa situação, como numa conversa com uma criança. Ainda, foi um dia em que não me sentia bem fisicamente, pois passei o dia com dores de dentes, o que acabou por afetar-me emocionalmente, no entanto mantive-me sempre ativa e próxima do grupo.

Da parte da manhã, reuni-me com o grupo no tapete falei-lhes da atividade que íamos fazer. Antes de começar a atividade, achei melhor fazer a recolha dos dados no quadro existente na sala. Quando planifiquei a atividade, pensei anotar num papel, mas assim o grupo não ia ter contacto direto com os dados, então optei por mudar de ideias e penso que resultou muito melhor, pois assim, o grupo teve contacto direto com a palavra escrita e com os números.

Assim, comecei por questionar individualmente cada criança sobre qual a fruta que esta tinha trazido e ia anotando o que estas me iam dizendo. Enquanto ia anotando, algumas crianças iam fazendo comentários às letras “tem um A, como o meu nome”, ou referência aos números “agora já são 3 peras Marta”. Após a recolha dos dados, o grupo contou todas as frutas (com alguma ajuda), mas a maioria das crianças parava no número 10.

Após a recolha, continuei a orientar a reunião habitual no tapete. Perguntei pelo responsável do dia, que marcou, então, o tempo, o dia da semana e, ainda, fez a contagem do grupo de crianças.

Hoje, não consegui estar o tempo todo no recreio com o grupo, pois a educadora solicitou a minha ajuda, para fazer algumas mudanças nas áreas da sala. Sendo assim, em conjunto com a educadora ponderámos como fazer essa mudança. Deste modo, mudamos quase todas as áreas de modo a que a área da leitura não ficasse no tapete; por consequência desta alteração, mudamos outras áreas, sendo que ao lado da área da leitura ficou a área dos jogos de mesa e onde estavam os jogos de mesa

ficou a área da casinha. Na minha opinião, a sala ficou muito mais ampla e muito melhor organizada. O grupo reagiu de forma muito positiva às novas mudanças, e até a S. aplaudiu quando entrou na sala.

Durante o resto da manhã, pedi a duas crianças do grupo (estas ofereceram-se), para escreverem o nome das frutas num papel, para dar continuidade à atividade do pictograma. Esta atividade não ficou concluída hoje, pois durante a tarde o grupo esteve numa sala do 1ºCiclo a ver um filme sobre a paz.

Ainda, hoje quando estava no refeitório a K disse-me:

K: Marta, ontem caiu-me um dente.

Eu: A sério? O que aconteceu?

K: Olha caiu e depois a fui dormir e a fada madrinha deixou-me uma moeda de chocolate.

Eu: De chocolate? Ai essa fada é uma gulosa.

(risos)

Achei interessante este diálogo, pois já não é a primeira vez que uma criança faz referência à fada madrinha ou aos dentes e penso que poderá ser um tema interessante para o projeto.

Durante a tarde, como tinha referido, o grupo foi ver o filme sobre a paz, para comemorar o dia da paz, e brincou nas diferentes áreas.

No final do dia, reuni-me com a educadora para falar das atividades que eu tinha pensado fazer e a educadora concordou e achou que eram boas atividades e que dava perfeitamente para eu as fazer na semana seguinte.

09 de outubro

Hoje, cheguei um pouco antes das 9h ao JI e fui plastificar algumas imagens que servirão para dinamizar uma atividade com o grupo na terça-feira. Passado alguns momentos, apareceu a educadora cooperante e estivemos a falar sobre vários assuntos. Às 9h ainda não tinha aparecido nenhuma criança, sendo que a primeira a aparecer (9h05) foi o A. que mal entrou na sala exclamou “aaaah”, olhando para toda a sala; ainda disse: “está tudo diferente”. Como o A. não foi ao JI na sexta-feira, não sabia das mudanças da sala e achei muito engraçada esta reação, pois fez-me perceber que ele gostou da “nova sala”. Aos poucos as crianças foram chegando e foram marcando as presenças.

No momento inicial do tapete cantamos os bons dias, falamos sobre o fim-de-semana e após esse momento a educadora apresentou um novo instrumento de

pilotagem: o mapa dos aniversários. A educadora explicou ao grupo como fez o mapa, o que queriam dizer as palavras escritas e os números; ainda a educadora pediu a cada criança que colocasse a sua fotografia (trazida pela educadora) no mês correspondente ao seu aniversário.

Após a apresentação do novo instrumento da sala, a educadora passou-me a palavra, pois eu tinha de terminar a atividade do pictograma com o grupo. Comecei por lembrar o grupo do que tínhamos feito na sexta-feira, falei sobre o dia da fruta e o grupo falou sobre algumas frutas das quais se lembrava. Depois, mostrei ao grupo as fotografias das frutas e perguntei quem queria ir pintar as frutas comigo. Várias crianças do grupo quiseram fazer, então vieram comigo para uma mesa para pintarem as frutas. Entretanto, após a pintura não houve tempo para mais nada, pois estava na hora da higiene, do lanche e do recreio da manhã.

Durante toda a manhã, o grupo manteve-se calmo, brincou nas áreas e algumas crianças estiveram comigo a dar continuidade à atividade. O recreio também foi calmo, já é o segundo dia que estão arcos no espaço exterior, o que é uma mais-valia, pois é algo com que as crianças não estão habituadas a ter ou a explorar, portanto hoje foi visível ver várias crianças a rodarem com o arco e a dizerem: “Marta, olha o arco”. O recreio é, também, um momento importante para continuar a fortalecer as relações com o grupo, pois posso juntar-me nas suas brincadeiras de forma mais natural.

À tarde, no tapete, voltei a lembrar o grupo do que tínhamos estado a fazer de manhã, e disse que precisava de ajuda para terminar o nosso trabalho. Tal como tinha acontecido de manhã, várias crianças do grupo levantaram a mão, para me virem ajudar. Para dar oportunidade a todos de participar na construção do pictograma, escolhi as crianças que ainda não tinham participado. A conclusão do pictograma foi acabada rapidamente e foi possível observar o interesse das crianças que ainda queriam pintar mais frutas ou ajudar qual tarefa fosse. Acho que é muito importante que as crianças se sintam motivadas, pois não faz sentido algum planificarmos uma atividade em que elas não se sintam importantes.

Durante o resto da tarde, após concluir com as crianças a realização do pictograma, fui brincar nas áreas com as crianças. A educadora durante a tarde reuniu com algumas crianças para fazer uma chuva de ideias do Outono, o que já tinham aprendido ou o que sabiam, para fazer um painel do Outono.

No final da tarde, na reunião final do tapete, fui buscar a cartolina com o pictograma e apresentei ao grupo. Perguntei o que estava na cartolina, o grupo deu várias respostas, como: “são as frutas”, “as frutas que trouxemos”, “pintámos as frutas”; de seguida, expliquei ao grupo que o que tínhamos feito era um gráfico, mas que este gráfico se chamava pictograma. Ainda, lembrámos juntos todo o processo,

desde a recolha dos dados, a construção do pictograma, que incluiu pintar, recortar e colar. De modo a finalizar esta atividade, perguntei ao grupo qual foi a fruta mais e menos trazida por eles; algumas crianças como o T., o GV, a S. e o A. responderam prontamente que a fruta que se repetia mais vezes era a maçã e a pêra, e então eram as frutas “que mais meninos trouxeram”. Algumas crianças do grupo, não conseguiram chegar a esta conclusão, sem a ajuda. No entanto, como foi a primeira vez que o grupo teve contacto com este tipo de atividade, penso que será uma boa estratégia mostrar mais vezes o gráfico e questionar as crianças em pequenos grupos.

O balanço que faço da atividade é bastante positivo, consegui fazer o que pretendia e o mais importante, fazer com que o grupo participasse ativamente na atividade e que se mantivesse interessado e motivado.

10 de outubro

Hoje a manhã foi atribulada, uma manhã diferente, pois hoje foi à escola o fotógrafo para tirar as fotografias anuais. O grupo chegou calmamente à sala e sentou-se no tapete; eu e a educadora estivemos à conversa com o grupo, até que chegaram à sala dois trabalhadores da junta de freguesia que foram retirar o aquecedor que estava pregado na parede, na área do tapete. A educadora já me tinha dito que não gostava que o aquecedor estivesse naquele local, pois era perigoso para o grupo; de facto, penso que não é um bom local para o aquecedor pois as crianças podem magoar-se facilmente.

A manhã foi, então, passada no tapete à espera que fosse o momento das fotografias. O grupo começou a ficar irrequieto, pois já estavam sentados à muito tempo; optei por contar uma história e cantar canções com eles, para que eles estivessem entretidos, pois tinham de estar sentados. Foi só por volta das 10h15 que o grupo subiu para uma sala de 1ºciclo (que não está a ser utilizada este ano) para tirar as fotografias.

A maioria do grupo esteve animado, durante a sessão, no entanto algumas crianças tiveram alguma vergonha e penso que foi um processo demorado e que algumas crianças não se sentiram muito à vontade. Após serem tiradas as fotografias individuais, as crianças tiraram a fotografia em grupo, com a educadora e com a assistente operacional. Para minha surpresa, fui convidada a tirar, também, a fotografia com o grupo; fiquei muito contente, pois não estava à espera e porque me fez sentir como parte do grupo.

Quando acabaram as fotografias, o grupo brincou no exterior até à hora do almoço. Durante o momento de brincadeira o grupo esteve bem-disposto, no entanto, o grupo continua a ter alguns conflitos. Estes conflitos, pelo que tenho conseguido

observar, prendem-se com a dificuldade que o grupo tem em gerir as suas emoções, quando algo não corre como eles esperam, quando querem um brinquedo que está a ser usado e que a maneira que encontram para resolver a situação é chorar ou bater nos amigos, ou então porque algum amigo não quis que outro amigo brincasse com ele. De modo a que o grupo consiga resolver estes conflitos, tenho tido uma postura mediadora, em que muitas vezes fico a observar o comportamento das crianças ou então intervenho, mas como mediadora do problema. Ainda, há uma criança, o Z.P., que entra em conflito com ele mesmo, quando não consegue realizar uma tarefa, ou quando é contrariado. O Z.P chora em quase todas as situações e é uma situação que a educadora anda a trabalhar, de modo a que este mude o seu temperamento.

Hoje era para ter dinamizado uma atividade, no entanto achei que o grupo estava muito ansioso, que precisava de brincar e não de ficar mais tempo no tapete, como ficou de manhã; falei, então, com a educadora e esta concordou comigo. Penso que é importante sabermos ver se o grupo está com motivação para fazer uma atividade ou não. Deste modo, a tarde passou calmamente, com o grupo a brincar nas diversas áreas.

No final do dia, aconteceu uma situação que gostava de referir:

O grupo estava a arrumar os brinquedos e o G.B foi lavar as mãos; de seguida correu até ao tapete pôs as mãos molhadas no puff que a educadora se costuma sentar. Quando o G.B viu que tinha molhado o assento, foi a correr buscar papel para limpar. Eu aproximei-me dele e ele disse muito aflito: “Marta, ajuda, ajuda, ajuda”, eu ajudei-o a limpar e a educadora foi-se aproximando do tapete e o G.B. quando a viu correu para trás de mim, a esconder-se, A educadora perguntou-me e eu disse o que se passou; a educadora olhou para o G.B e fez uma cara séria, mas não lhe disse nada. Então, o G.B começou a chorar e foi para o meu colo, até acalmar.

Achei esta situação diferente das que tinha observado no grupo. O G.B quando viu a educadora a aproximar-se ficou com medo que esta lhe chamasse à atenção, então escondeu-se para evitar esse confronto; ainda chorou agarrado a mim e eu acalmei-o, disse que estava tudo bem, mas ele continuou muito sério no tapete.

Quando as crianças começaram a ir embora, chegou a avó da S., a S. foi a correr ter com a avó e disse: “avó, esta é que é a Marta”, a avó olhou para mim, sorriu e disse: “Olá Marta, ainda não a conhecia”.

Achei este comentário da S. muito positivo, pois quis dizer que a S. falou de mim à avó, o que me fez sentir que a S. gosta de mim e da minha presença na sala.

11 de outubro

Quando cheguei à sala de JI, passado alguns minutos, chegou a E., hoje a E. não chorou para entrar na sala, eu fui ter com ela à entrada da sala, dei-lhe um beijinho, cumprimentei a mãe e disse: “anda E., vamos marcar a presença”, a E. deu-me a mão e entrou animada para dentro da sala. Desde que estou na PPS que a E. nunca tinha entrado na sala sozinha, sem a presença dos pais, portanto acho que hoje foi uma conquista a E. ter entrado comigo, sem chorar ou sem chamar pelos pais.

As crianças foram chegando e foram marcando as presenças; entretanto chegou a assistente operacional M. com duas crianças da minha sala e apontou para as cadeiras para estas se sentarem e disse que estas se tinham portado muito mal no acolhimento. Olhei para as duas crianças que estavam com um ar triste e a educadora conversou com a auxiliar e com as crianças acerca do sucedido.

A manhã no tapete começou, então, com a habitual canção dos bons dias, a marcação do tempo e do dia e a contagem das crianças presentes na sala. Após esse momento de rotina habitual eu disse ao grupo que tinha trazido uma história que achava que eles iam gostar; mostrei o livro “a casa da mosca fosca” e as crianças ficaram muito entusiasmadas. Conte a história calmamente e fui fazendo perguntas às crianças e incentivando a sua participação, visto que a história tem um padrão de repetição. O grupo reagiu muito bem à história e foi bastante participativo; no final da mesma fiz algumas questões sobre o desenrolar da história e o grupo respondeu acertadamente a todas as questões.

De seguida, distribuí o grupo pelas áreas e optei fazer a continuação das atividades da história à tarde, para não ocupar mais tempo no tapete. Como tal, o grupo brincou um pouco, até ir para o espaço exterior.

Ainda, antes do almoço as duas salas de JI foram à biblioteca ouvir uma história que a professora I. foi contar. Pelo que pude perceber em conversa com a educadora, a professora I. vai à escola de 15 em 15 dias e vais estar na biblioteca, não só a contar histórias, como também a organizar esse mesmo espaço. A história que a professora I. contou tinha que ver com a alimentação, com o intuito de introduzir o dia da alimentação, que se celebra na segunda-feira. As crianças ficaram muito animadas com a ida à biblioteca, para ouvir a história e foi um momento muito rico e agradável.

Hoje no momento da refeição, aconteceu algo que me deixou muito contente. Pela primeira vez, desde que estou em contexto de PPS, o M. deixou-me ajudá-lo a dar-lhe a sopa; o M. tem 3 anos e precisa de algum incentivo para comer a sopa, eu tentei ajudá-lo várias vezes, durante estas semanas, mas o M. nunca quis, pois só queria a educadora. No entanto, hoje tentei aproximar-me dele para ajudá-lo e ele aceitou

prontamente, o que me deixou muito feliz, pois quer dizer que a minha relação com o M. está a evoluir e que estou a conseguir construir uma relação de confiança com ele.

À tarde, com o grupo já no tapete, retomei à atividade da manhã e questionei o grupo sobre qual a história que tinham ouvido de manhã, quem tinha entrado na história, entre outras perguntas. Ainda, suscitei o interesse do grupo ao dizer que o príncipezinho tinha deixado uma coisa na sua caixa (a educadora usa esta estratégia, quando traz algo para o grupo, experimentei esta estratégia para ver se o grupo respondia igualmente bem, no entanto penso que devo usar outras estratégias, para inovar); o grupo ficou logo muito entusiasmado e começou a tentar adivinhar o que estava dentro da caixa. Aos poucos fui retirando as imagens, que tinha previamente preparado, e o grupo foi dizendo as personagens da história; ainda retirei também os números cardinais do 1º ao 7º. Quando mostrei o número “1º” as crianças disseram: “é o número um”, eu expliquei que era o número, mas era diferente porque não tinha só o “1”; então disse que aquele número queria dizer “primeiro”. Fiz o mesmo com todos os outros números, no entanto o grupo foi capaz de dizer, sem o meu auxílio.

De seguida, e iniciando a atividade, com as imagens e os números dispostos no tapete, em fila, questionei o grupo de qual tinha sido o primeiro animal a bater à porta da mosca fosca. Para minha surpresa, o grupo acertou a ordem de todos os animais; digo para minha surpresa, porque não estava, de todo, à espera que se lembrassem, tanto que até ponderei contar de novo a história. Como tal e para não ser eu a colocar as personagens por ordem, fui chamando aleatoriamente algumas crianças para ordenar as imagens. Fazendo o balanço da atividade, esta correu muito bem e superou as minhas expectativas, sendo que apenas 5 crianças não conseguiram nomear oralmente os números cardinais.

Após a conclusão desta atividade, optei por iniciar a representação das personagens (desenho), de modo a concluir esta semana. Como tal, questionei o grupo de quem queria desenhar o quê e o grupo foi bastante participativo e escolheu as personagens que queriam desenhar. Algo que achei muito curioso foi que a maioria das crianças tentou desenhar exatamente igual à personagem, isto é, tentaram copiar a imagem, algo que eu não estava à espera, pois pensei que iam desenhar de acordo com as suas noções sobre o animal. A atividade não ficou concluída, pois quis dar ao grupo tempo para brincar, no entanto amanhã penso que atividade ficará concluída.

12 de outubro

Hoje o dia foi, no geral, muito tranquilo, o grupo esteve muito calmo e participativo e, também, muito animado. No momento inicial do tapete, eu perguntei se o grupo queria aprender uma nova canção do bom dia, diferente da que estavam

acostumados. O grupo disse que sim e eu lá cantei a canção ritmadamente e dizendo os nomes de cada um. A reação do grupo foi muito positiva, o grupo ficou muito entusiasmado e pediu para que eu repetisse e no final da minha repetição algumas crianças do grupo já cantarolavam a canção. Penso que o que fez com que o grupo gostasse da canção, se prendeu com o facto de que na canção eu menciono o nome de cada um, o que os faz sentir especiais e a maioria das crianças sorriu quando nomeei o seu nome.

Após a canção dos bons dias, perguntei ao grupo sobre a história que tinha contado no dia anterior e sobre o que tinha acontecido na história. Depois, disse que como a mosca fosca fez um bolo, nós iríamos também fazer um bolo. O entusiasmo foi total, algumas crianças exclamavam “bolo, bolo, bolo”; notei imediatamente um entusiasmo enorme no grupo e uma grande vontade de participar na confeção do bolo. Expliquei que íamos, então, para as mesas e que íamos fazer o bolo, pois a mosca fosca tinha-nos deixado os ingredientes todos. Mostrei ao grupo os ingredientes e este identificou todos, facilmente. De seguida, fui chamando algumas crianças, para me ajudarem nas tarefas, no entanto disse ao grupo que todos iam mexer na taça do bolo. A confeção do bolo correu muito bem, tentei que fosse uma atividade dinâmica, para que o grupo não ficasse à espera muito tempo e continuasse interessado e motivado; depois dei ao grupo a provar a massa do bolo e todos experimentaram muito animados. Quando só faltava colocar o bolo no forno, fui com o grupo até ao refeitório para dar o bolo à dona S. (cozinheira) e deixamos o bolo a cozer.

Fazendo o balanço da atividade, esta correu muito bem. O meu maior receio era que o grupo ficasse entediado com a confeção do bolo, por nem todos poderem participar ao mesmo tempo, no entanto penso que consegui fazer uma boa gestão do tempo e que a atividade correu de forma bastante positiva.

A manhã foi passada a confeccionar o bolo e a brincar no recreio.

Quando regressaram do recreio da hora de almoço, o grupo pediu para que eu cantasse novamente a canção dos bons dias. Eu disse que podia cantar, mas que ao invés de dizer bom dia, tínhamos de dizer boa tarde; o grupo entusiasmou-se e cantamos a canção duas vezes. Penso que ter ensinado esta nova canção foi muito interessante para o grupo, pois é sempre bom aprender coisas novas.

Durante a tarde o grupo referiu muitas vezes que queria comer o bolo e questionaram-me várias vezes sobre quando iam comer o bolo. Ainda, durante a tarde, consegui acabar a atividade do desenho das personagens da história da mosca fosca; algumas crianças estiveram a recortar e a colar e o resultado foi muito positivo. Optei por colocar a cartolina na área da leitura, juntamente com as imagens da história (da atividade anterior) para que o grupo pudesse interagir com elas quando quisesse.

Depois, perto das 15h o grupo foi à casa de banho, para lavar as mãos e depois sentou-se nas mesas para que eu desse o bolo. Todas as crianças provaram e gostaram bastante do bolo e foi visível o seu contentamento.

Foi um dia muito positivo, em que trouxe uma atividade diferente, que eles não estavam, de todo, à espera e penso que isso foi o que mais importou: fazer com que cada criança se sentisse feliz.

13 de outubro

Hoje, sexta-feira, foi mais um dia muito positivo e produtivo, em que foram terminadas todas as atividades que foram surgindo ao longo da semana. Penso que é importante que se terminem as atividades, que não se prolonguem muito, porque dessa forma o grupo deixa de estar cativado e é importante que se façam atividades quando as crianças estão motivadas, porque se não for dessa forma, estas deixam de fazer sentido.

De manhã, conclui a receita do bolo da mosca fosca, com algumas crianças do grupo. Pedi à educadora algumas das fotografias que esta me tirou com o grupo, para que pudéssemos colocar na receita, para ficar um registo mais rico. Fazendo o balanço desta atividade, foi uma atividade positiva, acho importante que haja registos, seja de culinária ou de experiências, pois é uma forma da criança sintetizar tudo o que aprendeu.

O dia foi depois passado a brincar nas áreas, sem nenhuma atividade planificada. Acho que é importante deixar o grupo brincar, sem os estar sempre a dar tarefas para fazerem.

Algo que tenho vindo a reparar é que muitas crianças escolhem as áreas para que querem ir consoante as amizades, isto é, algumas crianças estão muito atentas para ver quem escolhe determinada área para poderem escolher também e até ficam chateadas quando isso não acontece, quando não conseguem ir para a mesma área, como foi o que aconteceu hoje:

A educadora estava a perguntar ao G. para que área ele queria ir, ao que ele responde:

G: quero ir para a quinta.

Educadora: muito bem. E tu A.?

A: para a quinta.

Neste momento, o G. olha para o Af. e depois para o A. e diz:

G: não podias escolher a quinta.

Af: pois, eu é que ia para a quinta.

Achei muito engraçado, pois ao longo desta semana reparei que o G. e o Af. escolhem sempre a mesma área, para poderem brincar juntos, no entanto hoje o A. escolheu a área que os outros amigos queriam e o Af. já não conseguiu ir para lá (o limite da área da quinta é de duas crianças). Tal como estas duas crianças, existem outras que escolhem a mesma área, consoante as amizades e eu acho muito interessante, pois já se notam relações de amizades muito positivas.

Chegou ao fim mais uma semana, e só posso agradecer por tudo o que tem acontecido, por toda a disponibilidade e apoio que tenho recebido não só da educadora cooperante, como de toda a equipa educativa. Tenho aprendido todos os dias coisas novas, tenho-me sentido cada vez mais à vontade com o grupo, no entanto tenho perfeita noção que ainda preciso de aprender mais, pois ainda sinto algumas dificuldades, principalmente na gestão em grande grupo.

16 de outubro

Mais uma semana que se inicia, mais uma semana de aprendizagem, tal como todas as outras. O acolhimento ocorreu de forma muito tranquila e, como tal o nome indica, acolhedor. As crianças foram entrando na sala e foram marcando as presenças; de seguida, sentaram-se no tapete e tanto eu como a educadora cooperante perguntamos pelo fim-de-semana, pelo que tinham feito ou onde tinham ido. Depois, procedeu-se à marcação do tempo e do dia. Ainda, lembrei o grupo da canção dos bons dias, ao que a Lu disse: podemos cantar a tua música? Eu disse que sim e lá cantámos a canção, desejando um bom dia a cada criança e aos adultos presentes na sala.

Na sexta-feira, quando o grupo já tinha ido embora eu e a educadora cooperante colocamos na parede, perto do tapete, o registo do bolo da mosca fosca. Hoje, quando as crianças chegaram e olharam para o registo ficaram muito contentes e disseram várias coisas como: “olha o bolo da mosca fosca”, “olha a Marta com os meninos”.

Como hoje foi celebrado o dia da alimentação, comecei por questionar o grupo: “sabem que dia é hoje?” e algumas crianças começaram a dar alguns palpites, de seguida fiz a ação de comer e o grupo disse: “dia de comer”, eu disse que sim, que estava relacionado com isso, mas questionei ainda: “como se chamam as coisas que comemos?”, algumas crianças disseram “alimentos”, e ficou então sabido que hoje era o dia da alimentação. De modo a iniciar a semana, levei para a sala um livro (o menino que não gostava de sopa), que reforçava a importância de comer os legumes e a sopa. Li, então, a história de forma animada, incentivando, sempre, a participação das crianças. No final da leitura, questionei o grupo sobre as personagens da história e

sobre o que tinha acontecido. Ao longo destas semanas, tenho conseguido observar que existem crianças muito participativas na leitura de histórias, que estão muito atentas e se lembram de vários pormenores.

Após a leitura, a educadora disse ao grupo que íamos fazer umas sandes saudáveis. O grupo foi para a mesa e a educadora colocou em cima da mesa os ingredientes, tendo, o grupo, identificado todos eles. Seguidamente, cada criança escolheu os ingredientes que queria (tomate, alface, ovo, queijo e fiambre) e, após a escolha a educadora deu moldes às crianças para elas fazerem no pão (moldes de corações, casas, dinossauros). O grupo esteve sempre muito animado e participativo.

De seguida, deu-se o momento do recreio da manhã, em que estive com o grupo a brincar no exterior, principalmente a brincar com os arcos, a saltar por cima deles ou a rolar os arcos pelo recreio. Quando a hora do recreio terminou, reuni com o grupo no tapete e a educadora disse para eu assumir total controlo e que ela ia sair e ia ficar mais afastada para ver. Foi um momento importante para mim, pois pude lidar com uma das minhas principais inseguranças, que é a gestão em grande grupo. No entanto, correu muito bem, o grupo não estranhou o facto de não estar a educadora presente; este foi um momento, também, não muito demorado em que conversei alguns minutos com as crianças e perguntei quais as áreas para a qual queriam ir. No final, a educadora disse-me que eu estava super à vontade e que não valia a pena ter inseguranças, porque a minha relação com o grupo era muito positiva. Fiquei muito contente, no entanto sei que tenho ainda muito que aprender.

Depois do almoço, realizei a atividade que tinha planeado fazer com o grupo, que consistia num jogo, em que cada criança tinha de identificar os alimentos saudáveis e os alimentos não saudáveis. De modo a proporcionar a participação de todas as crianças, optei por ter imagens suficientes para todos e então pedi a uma criança de cada vez que retirasse uma imagem e que a colocasse ou na coluna dos alimentos que devemos comer ou na coluna dos alimentos que não devemos comer. A atividade correu de forma positiva e todas as crianças do grupo souberam identificar se o alimento era saudável ou não.

Durante o resto da tarde, o grupo brincou nas diversas áreas e eu estive a brincar com algumas crianças nas diversas áreas.

Algo muito interessante que aconteceu durante a tarde, prende-se com a relação que as crianças estabelecem com as crianças da outra sala de JI, sendo uma relação de muita confiança e de partilha. Isto porque o T. hoje fez um desenho das personagens da história da mosca fosca e quis ir mostrar à outra sala. Fui então com o T. (que já tinha mostrado na sua sala) à sala da educadora C. para que este mostrasse o seu desenho. A reação das crianças da outra sala foi super natural e

gostaram muito de ver o desenho do T. que ficou muito contente e orgulhoso do seu desenho.

17 de outubro

O dia hoje foi, como sempre, muito importante, não só em termos de aprendizagem, como na relação com cada criança e com o grupo. A manhã decorreu como todas as outras, as crianças foram chegando e eu estive à porta da sala para recebê-las e para cumprimentar os pais, pois é muito importante estabelecer relações com as famílias, é importante que estas me conheçam e que conheçam a relação que eu tenho com as suas crianças.

Após a marcação das presenças, do tempo e do dia, cantamos a canção dos bons dias e depois eu e a educadora conversamos com o grupo sobre o que íamos fazer durante o dia. Primeiro, eu questionei as crianças sobre o dia anterior, sobre o que tínhamos feito, que dia tinha sido, entre outras coisas e o grupo foi dizendo as atividades que tinham realizado. Assim, e de modo a dar continuidade à minha principal intenção desta semana que é promover a prática de uma alimentação saudável expliquei ao grupo que íamos procurar nas revistas alimentos saudáveis e colar numa boca grande (registo individual). O grupo adorou a imagem da boca e em pequenos grupos colaram na boca os alimentos que podíamos comer e que nos faziam bem à saúde. Ainda, a educadora sugeriu (já na sexta-feira quando planificamos as atividades da semana) que eu poderia adaptar esta atividade para o grupo dos 3 anos. Isto é, a educadora sugeriu que ao invés de recortar e colar alimentos numa boca, as crianças de 3 anos poderiam fazer conjuntos de alimentos consoante a sua cor. Eu concordei e até refleti com a educadora que, por vezes, tinha dificuldades em adaptar as atividades às diferentes faixas etárias.

Fazendo o balanço da atividade dos conjuntos de alimentos por cor, faço um balanço muito positivo, pois todas as crianças (7) identificaram as 3 cores e identificaram as cores dos alimentos:

“Eu: de que cor é Manuel?”

Manuel: é amarelo e vou pôr no coiso dos amarelos.

Eu: muito bem, é isso mesmo.”

“Eu: então e os morangos são de que cor?”

Mariana S: são vermelhos Marta. (ri-se)

Eu: pois são. E vais colar onde?”

Mariana S aponta para o conjunto vermelho.”

(notas da atividade do conjunto de alimentos por cor)

A outra atividade (recorte/colagem de alimentos saudáveis) correu, também, de forma positiva e as intenções que tinha pensado foram cumpridas, visto que todo o grupo soube identificar os alimentos que nos fazem bem:

“Sofia: A minha boca é mesmo saudável.

Carolina: A minha também, olha (aponta para a folha).

Sofia: até tens alface!”

Para além das atividades que realizei com o grupo, hoje foi um dia importante, pois houve uma mudança nos lugares do grupo no tapete. Quando cheguei à sala pela primeira vez, pude logo observar que as crianças se sentavam no tapete consoante a idade que tinham, isto é, numa ponta sentavam-se as crianças de 3 anos e depois sentavam-se consoante as idades, acabando as crianças de 5 anos na outra ponta. Para mim, isto não fazia muito sentido, pois se o grupo é heterogéneo não fazia sentido chegar ao tapete e torná-lo homogéneo, separando as crianças por idades. Já tinha tido esta conversa com a educadora e esta disse-me que também não gostava muito desta dinâmica, no entanto era a dinâmica que o grupo conhecia e que ela não queria mudar logo tudo, visto ser o primeiro ano da educadora com o grupo. Ainda assim, ontem perguntei à educadora sobre sentá-los de outra forma e a educadora concordou.

Sendo assim, depois do almoço pedi ao grupo que fosse para o tapete, mas que não se sentasse; de seguida, fui sentando as crianças, mas de outra forma, em que pus uma criança de 3 anos e uma de 5 anos ao lado e assim sucessivamente, juntando também as crianças de 4 anos. A minha principal intenção nesta ação foi criar no grupo um sentimento de cooperação, ajuda e de sentido de grupo. Quando já estavam todos sentados, as crianças olharam umas para as outras e riam. Eu então perguntei:

“Eu: porque é que vocês acham que a Marta vos mudou de lugar?

Sofia: porque os pequeninos estão sempre a falar e a sair do lugar e assim não saem.

Eu: ok, mas e mais? Foi só por isso?

Sofia: não. É porque nós assim tomamos conta deles.

Gonçalo V: pois, assim nós podemos ajudar os meninos e eles podem aprender.

Eu: sim, agora todos se vão ajudar.

Afonso: olha Marta, eu já disse ao Manuel para se sentar com as pernas à chinês.

Eu: obrigada Afonso.”

Ao longo deste momento de mudança, pude observar que as crianças estavam com um sentido de responsabilidade e de ajuda para com as outras e esta minha ação, penso que veio a ajudar no sentido de se ajudarem e de estabelecer relações positivas uns com os outros.

O resto da tarde foi passado a brincar nas diversas áreas e a tarde correu de forma tranquila e divertida.

18 de outubro

Hoje, por iniciativa própria, fui receber todas as crianças à porta da sala. Isto porque nos outros dias eu recebia algumas, mas depois ia com elas para o tapete e ficávamos a conversar e a marcar as presenças. No entanto, hoje quis ter uma atitude diferente, para promover a minha relação com os pais e com os avós das crianças. A educadora percebendo esta minha intenção, ficou sentada no tapete enquanto eu acolhia as crianças e conversava com as famílias, perguntando como as crianças tinham passado a noite ou comentando algumas situações que aconteceram na sala no dia anterior. Esta minha postura deixou-me muito contente e penso que correu muito bem, as famílias não estranharam e o diálogo foi muito tranquilo sem nada de pressões.

Quando me juntei ao grupo no tapete, começamos por cantar os bons dias e passámos à marcação do tempo e do dia. Após este momento, comecei por dizer ao grupo que íamos fazer uma “coisa muito divertida”; íamos ser cientistas e íamos fazer uma experiência. O grupo não sabia o que era uma experiência, então decidi que podíamos escrever o que eles achavam que era uma experiência, para depois vermos se correspondia ou não. As respostas do grupo foram variadas, como: “é fazer coisas”, “são poções mágicas, e misturamos as cores em frascos e depois acontece alguma coisa”, “são cientistas que fazem robots”. Depois de anotadas as respostas das crianças, pedi ao grupo que fosse para a mesa e que se sentasse à volta desta. Comecei por mostrar o que precisávamos para a experiência: três copos, dois ovos, água e sal. Depois enquanto pus água no copo, questionei o grupo sobre o que achavam que iria acontecer, o grupo ficou hesitante, mas lá disseram que o ovo “ia explodir”. Quando coloquei o ovo dentro do copo o ovo não flutuou e foi o que o grupo disse “ah o ovo ficou em baixo”. Depois em outro copo, coloquei sal e pus o ovo, sendo que este flutuou; as crianças chegaram facilmente a esta conclusão “com sal o ovo flutua e sem sal ele afunda”. Ainda, fui buscar o terceiro copo e misturei as duas

águas (doce e salgada) para que o grupo pudesse observar o que acontecia: “o ovo ficou no meio”.

No final da experiência, perguntei então ao grupo o que achavam que era uma experiência, ao que o Afonso disse “é experimentar coisas e ver o que acontece”. Ainda, questionei o grupo sobre a atividade, o que tínhamos feito, o que tinha acontecido e o grupo entendeu e disse rapidamente que “com sal o ovo flutua e sem sal não flutua”, portanto penso que o grupo interiorizou estes conceitos e conseguiu realmente perceber o que tinha acontecido.

O resto da manhã foi passada a brincar no exterior e a brincar nas áreas até à hora do almoço. Depois do almoço, reuni com o grupo no tapete e expliquei que íamos registar a experiência numa folha.

19 de outubro

Hoje voltou à escola o André, que tinha estado a faltar durante a semana, pois estava doente. Quando entrou na sala, fui ter com ele e disse: “André, que bom que voltaste! Como estás?” e dei-lhe um beijinho, ele disse: “estive doente e fui ao hospital, mas olha, trouxe uma surpresa para vocês.” Foi rapidamente à mochila e tirou de lá uma caixa com uma fatia de bolo. Disse que era para todos da sala comermos. Acho que esta relação que as crianças têm, de partilha e de amizade é fundamental para o seu desenvolvimento e crescimento.

Durante a manhã, o grupo marcou a presença e o responsável marcou o tempo e o dia; depois disse à educadora que preferia fazer o teatro de fantoches da história que tinha lido na segunda-feira (o menino que não gostava da sopa), a seguir ao recreio da manhã, pois acho que teria outro impacto – um momento de divertimento, mas também um momento em que eles pudessem relaxar.

Assim sendo, até às 10h15 o grupo brincou nas diversas áreas e eu estive com o André e com a Mariana R. a fazer a atividade dos alimentos saudáveis, pois eles não tinham tido oportunidade de a fazer.

Hoje no recreio o grupo não pode brincar em todo o espaço, pois estava a chover o que condicionou o espaço, no entanto as crianças divertiram-se, como sempre; naquele momento elas sentem-se totalmente livres e os sorrisos estampados nas suas caras é bastante notório.

Quando se deu o momento de entrar, de novo, na sala, pedi ao grupo que se sentasse no tapete; depois disse ao grupo que íamos para um sítio diferente, o grupo começou a dar hipóteses, ao que eu comecei a dizer “biblio” e eles disseram em unísono “biblioteca”, muito contentes. Fui com o grupo, mais a auxiliar e a educadora cooperante para a biblioteca e quando o grupo viu o fantocheiro ficou muito curioso.

Eu questionei o grupo, se eles sabiam o que era e alguns disseram “é teatro”, outros “é para os fantoches”. De seguida, disse ao grupo que tinha uns amigos que queriam conhecê-los, mas que eles tinham vergonha e então eu tinha de ir ter com eles; fui então para trás do fantocheiro e comecei a dinamizar a história, recorrendo bastante à participação das crianças. A história era sobre um menino que não gostava de comer sopa, mas que no final já comia a sopa muito contente. Vi nesta história, também, a oportunidade de realçar a importância de comer sopa e comer legumes (pois na hora do almoço, a maioria das crianças não quer comer a sopa ou os legumes), mas de uma forma mais divertida, que eles gostassem mais. No final, ainda disse que o João (fantoche) ia ao refeitório ver quem tinha comido a sopa toda.

Depois, voltei a aparecer e o grupo estava muito sorridente e eu perguntei se tinham gostado e todos disseram que sim; depois dei oportunidade às crianças de virem explorar os fantoches. Fui chamando 3 de cada vez e pude observar que apesar de quererem muito explorar os fantoches, as crianças quando chegavam ao fantocheiro e tinham de interagir ficavam com vergonha e não sabiam o que dizer e recorriam à minha ajuda para conseguirem falar. A maioria das crianças quis explorar os fantoches (algumas não quiseram outras não tiveram tempo), e eu penso que esta atividade foi muito gratificante, as crianças divertiram-se muito e isso foi o mais importante. Ainda, esta atividade foi, também, importante pois fez-me ver as crianças num outro papel, no papel da improvisação, no papel de serem outras personagens, em que algumas se sentiram à vontade e outras ficaram mais tímidas. É uma atividade essencial, também, porque promove a linguagem e a oralidade, algo muito importante nestas idades.

Antes do almoço, escondi o fantoche no bolso e durante o almoço o João andou ao pé das crianças, para ver se estas comiam a sopa. A reação do grupo foi muito engraçada, chamavam o João por todo o lado e houve inclusive uma criança que só comeu a cenoura porque eu disse: “Ai, o João adora cenoura e ele quer muito ver essa cenoura toda comida”. Ainda, as crianças da sala ao lado também ficaram curiosas, pelo que interagi com as duas salas. Penso que foi uma estratégia muito interessante, pois fez com que o grupo encarasse a sopa com mais naturalidade e como algo divertido e saudável.

À tarde, o grupo esteve a brincar nas diversas áreas e eu estive na área dos jogos de mesa a fazer jogos com algumas crianças. Hoje tive de sair mais cedo do estágio, porque tinha uma consulta, sendo que saí às 14h30.

20 de outubro

Hoje o dia foi um pouco diferente, o grupo ficou reduzido a 10 crianças, pois as restantes estavam doentes. Sendo assim, o dia foi mais calmo e o grupo esteve a brincar nas áreas na maioria do tempo. Quando as crianças começaram a chegar à sala, o André veio ter comigo e disse: “Marta, ontem foste ao dentista fazer o quê?”, eu respondi e o André disse que também tinha ido ao dentista porque tinha dores no dente. Achei muito curiosa esta pergunta do André, pois ele lembrou-se do que eu tinha dito no dia anterior e mostrou-se muito interessado na minha ida ao dentista.

Durante a semana, tinha questionado a educadora de na sexta-feira perguntar ao grupo o que este queria fazer, visto que tanto eu, como a educadora cooperante levamos as atividades já pré definidas, no entanto eu queria propor algo diferente. A educadora concordou e na sexta-feira, na reunião matinal no tapete, perguntei ao grupo o que este gostava de fazer. Como foi algo que o grupo não estava habituado, as crianças ficaram sem saber muito o que dizer, para além das áreas. Fui, então, buscar um papel e canetas e escrevi, dizendo em voz alta “plano do dia”, depois escrevi “manhã” e questioneei o grupo, dando várias hipóteses e eles disseram o que gostavam de fazer, tanto para de manhã, como para de tarde. A educadora elogiou esta minha ação e disse que tinha gostado muito.

Assim, a maioria do grupo escolheu brincar com os fantoches, o que me fez ver que a atividade dinamizada no dia anterior tinha tido significado e as crianças gostaram dos fantoches e de os usar.

À tarde, a educadora introduziu uma nova área, a área da pintura. Assim, no tapete a educadora mostrou o cavalete, explicou como é que as crianças podiam usar e o que era para fazer nesta área. Depois fomos para as mesas e com algumas crianças, estivemos a colocar as tintas em copos e depois as crianças, duas a duas, foram pintar para a nova área.

O dia, tal como referi acima, foi então muito calmo, as crianças brincaram nas diversas áreas e eu juntava-me a elas, por iniciativa própria ou quando estas me chamavam para me juntar a elas.

No final do dia, reuni-me com o grupo no tapete e fiz a avaliação do dia, para saber se tínhamos ou não cumprido o que nos tínhamos proposto a fazer. O grupo aderiu muito bem a esta avaliação e foi capaz de dizer que tínhamos conseguido fazer e até exemplificou as atividades.

23 de outubro

O grupo hoje continuou reduzido, pois ainda estavam muitas crianças doentes. A manhã começou de forma tranquila e o Gonçalo V. quando chegou, veio logo ter comido com dois fantoches na mão e disse: “Marta, hoje não me esqueci” e disse-me

que os fantoches eram um unicórnio e um dragão. Na quinta-feira, quando fiz o teatro de fantoches, o Gonçalo veio ter comigo e disse que tinha em casa dois fantoches e eu disse-lhe que, se ele quisesse, que podia trazer para todos os amigos verem, mas o Gonçalo esqueceu-se de trazer na sexta-feira, no entanto hoje trouxe. Este interesse não só do Gonçalo, mas de todo o grupo faz com que eu sinta que aquela minha dinamização foi importante e que foi significativa para eles.

No momento inicial do tapete, perguntei ao grupo como tinha sido o fim-de-semana, o que tinham feito e a maioria do grupo mostrou-se muito participativo e partilhou os momentos que tinham passado com as famílias. Depois, o Tiago marcou o tempo, o dia e fez a contagem de crianças presentes na sala. De seguida, voltei a fazer o plano do dia com o grupo, hoje senti que o grupo estava mais à vontade, foi dizendo as atividades de forma mais natural.

Expliquei ao grupo que íamos fazer o mapa das idades e questionei sobre o que achavam que era esse mesmo mapa. O Gonçalo V. disse muito rapidamente “é para vermos quantos meninos há de 3, de 4 e de 5 anos”, eu acenei afirmativamente e o Tiago disse logo muito de repente “e os de 6 também, porque eu estou quase a fazer 6 anos”; eu disse: “é verdade Tiago, que bela observação, não nos podemos esquecer dos 6 anos”. Depois, disse ao grupo o que íamos fazer e algumas crianças foram comigo fazer o mapa das idades e as restantes foram brincar nas áreas.

A manhã passou muito rapidamente, o grupo esteve muito participativo e muito calmo e foi uma manhã, como todas as outras, muito positiva.

Antes do recreio da manhã, demos um pedaço de bolo a cada criança do grupo (o André tinha trazido um bolo para partilhar) e a educadora disse que todos podiam comer bolo ao final do dia, no entanto queria que ao almoço todas as crianças comessem o peixe e os legumes. Assim, durante o almoço todas as crianças comeram o peixe, algumas com algum custo, no entanto como havia a “recompensa” do bolo, todos comeram. Ainda, durante o almoço o Gonçalo V. comeu os legumes (nunca tinha antes acontecido) e tanto eu, como a educadora elogiámos esta sua ação e a educadora disse que ia escrever num papel que ele tinha comido os legumes.

A tarde continuou com as atividades da manhã e com as crianças a brincar nas diversas áreas.

24 de outubro

O dia de hoje foi marcado por algumas dificuldades, principalmente no período da tarde, pois as atividades que propus ao grupo não foram as mais adequadas. A manhã correu bastante bem e de forma muito tranquila; logo no tapete disse ao grupo que íamos à biblioteca ouvir uma história. O entusiasmo foi notório e lá fomos todos

juntos para a biblioteca. Já na biblioteca fui para trás do fantocheiro e optei por mostrar o “João” (uma personagem que criei para o grupo), o grupo disse logo: Olá João. O que me fez perceber que o grupo se lembrava desta personagem e que tinha gostado. Entretanto, fui contando a história, recorrendo sempre à participação e ao envolvimento das crianças na mesma, procurando sempre interagir com o grupo, fazendo-lhe perguntas e pedindo ajuda. Tenho-me sentido muito bem ao contar as histórias, recorrendo aos fantoches, pois sinto que o grupo adere muito bem e que acham divertido. No final da história, quase todas as crianças (4 de cada vez) foram recontar a história; achei muito curioso pois houve crianças que repetiam tal e qual como eu disse, interagindo com o “público” e tudo. Também venho a perceber que existem crianças que não têm vergonha deste tipo de exposição, no entanto existem outras crianças que só conseguem realmente interagir se o adulto estiver ao lado ou a interagir diretamente.

À tarde propus, então, duas atividades, uma para os 4/5 anos e outra para os 3 anos; a primeira atividade era fazer uma sequência temporal da história dos 3 porquinhos e a segunda era fazer as casas dos 3 porquinhos com 3 materiais diferentes. Quanto à primeira atividade, todas as crianças conseguiram ordenar a história corretamente, no entanto a segunda atividade não aconteceu como eu tinha previsto. A atividade foi complexa para as crianças e estas não conseguiram fazer a associação dos números ordinais com o tipo de casa que era. Fiquei um pouco desapontada, no entanto assumo que o erro foi meu e que deveria ter planeado a atividade de outra maneira.

Ainda, hoje foi o dia em que a minha orientadora me foi observar e de uma forma geral penso que correu bem. A professora apontou algumas coisas, no sentido de me levar a refletir sobre a minha prática e sobre a minha postura enquanto futura educadora. Algo que pude refletir teve que ver com as planificações das atividades, em que pude perceber que estava a pensar pelas crianças, que não lhes estava a dar o espaço necessário para que estas pudessem participar na construção do seu saber. Para mim é algo complicado, pois este mecanismo de planificar as atividades todas certas, com um fio condutor, já vem de algum tempo e é de facto algo que me faz sentir segura no que estou a fazer. No entanto, este é um aspeto que tenho mesmo de melhorar e ao longo da semana espero conseguir ir colmatando essa dificuldade, porém reconheço que não é algo que acontece do dia para a noite e que é preciso algum tempo.

25 de outubro

O dia de hoje começou bastante tranquilo, as crianças foram chegando, foram marcando as presenças e foram-se sentando no tapete. Algumas crianças, como o Gonçalo, a Sofia e o Afonso falaram sobre os bichos da conta que tinham encontrado na escola e a educadora no desenrolar da conversa lembrou-se de uma canção que falava de um bichinho. Esta canção faz parte de uma dança de roda, escolhe-se uma criança para ir para o meio da roda (o “bichinho”), o resto das crianças canta a canção, o “bichinho” acorda e escolhe uma criança para trocar de lugar. No entanto, cantamos a canção com as crianças sentadas, aproveitando o facto de ter surgido a conversa do bicho de conta.

De seguida, a educadora foi buscar o livro “crónicas de uma baleia” e apresentou o livro às crianças, mostrando só as imagens, visto que a história é bastante extensa. A educadora à medida que ia mostrando as imagens, questionava o grupo sobre as mesmas, como o que viam, o que será que tinha acontecido, entre outras questões. Depois, a educadora contou ao grupo que a autora do livro ia à escola e que iam todos conhecê-la e que a autora ia também falar do livro.

Fomos então todos para uma sala de 1º ciclo, a autora começou por mostrar um vídeo, que falava sobre vários animais marinhos; de seguida, mostrou várias imagens do livro e ia explicando algumas coisas sobre as baleias, sobre a poluição no mar e sobre o que cada um de nós poderia fazer para que não houvesse tanta poluição e para ajudar os animais. Esta dinâmica correu de forma muito positiva, as crianças, na sua maioria, participaram bastante (tanto as JI, como as de 1ºciclo), fizeram questões sobre a história, tiraram algumas dúvidas e descobrimos todos imensas curiosidades, acerca das baleias e do mar.

Por volta das 11h, o grupo foi brincar para o exterior e por volta das 11h30, regressámos todos à sala e fomos para o tapete. Questionei o grupo sobre a história da baleia e sobre a visita da escritora e perguntei ao grupo o que tinham aprendido hoje com a história. Fui apontando as variadas respostas num papel, enquanto ia dizendo em voz alta, para que as crianças fossem acompanhando o processo. As respostas foram variadíssimas:

- As redes podem magoar os animais – Sofia
- Os homens salvaram a tartaruga – Carolina
- Não se deve tratar mal os animais – Afonso
- Temos de tratar bem as tartarugas – Tiago
- Há lixo e os animais não conseguem respirar, porque a água está verde – Sofia
- Temos de alimentar os animais – Gonçalo V

- As baleias com sons muito altos, ficam assustadas e perdem-se e ficam na areia presas – Sofia

Notei, ao longo desta recolha de informação, que a Sofia se lembrava praticamente de todas as informações que a autora tinha dado. Após este momento, o grupo foi para o refeitório e o almoço correu de forma muito tranquila; mesmo sendo peixe (nos dias de peixe, o grupo demora mais tempo a comer e rejeita muitas vezes o peixe).

Depois do almoço, reuni com o grupo e questionei, novamente, sobre a história e o grupo continuou a falar sobre o mar e sobre o oceano, ao que eu perguntei se gostavam de descobrir mais sobre o oceano e as crianças do grupo, muito entusiasmadas, disseram que sim. Perguntei, então, o que é que elas já sabiam sobre os oceanos e o grupo deu variadas respostas, como “a água é azul”, “no oceano às vezes há lixo”, “há baleias”, “no mar dá para fazer surf”.

Ainda, questionei o grupo sobre o que gostavam mais de saber e o grupo também fez algumas perguntas. Notei que nem todo o grupo estava muito interessado e quero voltar a falar deste assunto, para ver quem realmente quer fazer este projeto, porque para mim não faz sentido fazerem só porque sim. Sinto que este surgimento do projeto foi difícil, talvez o mais difícil do estágio até agora, pois o grupo não está habituado a este tipo de metodologia e eu também sinto dificuldades em dar a conhecer ao grupo esta metodologia. No entanto, espero conseguir cativar as crianças para que seja um projeto significativo.

Durante a tarde e após este momento de conversa com o grupo, as crianças estiveram a brincar nas diversas áreas. Eu estive a brincar em algumas áreas com as crianças (muitas vezes solicitada por elas), mas também estive atenta ao grande grupo, de modo a combater a minha dificuldade de não conseguir estar em pequeno grupo e ter a noção do que todas as crianças estão a fazer.

26 de outubro

Antes de o grupo chegar à sala, coloquei o livro da “mosca fosca” em cima de um armário, para ver a reação do grupo, ver se as crianças diziam alguma coisa sobre isso. A minha estratégia foi, então, colocar o livro sem dizer nada e deixar que fossem as crianças a reagir à presença do livro, pois sabia que todas as crianças tinham adorado a história, quando a contei há duas semanas. O Afonso e o Gonçalo V. repararam logo no livro e disseram “mosca fosca”, com um grande sorriso; eu disse, pois é, a nossa amiga mosca fosca. O Afonso perguntou-me se eu podia contar a história e eu disse que sim, mas que primeiro tínhamos de falar todos.

O grupo começou a marcar as presenças e o responsável do dia a registou o dia e o tempo. Ainda, cantamos a canção dos bons dias e falamos sobre vários assuntos, como os bichos da conta e sobre o que ia acontecer hoje, durante o dia. Relembrei o grupo de que ontem nos tínhamos esquecido do Plano do Dia e o Afonso até comentou “pois foi, ontem foi um dia muito difícil”. Fizemos em grupo o plano do dia e as crianças participaram sempre, dizendo o que íamos ou podíamos fazer. Quando estávamos a terminar o Plano, entrou na sala a Professora Bibliotecária I. que perguntou se podíamos ir para a biblioteca por volta das 11h; o grupo mostrou-se muito entusiasmado com a ida à biblioteca e com a presença da I.

De seguida, o grupo escolheu as áreas que queriam ir e estive a observar o grupo e a interagir nos momentos de brincadeira, sempre procurando ter uma visão de todo o grupo e não só da/s criança/s com quem estava a interagir, visto ser uma dificuldade apontada, na qual eu concordo. Após o recreio, conduzi o grupo até à biblioteca, onde todos ouvimos a história “elefantes não entram”, contada pela professora I. Esta história falava sobre a importância da amizade e da ajuda, no entanto numa situação de faz de conta.

Após o almoço e após o recreio, reuni com o grupo no tapete e, como todos os dias, perguntei se tinha tudo corrido bem e se tinha sido um bom recreio. De seguida, retomei a conversa sobre os oceanos e relembrei o grupo sobre o que tinha sido feito no dia anterior; ainda, e porque pelo que percebi no dia anterior nem todas as crianças estavam interessadas neste projeto, questionei ao grupo quem gostava de fazer parte deste projeto. 9 crianças quiseram fazer parte e eu fiquei muito contente, pois estava com receio que não houvesse muitas crianças interessadas; ainda, o Tiago disse logo “olha Marta, até podemos fazer desenhos sobre as baleias” eu reforcei a ideia e disse que sim e que tinha adorado a ideia que ele tinha tido.

Após esta minha conversa com o grupo, a educadora explicou ao grupo que também precisava de ajuda para colar uns quadrados de papel de lustro, que faziam lembrar a calçada; a educadora explicou o objetivo e explicou ao grupo o que era a calçada. Assim, durante a tarde as crianças dividiram-se pelas áreas e outras estiveram a fazer a atividade com a educadora.

Ainda no tapete, peguei no livro da mosca fosca e o entusiasmo foi geral. Optei por ter uma estratégia diferente e pedir ao grupo que contasse a história ao invés de ser eu a contar; foi muito gratificante ver o grupo entusiasmado a dizer o nome das personagens, a lembrar-se das falas e a contar a história de forma muito animada. De facto, pude ver que a introdução desta história foi uma boa estratégia para o grupo, para aumentar a sua comunicação oral e o seu gosto pelas histórias.

A partir da próxima semana, gostava de avançar gradualmente com o projeto e irei procurar sempre ouvir as crianças, perguntar o que acham que podemos fazer para descobrir tudo o que querem sobre os oceanos. Este projeto vai ser, sem dúvida, muito desafiante para mim, porque o grupo de crianças não está habituado a esta metodologia, no entanto vai ser muito desafiador para mim e vai, com certeza, fazer com que eu cresça muito a nível pessoal e profissional.

30 de outubro

A manhã começou como habitualmente, o grupo esteve um pouco reduzido, pois faltaram algumas crianças. Passadas quase duas semanas, a Ema voltou à escola (tinha estado doente) e eu fui logo ter com ela e dar-lhe um beijinho, ela estava muito sorridente e contente por ter voltado. Cantamos os bons dias, o responsável do dia marcou a presença, o dia e fez a contagem das crianças e falamos também sobre o fim-de-semana. Várias crianças fizeram menção ao halloween, algumas perguntaram se era hoje e outras falaram sobre os fatos que iam trazer amanhã para a escola. Após alguns minutos de conversa, falamos sobre o que iríamos fazer hoje. Relembrei o grupo do projeto dos oceanos e as crianças lembraram-se do projeto; ainda, questionei a 3 crianças, que não tinham estado presentes quando perguntei quem queria fazer parte do projeto, se queriam fazer parte deste projeto e 2 crianças disseram que sim.

Disse ao grupo pertencente ao grupo que íamos para a biblioteca, e questionei as restantes crianças sobre as áreas que queriam ir brincar. Fui, então com o grupo para a biblioteca, de modo a iniciar a Fase II do projeto, referente ao “como vamos descobrir?” e “o que queremos fazer?”. Quanto à primeira questão, as crianças disseram “procurar nos livros”, “procurar na internet” e, ainda, a Sofia disse “ir a um oceano”; expliquei que ir a um oceano não dava, mas que podíamos ir visitar um oceanário e o grupo mostrou-se muito animado. Ainda, perguntei ao grupo se também podíamos perguntar à sua família para nos ajudar nesta pesquisa e o grupo concordou.

No que diz respeito à segunda questão, esta foi mais difícil para o grupo. Penso que isto aconteceu porque o grupo não está habituado a este tipo de questões e a este tipo de metodologia, portanto foi um pouco difícil para mim dar a volta a esta dificuldade. Porém, consegui que o grupo desse algumas sugestões, como “ir ao oceanário”, “fazer desenhos dos animais” “fazer um oceano”, “ver filmes sobre o oceano” e “construir uma história”. Penso que estas ideias do grupo têm muito potencial e que vamos conseguir fazer um bom projeto, no entanto ainda me sinto um

pouco apreensiva. Após a construção destas duas teias, o grupo e eu voltamos para a sala e as crianças foram brincar para as áreas um pouco, visto estar perto da hora do lanche e do recreio.

Enquanto eu estava na biblioteca com o grupo, a educadora iniciou uma atividade, também relacionada com o mar: cada criança pintou uma folha de azul (mar) e algumas crianças recortaram peixes de várias cores e outras preencheram um molde de um peixe com papel crepe de várias cores. Achei esta atividade muito importante, pois assim o grupo inteiro está dentro do tema que agora irá ser abordado na sala – o oceano.

A seguir ao almoço, voltamos a reunir no tapete e a educadora ensinou duas canções que falavam sobre o mar e sobre peixe. O grupo aprendeu as canções muito rapidamente e estivemos vários minutos a cantarolar as canções todos juntos. Ainda, a Sofia disse que também conhecia uma canção que falava no mar e todos cantamos a canção sugerida pela Sofia. Acho que estes momentos, em que estamos todos reunidos e em que as crianças cantam alegremente e sorriem umas para as outras muito gratificantes; acho importante ouvir o que as crianças têm para dizer ou para partilhar com o grupo, e então é necessário que consigamos dar-lhes esse espaço e esse momento de partilha ou de comunicação.

À tarde, as crianças que não terminaram a atividade da manhã, continuaram a fazê-la e as restantes brincaram nas áreas.

Por fim, gostava apenas de referir um momento que achei muito importante. Eu estava a escrever uma frase, para expor fora da sala, e a Sofia veio ter comigo e disse:

Sofia: eu conheço essa letra.

Eu: conheces?

Sofia: sim, barbie começa com essa letra.

Eu: pois começa, é a letra B.

Sofia: eu sei escrever barbie, queres ver?

Eu: claro que quero.

A Sofia foi então escrever a palavra barbie e foi mostrar-me. Eu mostrei-me muito orgulhosa e dei-lhe os parabéns. A seguir, a Sofia veio ter comigo e disse que queria escrever mais palavras e disse-me quais eram; eu escrevi num papel e a Sofia copiou e foi fazendo referência, apontando para as palavras e dizendo o que estava escrito.

Para mim, este momento foi muito importante e fez-me perceber que a Sofia quer aprender a escrever palavras e que reconhece, efetivamente várias letras. Ao falar sobre isto com a educadora cooperante, concluímos que era muito importante criar

uma área de abordagem à escrita, com revistas, jornais e tudo o que possa incentivar as crianças a ter o gosto pela escrita.

31 de outubro

O dia de hoje começou a falar do halloween, pois algumas crianças da sala vieram mascaradas. Os comentários das outras crianças e as máscaras levou a uma conversa em grande grupo, no tapete, sobre o halloween e algumas crianças disseram que à noite iam a uma festa. Ainda, a Carolina, quando chegou, trazia um saco com rebuçados e disse que era para dar aos amigos.

Após esta conversa sobre os fatos e sobre o halloween, procedeu-se à rotina habitual, como a marcação das presenças, do tempo e do dia. Hoje, continuaram a faltar algumas crianças; ao longo destas últimas semanas é raro ter o grupo completo na sala, pois tem havido algumas crianças doentes.

Como o grupo adere muito bem às histórias e é bastante interessado e participativo, hoje contei a história “A bruxa Mimi”, também numa alusão ao halloween. Como o livro era em formato A3, suscitou ainda mais o interesse do grupo, pois as imagens eram maiores que o normal e, também, com muita cor (mais no final do livro). Ao longo da história fui incentivando o grupo a participar, tal como faço sempre, pois acho importante que as crianças participem e que possam falar sobre a história. No final da mesma, fiz algumas questões sobre a história e o grupo respondeu acertadamente.

De seguida, perguntei ao grupo se gostava de fazer alguma coisa sobre a história e algumas crianças disseram que queriam desenhar o gato e outras quiseram desenhar a bruxa Mimi. As crianças que quiseram ir desenhar, foram para as mesas e a educadora colocou a história em cima da mesa, caso as crianças quisessem ver as imagens. As restantes crianças brincaram nas áreas e eu fui acompanhando o grupo nessas mesmas áreas e inclusive no desenho da história.

Após o recreio da manhã, deixei em cima da mesa cartolina preta, azul escura e giz. Algumas crianças, quando entraram ficaram a olhar e acharam estranho o giz estar em cima da mesa. Assim, quando nos sentamos no tapete eu disse que, se quisessem, podiam desenhar com giz na cartolina, ao invés dos lápis ou canetas de feltros. Várias crianças quiseram fazer o desenho com o giz e o resultado final foi muito artístico. Optei, por questionar o grupo e deixar os materiais em cima da mesa, para que estes os pudessem explorar, pois uma das minhas intenções ao longo destas semanas é que estes desenvolvam a motricidade fina e que possam explorar técnicas diferentes às que estão habituados.

À tarde começou de maneira diferente, pois o meu grupo foi para a outra sala de JI ouvir uma história, contada por uma criança do 1ºCiclo. Acho muito importante esta articulação entre as duas valências e o contacto que as crianças têm, não havendo a total separação e havendo atividades em comum. O grupo na sua maioria esteve muito atento à história, no entanto algumas crianças estavam distraídas, isto porque estavam numa sala diferente e estavam também a explorar e a conhecer alguns objetos da sala.

Quando regressámos à sala, algumas crianças disseram que queriam fazer morcegos, pois tinham visto um morcego feito de rolo de papel higiénico na outra sala. Eu fui ver se havia mais rolos e como não havia perguntei ao grupo como queriam fazer os morcegos e algumas crianças disseram que queriam desenhar os morcegos. Assim, algumas crianças foram desenhar os morcegos e outras foram para as variadas áreas; à medida que as crianças foram acabando de desenhar o morcego, vieram perguntar-me onde podiam colar o morcego, eu sugeri que, caso quisessem, podiam por na pintura com giz que tinham feito de manhã e as crianças concordaram.

Ainda, no final da tarde, fui com duas crianças do projeto para o computador fazer alguma pesquisa sobre os oceanos. Como não há computador na sala, fui para o piso de cima com as duas crianças e estivemos a ver imagens do globo, mapas e algumas imagens do oceano. Também, procuramos quantos oceanos existiam e as crianças contaram, efetivamente, os oceanos e escrevemos os nomes. Quando regressamos à sala, pedi às duas crianças que escrevem os nomes dos oceanos (escrevi para estas copiarem), para depois guardamos e fazermos o registo. Gostava que as duas crianças tivessem ido comunicar ao grupo no final do dia, mas não foi possível, porque depois a Carolina entregou os rebuçados que trouxe a cada amigo e algumas crianças foram embora mais cedo, no entanto espero que na quinta-feira consigamos partilhar com o grupo as nossas descobertas.

02 de novembro

Começou mais um mês e com a chegada deste, alguns instrumentos de pilotagem foram mudados (mapa de presenças, mapa do tempo, os dias da semana); Assim, as crianças fizeram algumas questões sobre o porquê do mapa das presenças ter sido tirado e ter sido posto outro, ou porque os dias tinham saído. Eu e a educadora conversamos com o grupo e explicámos que o mês de outubro tinha terminado e que tinha começado o mês de novembro, o mês 11. Ainda, no novo mapa das presenças havia 3 pequenas imagens, uma de um bolo de aniversário, outra de uma castanha e, por fim, uma relativa ao dia mundial do pijama. As crianças também referiram estes elementos e muitas falaram sobre o dia do pijama e que queriam que fosse já hoje.

O grupo continuou incompleto, pois ainda há bastantes crianças doentes, sendo que o Gonçalo B. foi embora mais cedo, pois não se estava sentir bem, tendo inclusive vomitado a meio da manhã. Como tal, optei por não realizar atividades do projeto, porque não faz sentido estar a realizar sem estarem algumas crianças presentes, optei, também, por começar as atividades na segunda-feira e aí sim continuar o projeto sem paragens, pois tenho receio que o grupo perca o interesse.

A manhã ficou então dividida em dois grandes momentos: brincar nas áreas e analisar o mapa do tempo e o mapa das presenças, porém a análise do mapa das presenças não ficou completa. Quanto ao mapa do tempo, contou-se quantos dias teve sol, chuva, vento, nublado e sol encoberto e o grupo chegou à conclusão que “teve mais dias sol, porque a barra é maior”; em relação ao mapa das presenças, cada criança irá contar quantos dias veio à escola, quantos dias faltou e quantos fins-de-semana houve, no final também foi questionado à criança se tinha vindo mais ou menos vezes à escola.

Hoje o mapa das idades ficou, também, concluído e foi afixado nas paredes; este mapa já tinha sido começado há vários dias, no entanto como as crianças têm andado a faltar tem sido difícil concluir algumas tarefas, no entanto hoje conseguimos terminá-la.

O dia hoje foi também marcado pelo aniversário da Ema, que completou 5 anos. À tarde, a mãe da Ema foi à sala e levou um bolo de aniversário e sumos para as crianças; o grupo esteve muito animado e muito ansioso, no decorrer do dia, para este momento. Ao longo do dia, todas as crianças do grupo fizeram um desenho para a Ema e esses desenhos foram-lhe entregues em formato de livro; ainda, a educadora fez uma coroa para a Ema e esta ficou muito contente.

03 de novembro

Hoje o dia foi, de um modo geral, muito tranquilo e o grupo esteve bastante calmo. Como tem sido recorrente ao longo da semana, várias crianças faltaram e hoje apenas estiveram presentes 11 crianças. Durante a manhã, estive com a educadora e com algumas crianças do grupo a fazer as casas (mealheiros) para o dia do pijama. Cada criança terá de levar para casa um mealheiro, de modo a recolher dinheiro para as crianças mais desfavorecidas.

Pelo que pude observar, as crianças tiveram algumas dificuldades em realizar as dobragens, pelo que eu e a educadora estivemos a dar apoio individual, de modo a que as casas ficassem feitas.

De manhã, continuei a avaliação do mapa das presenças, em que as crianças contavam quantas vezes tinham ido ou faltado à escola e, ainda, contavam os fins-de-

semana existentes. Ao ter feito esta tarefa com as crianças, individualmente, consegui perceber que as crianças (5 anos) conseguiram efetuar a contagem.

A seguir ao almoço, sentei-me com o grupo e contei uma história; optei por contar uma história, porque sei que é um dos grandes interesses do grupo e porque já não contava há algum tempo. Sinto que ao ler histórias para e com o grupo me faz sentir mais próxima deles e é algo que me dá bastante gosto fazer e sei que o grupo também fica contente.

Após a leitura da história, o grupo comentou algumas partes da história, como costuma fazer e durante a conversa, algumas crianças começaram a dizer que gostavam de fazer um jogo. Eu disse que havia jogos que não conseguíamos porque estava a chover bastante (os jogos sugeridos eram mais adequados ao exterior) e então o Afonso sugeriu um jogo: “podias pôr música e nós dançávamos e depois a música parava e nós tínhamos de nos sentar”. Eu disse ao Afonso que era uma boa ideia, que íamos experimentar, mas que tinham de ter cuidado e que não era para saltar, mas sim para dançar. Fizemos, então, o jogo e este correu muito bem e as crianças estavam muito divertidas e felizes no decorrer do mesmo. Acho muito importante este tipo de jogo, porque para além de ser divertido para o grupo, é também uma forma de aproximar o grupo e de fortalecer as relações entre as crianças.

Terminou mais uma semana e fazendo o balanço da mesma, sinto que esta semana não dei o meu melhor. Sinto que andei um pouco cansada e que, talvez, isto tenha afetado a minha ação. Não quero dizer com isto que não andei com paciência, nem que não estive presente para o grupo, que estive; no entanto, sinto apenas que não dei o meu melhor e que podia ter feito mais. Porém, foi uma semana de muita aprendizagem, como todas as outras e sei que ainda vou aprender muito mais.

06 de novembro

Começou hoje mais uma semana e não poderia ter começado de melhor maneira. Após uma semana mais difícil para mim, por não ter conseguido implementar o que queria, finalmente hoje tudo começou a ganhar contornos e comecei as atividades do projeto com o grupo. A manhã começou como de costume, com a reunião habitual no tapete, as crianças foram chegando e foram marcando a presença e, também, houve um momento de partilha e de conversa sobre o que tinham feito, durante o fim-de-semana. Quando estávamos no tapete, a Mariana R. chegou com duas micas na mão e veio ter comigo para me dar; quando olhei para as folhas vi que eram informações sobre os oceanos e sobre um mamífero marinho – urso polar. Fiquei muito contente, pois senti que foi dada importância ao meu recado e que tinha conseguido cativar o

interesse desta família. Pedi à Mariana que mostrasse ao grupo o que tinha trazido e o grupo gostou bastante das imagens dos ursos polares e ficou muito curioso quando eu estava a ler o que a Mariana tinha trazido e referi que o urso era um mamífero; questionei o grupo se sabiam o que era um mamífero e este disse que não e eu disse que, então, teríamos de ir pesquisar. Ainda, a Mariana trazia a fotografia de um mapa com o nome dos oceanos e algumas das suas características; lembrei as duas crianças que tinham feito comigo a pesquisa dos oceanos e perguntei quantos oceanos haviam e estas responderam muito rapidamente que haviam 5 oceanos e, ainda, relembramos os nomes dos mesmos.

Durante a conversa sobre o que a Mariana tinha trazido, algumas crianças falaram sobre os oceanos e houve até crianças a dizer que podíamos fazer um oceano; neste momento eu fui buscar um rolo de papel cenário e perguntei ao grupo o que este achava que podíamos fazer. O grupo disse que podíamos pintar tudo de azul e que depois podiam desenhar muitos animais, como tartarugas, tubarões, golfinhos, baleias... Eu disse que achava que era uma ideia fantástica e então pusemos mãos à obra: chamei um grupo de meninos e eles pintaram, recorrendo à técnica de esponja o fundo do mar, enquanto outras crianças desenharam os animais marinhos em folhas brancas para depois recortar. A manhã foi, então, a iniciar o painel, sendo que o fundo ficou pintado e os animais ficaram, também, todos prontos.

À tarde, as crianças recortaram e colaram os desenhos no papel cenário, algumas crianças estiveram, também, a recortar papel crepe, como se fossem algas e, ainda, outras crianças estiveram a fazer barcos para colocar, também, no painel do oceano.

Esta atividade, a meu ver, correu de forma bastante positiva e eu senti-me muito orgulhosa de cada criança e do grupo como um todo, isto porque senti uma grande cooperação entre as crianças e, também, uma grande motivação e interesse. Desde o início da atividade que todas as crianças se mostraram participativas, dando ideias e perguntando sempre se eu precisava de ajuda ou se algum amigo precisava de ajuda. Penso que esta atividade foi, também, um passo muito importante no projeto, pois senti que o grupo ficou bastante cativado e, algumas crianças, chamaram as mães/avós para irem ver o painel e eu senti que elas tinham gostado mesmo de ter feito o painel do oceano e que foi bastante significativo.

07 de novembro

Hoje a manhã começou com a rotina habitual e, após este momento, eu questionei o grupo sobre o que tínhamos feito no dia anterior, o grupo disse que tínhamos feito o painel dos oceanos e que tinham gostado muito. Ainda, lembrei o grupo que ontem tinham dito várias frases para escrevermos sobre o painel, assim pedi ao responsável

do dia para ir buscar uma folha e uma caneta para escrever. O grupo foi dizendo o que queria que eu escrevesse e eu ia lendo em voz alta; o que escrevi foi o processo, o que tinham feito primeiro, os materiais que usaram, etc. Depois, passei o que o grupo disse para uma cartolina e perguntei se queriam colocar mais alguma coisa e, então, uma criança esteve a desenhar animais.

Após o recreio da manhã, o Gonçalo V. e o Tiago vieram ter comigo a dizer que tinham de ir fazer a pesquisa sobre os mamíferos; eu disse “muito bem, não se esqueceram, vamos já”. Depois de reunir com o grupo e deixar que as crianças escolhessem as áreas, fui com o Tiago e com o Gonçalo V. ao computador e pesquisamos “o que são mamíferos”, li para eles algumas informações e estivemos a falar sobre o que tínhamos pesquisado; ainda, vimos algumas imagens de mamíferos marinhos e o Gonçalo V. disse “Marta, podias imprimir algumas imagens para nós mostrarmos”. Eu disse que sim, que era uma ótima ideia e selecionámos algumas imagens. De seguida, cheguei à sala e aproveitando o facto de a educadora estar a pedir ao grupo para arrumar, pedi ao grupo que se sentasse, porque o Gonçalo V. e o Tiago tinham algo para comunicar. O Tiago agarrou na folha que eu tinha escrito e com a folha da mão foi dizendo o que tínhamos descoberto, como “nós também somos mamíferos” “a baleia é o maior mamífero”, o Gonçalo V., também disse “que os mamíferos têm dentes e o sangue é quente”. O grupo mostrou-se muito interessado, aquando da partilha do Tiago e do Gonçalo V. e foram fazendo vários comentários e acharam muito estranho o facto de nós sermos, também, mamíferos. Durante esta partilha, também ajudei as duas crianças, quando estas se mostravam mais tímidas. Penso que a comunicação oral é muito importante e é uma das minhas intenções com a implementação deste projeto.

Após o almoço, com algumas crianças do projeto definimos como íamos fazer o registo, decidiram as cores, escreveram algumas palavras e fizeram desenhos a ilustrar o que tinham dito. Ainda, hoje também algumas crianças colaram e recortaram imagens de mamíferos marinhos: urso polar, baleia, golfinho e foca. No final do dia, mostrei os dois produtos ao grupo, que muito participativo falou sobre o que tinham aprendido e falou sobre as imagens dos animais.

Também hoje faço um balanço muito positivo do dia, em que os objetivos que tinha delineado foram cumpridos, em que ouvi as crianças e procurei ir ao encontro dos seus interesses. Ainda, optei por fazer uma alteração na planificação e começar por falar sobre o urso polar, visto que a Mariana R. trouxe várias imagens sobre esse animal. Espero que a semana continue a ser muito positiva e que o grupo continue motivado e interessado em descobrir mais coisas sobre o projeto.

08 de novembro

Ontem ao final do dia pedi ao grupo que trouxessem informações sobre o urso polar ou fotografias, como tal logo no acolhimento o Gonçalo V. veio ter comigo com um urso de peluche e com um livro na mão; felicitei o Gonçalo pela sua participação e por ter trazido objetos para mostrar e partilhar com o grupo. Disse ao Gonçalo que, quando todos chegassem ou quando o responsável terminasse as suas tarefas, podíamos mostrar ao grupo o que ele tinha trazido. Deste modo, após a marcação das presenças, do dia, do tempo e da contagem, lembrei o grupo sobre o que tinha pedido, mas muitas crianças disseram que se tinham esquecido, no entanto eu disse que um menino tinha trazido e que tinha ficado muito contente.

Comecei por mostrar o peluche e o Gonçalo falou sobre ele e disse que era um urso polar, eu questionei o grupo e algumas crianças concordaram e outras disseram que não era um urso polar. De modo a incentivar a curiosidade e o interesse disse ao grupo que devíamos então ir procurar saber se, efetivamente, era um urso polar. Assim, o Afonso e o Gabriel foram comigo pesquisar informações sobre os ursos polares, não antes de eu ter distribuído as crianças pelas áreas. Ainda, no tapete o Tiago disse em voz alta “os cães e os gatos também são mamíferos” eu disse “pois são Tiago, muito bem”; esta intervenção do Tiago fez-me perceber que ele se interessou pelo tema, o que me deixou muito contente.

Durante a pesquisa, tanto o Afonso e o Gabriel se mostraram muito participativos e à medida que eu ia lendo eles iam dizendo o que queriam ou não que eu escrevesse. Quando regressei à sala o grupo já estava a arrumar e neste momento chegou a minha orientadora, para observar a minha prática. Por mais que seja tranquila e que me sinta à vontade com o grupo, fico sempre um pouco nervosa e com mais medo de errar, no entanto penso que, no geral, correu bem, mas claro que ainda tenho algumas coisas a melhorar.

Depois de almoço, reuni com o grupo no tapete e como não quis que o grupo estivesse muito tempo sentado, pois de manhã já tinham ficado tempo de mais, optei por deixar as crianças brincar nas diversas áreas. A minha postura foi de tentar ter a noção do grupo inteiro e não só do individual. Por vezes, sentava-me a brincar com uma criança, mas procurava ter um olhar global e saber o que cada criança estava a fazer; isto é ainda uma dificuldade, mas que estou, aos poucos, a colmatar.

Por volta das 15h, reuni com o Afonso e com o Gabriel na biblioteca para voltarmos a falar sobre os ursos polares e sobre o que eles tinham descoberto. Como iam os dois comunicar ao grupo as suas descobertas, disse que ia fingir que era um menino da sala, enquanto eles apresentavam as informações; quando o Gabriel e o Afonso estavam a “ensaiar”, achei muito curioso, porque quiseram agarrar na folha, como se

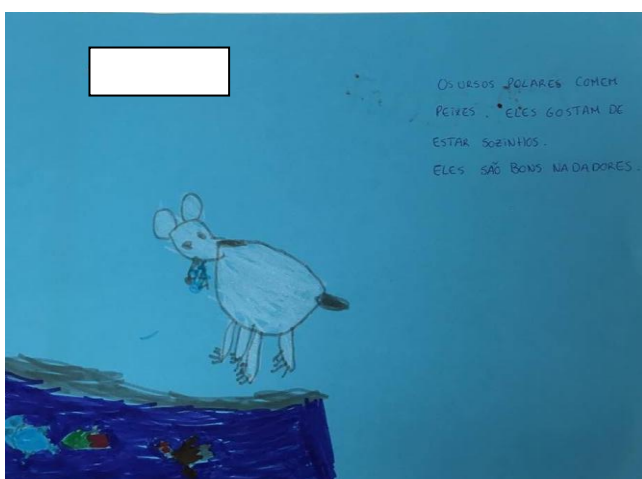
estivessem a ler, enquanto me iam dizendo o que tinham descoberto. Quando regressámos à sala, pedi ao grupo que começasse a arrumar e que à medida que fossem arrumando, que se sentassem calmamente no tapete.

O Gabriel e o Afonso quiseram sentar-se numa cadeira e pediram que eu ficasse no meio para os ajudar; eu pedi ao grupo que fizesse silêncio e eles começaram a falar, disseram imensas informações, como “o urso polar é branco” “o pelo é muito fofinho” “são bons nadadores” “são carnívoros” “vivem num sítio muito frio”, algumas vezes tanto o Afonso, como o Gabriel ficavam envergonhados, mas eu fui sempre incentivando-os. No final da partilha, todos bateram palmas e eu vi na cara de ambos a felicidade com que estavam, sentindo-se importantes. No final, voltei a agarrar no urso que o Gonçalo V. tinha trazido e perguntei se era ou não um urso polar e o grupo todo disse que não “porque o urso polar é branco e esse não é”.

09 de novembro

Hoje a manhã foi um pouco diferente, a educadora cooperante deixou-me sozinha com o grupo e eu senti-me muito à vontade. Sinto que cada vez mais tenho o controlo do grupo, mas claro que há ainda momentos que me sinto mais frágil ou que não sei lidar tão bem com certas situações.

De modo a conseguir avaliar o que o grupo do projeto tinha conseguido aprender sobre os ursos polares, propus ao grupo que fizessem um desenho livre de um urso polar. Fiz com algumas crianças de cada vez, e os resultados foram muito diferentes; cada criança fez o urso polar conforme a sua conceção e eu não interfeirei com nada, apenas fui perguntando de que cor era o urso e onde vivia, de modo a perceber o que, cada criança efetivamente sabia. No final do desenho, chamei cada criança para perto de mim e perguntei o que gostavam que eu escrevesse sobre o seu desenho e onde queriam que eu escrevesse, as crianças disseram várias coisas, algumas fizeram a descrição do desenho e outras disseram para eu escrever informações sobre o urso polar, como se pode ver nas imagens abaixo:



Esta atividade foi para mim muito significativa, pois através desta consegui verificar que as crianças ficaram a conhecer algumas características dos ursos polares e que gostaram de as saber, no entanto esta avaliação não é só feita num único momento, e através do que as crianças vão dizendo ou fazendo, conseguimos, também, descobrir mais sobre o que cada criança gostou mais ou menos e o que aprendeu.

À tarde, após o almoço, iniciamos a construção de uma castanha (individual); como amanhã é celebrado na escola o dia de São Martinho, propus à educadora que cada criança fizesse a sua castanha. Assim, em conversa com o grupo, as crianças deram várias ideias de como queriam fazer a sua castanha e, com um de cada vez, eu e a educadora fomos ajudando na construção das castanhas. Os materiais eram variados e o grupo poderia usar os materiais que quisesse, como lã, tecido, rolhas, cápsulas de café, entre outros. Penso que é bom dar esta liberdade à criança, para que ela se exprima e que desenvolva, também, a sua criatividade e de facto as castanhas que ficaram terminadas ficaram muito diferentes e cada uma com o seu valor e com a sua importância.

Para terminar, hoje aconteceu uma situação que achei importante refletir: “A educadora estava a começar a fazer com o Gonçalo B. a castanha, quando este deixa cair a cola no chão e olha para a educadora, a educadora pede ao Gonçalo que apanhe a cola, mas rapidamente o Tiago apanha a cola e dá ao Gonçalo. A educadora diz ao Gonçalo para dizer obrigado, mas o Gonçalo não diz. A educadora volta a pedir ao Gonçalo, mas este recusa e abana a cabeça, de forma a dizer “não”. O Gonçalo, ao ver que a educadora estava a ficar triste com ele, começa a chorar e a dizer que lhe dói o olho. A educadora diz que não lhe dói nada e que está a fazer birra, porque não diz obrigado. Para que o Gonçalo perceba que deve dizer obrigado e que a educadora e eu não gostamos da sua ação, a educadora diz-lhe que ele não vai terminar a sua castanha. O Gonçalo encolhe os ombros e fica sentado na cadeira.”

Esta situação faz-me pensar o quão é importante ensinar certos valores às crianças, um simples obrigada, um pedido de desculpas, entre outros. Hoje em dia, vemos tantas crianças que não dizem estas coisas simples, que são muito importantes e que cada vez mais são esquecidas por todos. É importante que cada criança agradeça ao outro, por mais que seja simples a sua ação, como emprestar um brinquedo, ajudar em alguma tarefa... Em conversa com a educadora, falamos que estes valores estão muito esquecidos pela sociedade e que é essencial que nós, que estamos a educar e a cuidar das crianças lhes ensinemos a importância destas palavras.

10 de novembro

A manhã de hoje foi um pouco diferente das outras, pois foi celebrado na escola o São Martinho e no recreio da manhã, todos os alunos e professores da escola se juntaram no pátio e comemoraram esta festividade. Ainda de manhã, antes da festa de São Martinho, algumas crianças terminaram a castanha que tinha começado a ser feita no dia anterior. O resultado final não poderia ter sido melhor, cada castanha era diferente, as crianças tiveram a oportunidade de escolher materiais diferentes (lãs e tecidos) e no final todas identificaram muito orgulhosas a sua castanha. Como ontem a educadora tinha dito ao grupo que hoje poderiam trazer, também, frutos secos, a Sofia levou nozes, figos secos e amêndoas e, então mostrei ao grupo e, antes de irem para o recreio, demos a provar ao grupo estes 3 frutos secos, porém nem todos gostaram.

O recreio da manhã prolongou-se até à hora do almoço e foi visível a felicidade das crianças; para além das castanhas, algumas crianças trouxeram bolo, frutos secos, sumos e, ainda, havia música e foi um momento de muita partilha e de muita brincadeira. Acho que é muito importante este convívio e esta articulação entre o pré-escolar e 1ºCiclo, pois esta integração é fundamental para todas as crianças e não só para aquelas que vão ingressar para o ano no 1ºCiclo; é, na minha opinião, muito positivo o facto de a escola dar uma grande importância a esta articulação, criando-se assim relações positivas entre as crianças, que se podem conhecer e interagir umas com as outras.

Durante a tarde, as crianças brincaram nas diversas áreas e o grupo manteve-se bastante calmo durante o resto do dia.

Fazendo o balanço semanal, esta semana, a meu ver, correu muito melhor que a anterior e senti-me mais realizada. Senti, também, que consegui que o grupo atingisse as intenções que tinha delineado para esta semana; penso que também consegui proporcionar ao grupo experiências diferentes, com materiais, com a ida aos computadores e com a partilha de descobertas ao grupo. Todos estes momentos foram importantes, não só para cada criança, que se envolveu inteiramente nas tarefas, mas também para mim, que senti que o grupo estava motivado e que me pedia para fazer. Foi também uma semana que fortaleceu a minha ligação com o grupo, pois senti-me mais presente e senti que tenho mais “controlo” no grupo, isto é, sinto-me mais à vontade a qualquer momento do dia, principalmente da rotina, que eram momentos que, por vezes, me deixavam um pouco com mais receio. Poder contar com o apoio da educadora cooperante é, também, muito importante e esta tem sido fundamental no meu crescimento como futura profissional e tenho aprendido muito ao longo destas semanas.

13 de novembro

Mais uma semana que se está a iniciar e mais um dia de aprendizagem. É incrível como todos os dias eu aprendo com cada criança, todos os dias há sempre algo de novo e é tão bom poder fazer parte do dia-a-dia de cada uma, pois não somos só nós que lhe transmitimos saberes, elas também nos transmitem muita coisa, mais até que nós.

Após a reunião habitual de tapete e das novidades do fim-de-semana, pedi ao grupo do projeto que se reunisse comigo, para fazermos a tabela, que a orientadora tinha recomendado. Optei por não começar a semana passada, pois queria terminar a pesquisa e os registos acerca do urso polar, no entanto hoje em conjunto com o grupo voltamos a lembrar o que cada um tinha dito e distribuímos as tarefas e o que íamos fazer, de forma mais organizada e completa. De facto, esta tabela facilita bastante o desenrolar e a organização do projeto e, desta forma, até as crianças sabem o que têm de fazer e se sentem responsáveis. Definimos, então, juntos quando íamos fazer o livro dos mamíferos (ficou decidido que seria esta semana) e ainda falamos sobre a história (quem vai ilustrar, quem vai construir a história) e sobre a maqueta dos mamíferos marinhos. Estava um pouco receosa na construção desta tabela, por nunca tê-la feito antes, porém penso que correu bem, e quando mostrei à educadora esta concordou; no entanto surgiram-me algumas dúvidas, principalmente na “avaliação/divulgação”.

Após o recreio da manhã, o Tiago chegou com a mãe e trazia na mão algo que parecia um livro. Eu questionei e ele disse: “foi um livro que fiz com a mãe”, eu elogiei-o e disse que quando entrássemos ele podia mostrar aos amigos. Assim foi e quando nos sentamos todos o Tiago mostrou aos amigos e eu fui lendo a história, à medida que o Tiago ia mostrando as imagens, explicando-as. No final, o Tiago disse que queria fazer perguntas aos amigos e então fez algumas perguntas sobre a sua história, às quais o grupo respondeu muito animado. Penso que esta situação foi muito importante, sobretudo para o Tiago, para a sua confiança e auto estima, ao sentir-se valorizado e ao sentir que todos gostaram da sua história. Por outro lado, isto mostra o interesse do Tiago, principalmente a fazer desenhos; o Tiago é uma criança que adora desenhar e que se mostra muito cuidadoso com os seus desenhos, sendo também muito prestável.

Quanto à elaboração do livro dos mamíferos, como as tarefas foram distribuídas, foi muito mais fácil começar o mesmo. Sendo que hoje ficou quase a capa completa e as duas primeiras páginas, que correspondem às perguntas “o que são mamíferos?” e “o que são mamíferos marinhos?” Como forma de avaliar o que algumas crianças, ainda, sabiam, eu fui perguntando o que eles se lembravam e ia escrevendo, através do que

consegui observar, as crianças ainda se lembravam bastante das características dos mamíferos, o que me deixou bastante contente. Quanto ao livro, as crianças escolheram as cores das canetas, da capa e das páginas, tendo inclusive feito os desenhos dos animais para a capa. Senti que o grupo esteve, como sempre, muito participativo e sempre a perguntar “quando é que sou eu?”; para mim estas ações das crianças deixam-me muito contente e, também, bastante motivada para continuar este projeto.

14 de novembro

A manhã passou de forma bastante tranquila. Tenho tentado sempre que o grupo não passe muito tempo no tapete, pois não é bom para as crianças ficarem muito tempo sentadas, pois acabam por ficar saturadas e elas precisam de brincar. Penso que tenho conseguido demorar menos tempo nos momentos do tapete, no entanto de manhã é sempre mais complicado, pois há crianças que chegam mais tarde, fazendo com que se perca a dinâmica, e com que se tenha que retomar as conversas e os planos para o dia.

Durante a manhã, não adiantei muito do livro dos mamíferos, isto porque, para além das crianças também estarem a brincar nas áreas, a educadora introduziu na sala uma nova área, a área da escrita. A educadora, no momento inicial do tapete, explicou ao grupo que iria introduzir na sala uma nova área, e mostrou várias letras e caixas, explicando que cada letra ia para a caixa respetiva. Ainda, disse ao grupo que sempre que agora fossem escrever novas palavras ou que quisessem conhecer letras novas, que iriam para aquela área. Penso que esta área é uma mais-valia para o grupo, uma área bastante potencializadora de conhecimentos, fazendo com que as crianças comecem a ganhar o gosto pela escrita ou incentivando quem já demonstra este interesse.

Quanto à elaboração do livro, como até à hora do recreio da manhã o grupo ainda não tinha feito nada do livro, a Sofia veio ter comigo e disse: “Marta, quando é que continuamos o livro?” Eu disse à Sofia que então, depois do recreio, íamos continuar o livro; esta questão da Sofia fez-me ver que esta está interessada na elaboração do livro e que quer e gosta de participar na sua elaboração. Desta forma, depois do recreio, a Sofia começou a elaborar a página que vai corresponder ao urso polar; A Sofia é bastante empenhada e participativa e gosta muito de ajudar, tanto os adultos, como as crianças, o que é muito importante.

À tarde, o grupo esteve bastante agitado. Normalmente, tenho conseguido observar que o grupo fica um pouco mais agitado, no entanto hoje estiveram, ainda, mais agitado. Por vezes, nestes momentos fico um pouco insegura, pois não sei muito bem

como lidar com a situação; o que tenho feito desde o início é seguir o modelo da educadora, que é falar com as crianças, perceber a situação e manter sempre a calma. Tento sempre manter a calma, pois para mim elevar o tom e gritar com as crianças, nunca é solução. Porém às vezes tenho medo de não agir da melhor maneira com as crianças. Uma das maiores fragilidades do grupo é, sem dúvida, a resolução de conflitos. A maioria das crianças não consegue resolver os conflitos, sem o adulto por perto ou, quando tenta resolver, procura sempre resolver de maneira mais negativa, que é a bater ou a gritar.

Ainda, depois do almoço, foram 3 crianças do 1ºCiclo (1 de 2ºano e 2 de 1º ano), ler algumas frases e cantar duas canções sobre a letra “a” e a letra “l”; o grupo gosta sempre bastante quando vão outras crianças à sala e fica sempre bastante atento. Acho que estas iniciativas são muito positivas e interessantes, não só pela articulação das valências, mas também pela importância da comunicação e partilha.

Quanto ao projeto, o interesse e motivação do grupo, penso que este está interessado e que procura muito fazer desenhos dos mamíferos e quer, sempre, participar e ajudar-me. Quando alguma criança está a fazer comigo algo do projeto, várias crianças se aproximam e querem ver e perguntam-me se me podem ajudar ou se podem ser a seguir. Acho este interesse fundamental e sem este interesse nada vale a pena, porque o projeto é deles e para eles e não fazia sentido fazer algo que o grupo não gostasse. Hoje, ficou terminada a parte do livro que corresponde ao urso polar e amanhã quero começar a falar sobre o golfinho. Quanto ao capítulo do urso polar, hoje duas crianças estiveram a escrever as informações que já tinham sido registadas, no entanto desta vez foi para o livro e foi muito positivo ver que as crianças se lembravam das características dos ursos. Ainda, o Afonso veio ter comigo e perguntou se podia fazer a casa do urso polar, eu disse que sim e ele fez com algodão a casa do urso, para colocar no livro.

15 de novembro

Hoje, antes do intervalo da manhã, fiquei sozinha com o grupo (mais a assistente operacional), pois a educadora estava a fazer uma atividade que não tinha conseguido fazer ontem. A educadora queria que cada criança escrevesse no computador algumas palavras, para colocar na área da escrita. Assim sendo, a educadora foi uma criança de cada vez (no total foram quatro crianças) ao computador, enquanto eu fiquei com o grupo. Senti-me muito tranquila e sinto que o grupo não estranha o facto de estar na sala sozinha, nem que seja eu a interagir mais nos momentos de grande grupo. O facto de a educadora ter, também, esta confiança em deixar-me sozinha com o grupo deixa-me muito contente, pois sinto que estou no bom caminho. A cada dia

que passa sinto-me mais à vontade e vou aprendendo sempre algo novo e acho que é assim que tenho que encarar esta etapa muito importante da minha vida, com pensamento positivo e disposta a aprender tanto com os adultos, como com as crianças.

Assim sendo, antes do recreio da manhã não continuei o livro dos mamíferos com o grupo, pois também precisava de ir ao computador e como a educadora já tinha ido, optei por ficar na sala. Tenho vindo a reparar, já há algum tempo que algumas crianças estão sempre a mudar de área e que se cansam muito rapidamente, sendo que muitas vezes mudam de área 3 vezes em meia hora. Já tinha comentado este assunto com a educadora e esta tinha concordado e falamos de tentar mudar isto, porque é importante que as crianças brinquem nas áreas que escolheram e que não façam as coisas apressadamente só para mudar de área e é preciso incentivar o interesse destas nas diversas áreas. Como tal, hoje quando estava a pedir às crianças que escolhessem as áreas, disse que não era para andarem a mudar constantemente de área, que tinham de ficar nas áreas mais tempo; a educadora concordou e disse que iam ficar na mesma área até ao recreio. De facto, esta estratégia resultou e o grupo manteve-se mais calmo e não de um lado para o outro ou a correr, como por vezes acontece. Desta forma, cada criança consegue, também, concentrar-se mais na área e brincar com mais calma e não de forma tão apressada, como acontece nos desenhos, em que fazem desenhos muito rápido só para mudar de área.

Depois do recreio, fui com a Khloe e com a Carolina aos computadores, para iniciarmos a pesquisa sobre os golfinhos. As duas mostraram-se muito entusiasmadas e eu fui lendo as informações e elas foram dizendo o que queriam que eu escrevesse; ainda estivemos a ver variadas imagens sobre golfinhos e elas estiveram sempre muito interessadas e participativas. Quando estava a escrever uma das informações, a Carolina disse-me: “olha Marta, depois de escreveres, nós também vamos escrever isso e depois recortamos, pode ser?” eu disse que podia ser e questionei onde queriam escrever. Ainda, a Carolina perguntou se podia levar a folha e mostrar aos amigos o que tinham descoberto. Este empenho e interesse da Carolina foi, também, uma forma de avaliação para mim, fazendo-me ver se o grupo está ou não motivado e interessado. Como quando voltamos o grupo já estava a arrumar para ir almoçar, não conseguimos fazer a comunicação do que tínhamos descoberto.

Hoje optei por fazer uma atividade mais prática sobre os golfinhos, mais concretamente sobre a sua pele; queria que o grupo percebesse que os golfinhos, ao contrário dos ursos polares, não tinham pelo, mas sim pele. Desta forma, levei um ovo cozido, pois a textura do ovo é bastante similar com a textura da pele do golfinho e

achei que era muito mais interessante que o grupo pudesse tocar no ovo, do que simplesmente comunicar esta informação ao grupo.

Assim sendo, depois do almoço, reuni com o grupo e chamei a Khloe e a Carolina e disse-lhes que elas tinham de dizer ao grupo duas informações muito importantes que eram sobre a pele e a cor dos golfinhos. Ambas, muito contentes disseram ao grupo que os golfinhos eram cinzentos e que não tinham pelo, mas sim pele. Depois, pedi ao grupo que fosse para mesa e que se pusesse à volta desta; comecei por dizer que tinha trazido uma coisa que era igual à pele do golfinho, logo aí o grupo começou a ficar muito entusiasmado, mostrei o ovo e disse que ao tocarmos no ovo era como se estivéssemos a tocar na pele de um golfinho; todos tocaram no ovo, mais do que uma vez e todos adoraram a experiência, até o Gonçalo V disse: “oh estou a tocar num golfinho” ou a Carolina que disse “a pele do golfinho é mesmo fofinha”. Depois do ovo disse, também, que tinha trazido película aderente que também era muito parecida com a pele do golfinho e, mais uma vez, todos tocaram e acharam muito macia. Depois, as crianças pintaram um golfinho e colamos a película aderente como se fosse a pele e todos gostaram de sentir a pele do golfinho e estiveram muito animados durante a atividade.

Optei por levar algo mais prático, pois penso que as crianças aprendem muito mais e melhor quando experimentam as coisas, quando mexem, quando vêem, quando sentem algum material ou alguma textura diferente; sinceramente, acho que as aprendizagens são mais significativas e quis trazer algo mais dinâmico dentro deste tópico dos mamíferos marinhos e penso que resultou bastante bem.

Por fim, hoje a educadora introduziu a história “O botão invisível”, um livro da coleção “Dia Nacional do Pijama”, uma história maravilhosa sobre a importância das memórias na nossa vida. Como a história é extensa, a educadora optou por ler um pouco durante o resto dos dias, de modo a não ser exaustivo para o grupo. O grupo anda muito entusiasmado com este dia e todos os dias, quando chegam, vão contar os dias que faltam até ao dia do pijama.

16 de novembro

Esta semana tem sido, de facto, bastante enriquecedora e o projeto tem avançado a um ritmo muito positivo. Tenho notado que o grupo está interessado, também, pelos desenhos que vão fazendo, em que desenham peixes e outros animais marinhos, fazem o oceano e hoje, por exemplo, até o Gonçalo V. veio ter comigo com um desenho na mão e disse: “Marta, este desenho é para por no livro dos mamíferos”, o que me deixa, ainda, mais contente e com mais motivação, por sentir que eles estão, também, motivados.

Hoje ficou concluída a componente do livro que corresponde aos golfinhos. A Carolina e a Khloe terminaram de escrever as informações e colaram numa cartolina (que irá corresponder às páginas do livro). Ainda, o Gabriel fez alguns desenhos para ilustrar as informações, de modo que o grupo compreenda melhor e se lembre do que está escrito. Ao final da tarde, a Carolina e a Khloe apresentaram o que fizeram ao grupo e correu muito bem; algo que tenho podido observar é que há muitas crianças que evoluíram no que diz respeito à exposição e comunicação oral. Lembro-me de haver crianças que eram mais tímidas, no entanto agora noto-as mais à vontade, com gosto e prazer em estar a dizer ou a contar algo novo aos colegas e o sentimento de responsabilidade a surgir. Noto isto não só no que diz respeito ao projeto, mas também a desenhos, em que as crianças pedem para mostrar aos colegas e ou no final da manhã, ou no final da tarde, quando nos reunimos no tapete, cada criança mostra o seu desenho e explica como fez ou que é está retratado; acho que a comunicação oral é muito importante, principalmente para a auto confiança da criança, que se sente importante e valorizada no seu trabalho.

Hoje houve um momento que considerei muito especial, isto porque o Afonso quando chegou, deu-me um papel que dizia “Mãe, Afonso, Marta” e um coração e disse que era para mim; fiquei muito contente e dei-lhe um abraço enorme e um beijinho e disse que tinha ficado muito contente. De facto, ao longo destas semanas tenho conseguido perceber a evolução da minha relação com o grupo, sinto que tenho uma relação bastante afetuosa com todos e que eles compartilham do mesmo sentimento, pois é visível os abraços ou beijos que me pedem ou quando chegam e me dão um abraço. Acho que a relação que estou a construir com o grupo e com cada criança, individualmente, é a base de tudo; sem estas relações de confiança, segurança e carinho nada faria sentido e nem eles, nem eu conseguiríamos tirar partido das nossas capacidades. Portanto, mais que as atividades que proponho ou que faço com e para eles, penso que esta harmonia que estamos a construir é o mais importante e nada me dá mais motivação e felicidade do que sentir que sou importante para cada criança, que as crianças gostam de mim e de me ter por perto.

Em conversa com a educadora concordámos que este dia não deveria ser só “trazer o pijama vestido” e que era importante sensibilizar as crianças sobre os direitos das crianças, principalmente do direito a ter uma família. Então, a educadora hoje começou uma pequena atividade com o grupo; cada criança pintou com tinta guache a sua figura, para depois a educadora juntar todos os desenhos das crianças e colar em papel cenário, de modo a demonstrar os direitos das crianças e a sua união, aliado ao dia do pijama.

17 de novembro

Hoje não estava a 100%, porque estava com a garganta um pouco inflamada e não conseguia falar muito, nem falar muito alto e, como tal, foi difícil estar a gerir os momentos de grande grupo, no tapete, pois era difícil para as crianças me ouvirem. No entanto, dei o meu melhor e conversei com as crianças, mas em grupos mais pequenos.

Quanto ao projeto, hoje pedi às crianças que desenhassem um golfinho, relembRANDO-as de algumas características que tinham sido faladas ontem. O resultado ficou muito interessante e é muito bom ver as diferentes maneiras de as crianças desenharem um golfinho e quais as suas conceções. Acho que é muito importante dar esta liberdade às crianças de desenharem o golfinho como acham que é, e algumas crianças disseram-me que não conseguiam fazer e eu incentivei-as, dizendo-lhes para fazerem como achavam que eram, e elas lá fizeram e ficaram muito animadas.

A educadora hoje continuou a ler a história “O botão invisível”, tendo inclusive lido um pouco mais, pois o grupo estava muito interessado na história. Ainda, a educadora colou as figuras que o grupo tinha feito em roda, em papel cenário e mostrou ao grupo, explicando que, na segunda-feira, todos deviam trazer um botão, para colarem na sua figura.

De um modo geral, o dia foi bastante calmo, o grupo esteve sempre entretido a brincar nas áreas e o dia passou bastante rapidamente. Ao final do dia, como de costume, o grupo esteve um pouco mais agitado; tenho vindo a observar que ao final do dia e principalmente na hora de arrumar a sala, o grupo fica mais irrequieto, principalmente na área dos jogos de chão, em que depois as crianças se vão juntando no tapete e se cria ali um momento de alguma confusão, sendo preciso a orientação de um adulto.

Quanto ao balanço da semana, esta foi, para mim, uma semana muito positiva e fiquei muito feliz por ver e sentir que o grupo está animado e motivado, quanto ao projeto. Procuro sempre fazer um bom trabalho e ter total entrega para com as crianças, faço sempre tudo a pensar nelas, na sua aprendizagem e no que lhes faz sentir bem e feliz. Estou a gostar imenso deste estágio e estou a aprender bastante, sem dúvida que esta profissão é uma profissão exigente, no entanto é muito gratificante fazer parte do desenvolvimento e crescimento de cada criança, proporcionando-lhe momentos de diversão, de afeto e de aprendizagem.

20 de novembro

Hoje o dia foi diferente do habitual, pois foi comemorado na instituição o Dia Nacional do Pijama e, como o dia sugere, as crianças e adultos foram de pijama para a escola. Já desde o início do mês que o grupo andava bastante ansioso com a chegada deste dia, chegando, efetivamente, a contar os dias que faltavam, demonstrando um grande interesse pelo dia. Sendo um dia diferente, optei por não realizar atividades do projeto com o grupo, pois sabia que o grupo ia estar mais agitado e que não iriam estar interessados nesse tipo de atividade.

No acolhimento, as crianças foram chegando e era notório nas suas caras a felicidade que sentiam, por vir de pijama, por mostrarem aos amigos os desenhos no pijama, os acessórios que traziam, como pantufas, peluches. Foi, sem dúvida, um acolhimento mais agitado, as crianças comentavam os pijamas umas das outras e foi muito divertido ver este momento mais descontraído e diferente.

O recreio da manhã foi, também, diferente; o grupo ficou mais tempo que o habitual, tendo ficado até à hora do almoço. Ainda, o 1ºCiclo também esteve com as crianças de JI, o que é muito positivo para as crianças, pois podem estar com outras crianças, com as quais não têm muita oportunidade para estar. Acho que é muito positivo haver mais tempo de recreio, acho que as crianças devem ter muito tempo para brincar e hoje em dia é raro haver muito tempo destinado à brincadeira livre, no exterior. Também hoje no recreio foi colocada música, para as crianças dançarem e cantarem e foi um momento muito benéfico para elas, pois raramente têm a oportunidade de vivenciar estes momentos. Foi, também, benéfico para mim, pois através destes momentos de brincadeira livre, consigo fortalecer a relação com as crianças, em momentos em que estas se encontram mais descontraídas.

Durante a tarde, também não houve atividades planeadas, sendo que as crianças estiveram a brincar nas áreas. A educadora terminou hoje uma atividade que tinha começado a semana passada, relacionando os direitos da criança com o livro “O botão invisível”; as crianças estiveram a colar os botões na figura que já tinham feito e disseram várias frases sobre os direitos das crianças, como “a criança tem direito a ter uma família” “direito a ir à escola”, “direito a brincar”. É sempre bom reforçar estas ideias, os direitos das crianças, que todas deveriam ter, mas que, infelizmente, não têm. É importante fazer ver também a estas crianças que estes direitos são importantes e sensibilizá-las para a realidade de haver crianças que não têm família ou que não podem ir à escola.

Por fim, hoje encontrei algumas imagens do urso polar e coloquei-as na mesa onde habitualmente as crianças fazem os desenhos; ao verem as imagens dos ursos, as crianças que estavam naquela área quiseram usá-las, imediatamente. Esta minha estratégia serviu para conseguir perceber se as crianças ainda estavam interessadas e se, efetivamente, se lembravam de algumas características. As crianças fizeram desenhos fantásticos e colaram as imagens dos ursos e eu sugerir que colocássemos no nosso livro dos mamíferos.

21 de novembro

Hoje o dia foi bastante produtivo e positivo. Consegui continuar o projeto, pois ontem não fiz nada com o grupo, sobre o mesmo. Após o momento de acolhimento, da canção dos bons dias e das tarefas do responsável do dia, as crianças escolheram as áreas e eu fui com a Sofia iniciar o novo tópico dos mamíferos marinhos: a foca. Escolhi a Sofia para vir comigo, pois é a criança que estou a pensar fazer o portefólio e porque ainda não a tinha visto no papel de comunicar ao grupo as suas descobertas.

Durante a pesquisa, fui lendo e a Sofia foi dizendo o que queria que escrevesse e foi dizendo como queria que eu escrevesse. Ainda, vimos alguns vídeos da foca, a pedido da Sofia, e após a visualização de um pequeno vídeo (1 minuto), a Sofia disse muito rapidamente: “olha, as focas gostam muito de areia, podes escrever no papel”; achei muito interessante, pois a Sofia conseguiu não só estar atenta ao vídeo, como conseguiu interpretar esta ideia das focas gostarem da areia, o que é verdade, visto o seu habitat natural ser coberto de areia ou rochas. Ainda, e de modo a tornar diferente a comunicação, sugeri à Sofia que aprendêssemos uma canção sobre a foca e então fomos pesquisar: ouvimos a canção, escrevemos a letra e estivemos a ensaiar. A canção é pequena (duas estrofes) e como é a rimar, foi mais fácil da Sofia aprender, apesar de esta ter estado interessada, durante toda a pesquisa. Antes de voltar para a sala eu e a Sofia fomos buscar duas maracas; esta minha sugestão foi, também, uma estratégia para introduzir os instrumentos musicais no grupo, para que tenham, também, experiências novas. Quando cheguei à sala, o grupo estava já a arrumar as áreas e a Sofia pediu, muito entusiasmada, se podia cantar a canção aos amigos; disse que sim, mas só quando estivessem todos sentados, já que também havia outras crianças com desenhos para mostrar. A Sofia quando se sentou para cantar a canção estava um pouco nervosa, mas eu acalmei-a, dizendo que ia cantar com ela e que a ia ajudar. O grupo gostou muito da canção e eu senti que estavam muito animados e contentes, ainda ficaram muito surpresos com os instrumentos e quiseram, também, experimentar; eu disse que agora só havia duas maracas, mas que em outro momento ia haver instrumentos para todos poderem explorar.

A tarde hoje foi mais curta, pois tive de sair um pouco mais cedo, por causa das aulas na faculdade, no entanto consegui aproveitá-la da melhor forma. Fiz, com algumas crianças do projeto, uma foca em cartolina, através de círculos e semi-círculos. Em relação à cara da foca, as crianças desenharam em cartolina preta, recortaram e colaram; ainda, para fazer os bigodes da foca, sugeri que fizéssemos de maneira diferente e sugeri que fizéssemos com ramos e fomos ao espaço exterior apanhar os ramos (eu e mais 3 crianças). De seguida colamos e o resultado não poderia ser melhor, ficou uma foca muito engraçada e todo o grupo adorou.

Hoje, houve também um momento que me fez sentir muito especial e me fez ver que a relação que estou a construir com o grupo é muito positiva e que estou a criar laços fortes com o mesmo:

“Eu estava ao lado do Gonçalo V. a recortar um papel e este pergunta-me:

Gonçalo V: Marta, em dezembro ainda estás cá?

Eu: estou e em janeiro também.

Gonçalo V: depois já não vens?

Eu: não, a Marta depois não pode vir mais.

Gonçalo V: que pena, gostava que tu ficasses para sempre”

22 de novembro

Logo de manhã, após o acolhimento e a respetiva rotina, o grupo escolheu as áreas que queria ir brincar e eu fui para a área da escrita com a Sofia, terminar o registo do dia anterior. Durante este registo, pude observar que a Sofia se recordava de todas as informações e que reconhecia várias letras, fazendo a comparação com os nomes, por exemplo “esta letra é o R, de Rita”; a área da escrita é uma mais-valia para o grupo e uma área que tem bastante potencial, pois através desta as crianças podem ir reconhecendo mais letras, ter a perceção do que é uma palavra e poder, ainda, associar a palavra à imagem. Após o registo, a Sofia e o Gonçalo V. estiveram a desenhar algumas focas, de modo a ilustrar o registo feito.

Hoje foi afixada a foca feita no dia anterior, esta foi afixada no corredor que dá para a casa de banho e ficou pendurada ao alto; as reações das crianças foram muito positivas e até as crianças da outra sala de JI se mostraram interessadas.

Visto que a educadora quer trabalhar com o grupo as figuras geométricas, esta sugeriu-me que fizesse também os outros mamíferos com figuras geométricas; assim sendo, hoje fizemos o urso polar e afixamos, também, no corredor. As crianças adoraram e algumas até disseram aos avós o que tínhamos feito. Penso que o mais importante é de facto os seus interesses e através destas suas reações consigo

perceber se estas gostaram ou não. Hoje a parte que corresponde à foca ficou quase concluída e penso que amanhã de manhã já fica terminada, podendo iniciar a construção da maquete.

Hoje foi à sala uma professora do projeto “Músicos de palmo e meio” dar uma sessão de música às crianças; algumas crianças do grupo já conheciam este projeto e lembravam-se, efetivamente, de algumas canções que a professora ensinou. Esta sessão foi muito interessante e o grupo esteve sempre interessado, principalmente quando pôde tocar nos instrumentos. Ainda, durante esta sessão, as crianças fizeram um jogo na qual tinham de se movimentar ao som de um instrumento; pude reparar que as crianças mais velhas (5 anos) conseguiam caminhar ao ritmo do instrumento, no entanto algumas crianças (principalmente as de 3 anos) não conseguiam fazer este acompanhamento, necessitando de ajuda por parte do adulto. Acho que a música é fundamental no desenvolvimento e crescimento das crianças e acho que esta iniciativa é positiva.

23 de novembro

Hoje de manhã, a Sofia apresentou as informações que tinha descoberto sobre a foca e o grupo manteve-se interessado e fez, inclusive, algumas questões; a Sofia esteve sempre à vontade, imitando alguns comportamentos dos adultos, tanto os meus, como os da educadora cooperante. Relativamente ao projeto, pedi às crianças do projeto que desenhassem focas, para podermos afixar no corredor e foi bom ver as suas conceções, ver diferentes maneiras de representar o mesmo animal.

Tenho podido observar que o grupo continua interessado no projeto, continua participativo e com vontade de fazer mais e isso deixa-me contente e motivada para, também, continuar com este projeto.

Durante a manhã, o grupo esteve, então, a desenhar algumas focas e a brincar pelas áreas. À tarde, em grande grupo, disse às crianças que tínhamos de começar a maquete do projeto e mostrei as duas caixas que tinha trazido de casa; depois, perguntei as cores que eles queriam que pintássemos e ficou decidido pintar de azul e de vermelho; ainda decidimos o que iríamos colocar na maquete, e as crianças sugeriram que também poderíamos pôr areia e muitos animais, para além dos mamíferos. Disse ao grupo que iam escolher as áreas e que eu depois ia chamando para pintarem as caixas; assim foi, fui chamando as crianças para pintarem a caixa e tenho notado que elas gostam deste tipo de atividade, pois é uma atividade que não costumam fazer e que é diferente, sendo mais interessante também.

Após as crianças terem terminado a pintura, deixamos as caixas a secar, para amanhã voltarmos a ver se precisam de ser novamente pintadas. O grupo estava a

brincar pelas áreas e eu fui brincar na área das construções com duas crianças. Acho estes momentos de brincadeira muito importantes, para também conhecermos melhor a criança e esta semana não tinha tido muito tempo para me dedicar ao brincar e acho que é fundamental; porém com as atividades que tenho de desenvolver e com o decorrer do projeto torna-se, às vezes, difícil conciliar tudo.

Hoje ficou afixado no corredor o golfinho e as reações das crianças são maravilhosas, sendo que o José Pedro até correu pelo corredor a dizer o nome dos animais muito contente, o que me deixou muito feliz. A educadora sugeriu que, para além dos mamíferos que o grupo trabalhou, que as crianças fizessem também peixes e outros animais marinhos, para afixar no corredor, de modo a dar, ainda mais, a ideia do oceano; achei a ideia fantástica e acho que vai ficar um ambiente muito positivo e visualmente vai ficar muito bonito.

24 de novembro

O dia correu de forma bastante positiva, hoje faltaram algumas crianças e o grupo esteve reduzido a 12 crianças. Algo que me preocupa na ausência de algumas crianças é que duas pertencem ao projeto e faltam muitas vezes e não sei como avaliar esta situação, pois sinto que elas não estão muito ligadas e faltam em dias que se desenvolvem atividades e torna-se um pouco complicado gerir esta situação.

De manhã, o Afonso e o Tiago estiveram a pintar as caixas, pois estas precisavam de mais tinta, e enquanto eles estiveram a pintar sugeri às restantes crianças do projeto que desenhassem peixes com tinta guache, para colocarmos lá fora, junto dos outros animais. Assim foi e, como sempre, o grupo mostrou-se participativo e fez vários peixes. Ainda, de manhã, no tapete, mostrei ao grupo uma enciclopédia dos oceanos, pois acho que é sempre importante que eles vejam imagens reais e que saibam que no oceano não existem só os mamíferos que nós estamos a conhecer, mas sim variados seres vivos que eles podem ficar a conhecer.

Quanto ao projeto, hoje decidi não começar mais nenhuma atividade, pois comecei a atividade da realização dos peixes com pintura de guache e não quis iniciar outra atividade, pois sinto que à sexta-feira o grupo está mais irrequieto e quis que as crianças brincassem mais, pois é muito importante.

Ainda assim, penso que esta semana correu de forma muito positiva e que o projeto está no bom caminho; a maquete vai ser algo que o grupo vai gostar muito e para a próxima semana penso que o projeto estará quase no fim, pois após concluído o livro dos mamíferos e a maquete, fica a faltar a história que vai ser uma atividade muito gratificante e muito enriquecedora.

27 de novembro

Semana nova, cheia de boas energias e vontade de trabalhar e aprender. Segunda-feira é sempre um dia mais complicado, pois as crianças vêm de fim-de-semana com as famílias e as rotinas são sempre muito diferentes das da escola, no entanto o grupo, de um modo geral, não esteve irrequieto e o dia correu muito bem, sendo, também, um dia bastante produtivo.

Como esta semana eu e a educadora vamos começar a falar sobre a época natalícia e vamos iniciar a construção das ovelhas e do pastor, para o presépio, tenho a perfeita noção que esta semana vai ser uma semana agitada e, como tal, aproveitando o facto de hoje ainda não se ter falado do Natal optei por adiantar algumas tarefas que estavam quase concluídas.

De manhã, algumas crianças estiveram a terminar de pintar os peixes para pendurar no corredor e as restantes crianças estiveram a brincar nas diversas áreas. As manhãs passam sempre muito rápido e até à hora do recreio o tempo de atividade/brincadeira nunca é muito e é preciso aproveitá-lo da melhor maneira. Depois do recreio, encaminhei o grupo para a biblioteca, pois hoje foi à escola a Professora Bibliotecária contar uma história; tal como aconteceu das últimas vezes, o grupo esteve sempre muito entusiasmado, pois gosta muito de ouvir as histórias da Professora Isabel. A história que foi contada era uma história que o grupo ainda não tinha ouvido, no entanto a história tinha uma personagem muito conhecida por todas as crianças, o cuquedo, e como tal o entusiasmo foi geral; no final da história, a professora Isabel pediu a algumas crianças que contassem a história, personificando as personagens. É sempre muito interessante ver estes momentos e estes momentos são muito importantes para as crianças, para a sua autonomia, a sua confiança e para a comunicação e exposição oral.

À tarde, depois do almoço, reuni com o grupo no tapete e mostrei um livro sobre as baleias que a outra sala de JI nos tinha emprestado e mostrei outras informações e em grande grupo estivemos a descobrir algumas curiosidades sobre as baleias e a ver algumas imagens; optei por fazer de maneira diferente, pois queria mudar o método de pesquisa e, assim, todos tiveram a oportunidade de explorar as informações e dar a sua opinião sobre como era a baleia, o que comia, onde vivia, entre outras informações. Após esta exploração pedi a algumas crianças que fossem comigo, individualmente, fazer o registo das nossas descobertas e assim foi; Para além do registo por escrito, três crianças desenharam, também, baleias para ilustrar o que

estava no papel. Deste modo, o conteúdo do livro ficou terminado e amanhã o livro fica concluído e eu não posso estar mais orgulhosa do grupo e do que criámos juntos.

Ainda hoje, ficaram afixados os peixes, no corredor; o resultado foi muito positivo, ficou um espaço mais acolhedor e eu fiquei mesmo orgulhosa. Como o grupo não viu os peixes a serem pendurados, quando estávamos reunidos na sala eu disse para irmos todos juntos ver o resultado e a reação das crianças não poderia ter sido melhor. As crianças ficaram maravilhadas, algumas muito fascinadas, outras apontavam para os seus peixes e diziam várias coisas, das quais destaco a reação de uma criança, o Gabriel, que mal viu os peixes disse: “parece que estamos no mar” e era mesmo isto que eu idealizava e fiquei a sentir-me muito orgulhosa e feliz.

28 de novembro

Tendo esta semana menos um dia, visto que sexta-feira é feriado é necessário acelerar um pouco o ritmo, para conseguir terminar as atividades que tinha delineado. Como tal, hoje o dia foi, tal como ontem, muito produtivo; o grupo esteve bastante empenhado e motivado a fazer as atividades e tudo fluiu muito bem.

Quanto ao projeto, hoje a maquete ficou praticamente concluída e espero conseguir concluí-la amanhã; hoje colocamos a areia na caixa, de modo a tornar, ainda, mais realista a nossa maquete dos oceanos e todas as crianças ficaram muito entusiasmadas. Como nem todas as crianças tiveram a oportunidade de colocar a areia na maquete, dei oportunidade de as crianças poderem tocar na areia, para sentir a sua textura, pois acho importante que as crianças tenham a oportunidade de explorar sensorialmente as texturas. Ainda, algumas crianças fizeram alguns peixes, um tubarão, a baleia azul e o golfinho, para colocarmos na nossa maquete e todas as crianças partilharam da mesma opinião que ficou “muito bonito”. Tudo o que é feito pelas crianças tem um maior significado e ver as suas representações na maquete torna tudo mais especial e elas sentem-se muito realizadas e contentes. Amanhã o grupo irá terminar a maquete, pois ainda têm que incluir o urso polar e alguns animais marinhos para enriquecer a maquete e torná-la mais completa.

Hoje as crianças do projeto fizeram uma pintura com tinta de guache da baleia azul; acho sempre importante que as crianças façam as suas representações, pois estas permitem-nos compreender, efetivamente, o que a criança consolidou, se na sua representação estão algumas das características da baleia e, ainda, estas representações/desenhos permitem que as crianças desenvolvam a sua motricidade fina, bem como a sua criatividade.

Sendo que o Natal está a chegar, a educadora disse que seria melhor começar a falar sobre esta época o mais rápido possível, porque o tempo não é muito. Assim,

hoje li uma história ao grupo sobre a história do Natal; a história fala de uma maneira geral sobre o nascimento de Jesus e sobre a ida de José e Maria para Belém; depois de contar a história, questionei o grupo sobre a mesma e questionei, ainda, sobre os animais que estavam com Maria e José no estábulo, no momento do nascimento de Jesus. O objetivo da leitura desta história, era não só iniciar o tema do Natal, como também iniciar uma atividade; ficou acordado com a equipa educativa (educadoras e professoras) que a escola iria fazer um presépio e que cada sala iria ficar responsável por um grupo de personagens ou animais. A sala em que me encontro a estagiar ficou responsável por fazer o pastor e as ovelhas; como tal, após a leitura da história, a educadora lançou a atividade ao grupo, que ficou bastante interessado. Durante o dia, algumas crianças fizeram, então, as ovelhas com recurso a algodão e a rolos de papel.

Ainda, hoje a educadora lembrou-se que o grupo poderia pensar em palavras que começassem pelas letras dos mamíferos que tínhamos trabalhado no projeto; deste modo, a educadora escreveu “palavras que começam com a letra B de Baleia” e fez o mesmo para os restantes animais (urso, foca e golfinho) e foi questionando o grupo sobre palavras que começavam com essas letras. O grupo disse imensas palavras e apenas teve mais dificuldade na letra “u”, que era de facto mais difícil. É muito importante que as crianças comecem a perceber o som das palavras e que percebam quais as palavras que começam com o mesmo som e, sendo assim, acho que esta ideia da educadora foi uma mais-valia.

29 de novembro

Hoje dei continuidade à construção da maquete, nomeadamente, aos retoques finais. Pedi ao Gabriel que desenhasse um urso polar e uma foca, para colocarmos na parte superior da maquete, e colocamos esferovite a fazer de gelo, de modo a dar a ideia de que estes animais não vivem tão no fundo do oceano. Ainda, com rolos de papel e caixas de ovos, eu e algumas crianças do projeto estivemos a criar alguns elementos, colocar no oceano, como polvos, tartarugas, estrelas-do-mar e conchas. As crianças estiveram a pintar os animais e eu coleí na maquete, pois foi usada cola quente e esta não é a cola mais segura para as crianças usarem. Acho uma mais-valia os materiais desta maquete serem materiais de desperdício, pois foram usados materiais, como caixas de sapatos, rolos de papel, caixas de ovos, pois, é sempre bom que as crianças vejam que materiais tão simples como estes são importantes e que dão têm diferentes utilidades; ainda, algo que me faz gostar muito desta maquete prende-se com o facto de que todos os animais marinhos nela incluídos foram realizados pelas crianças, atribuindo um maior significado ao produto final, tanto para

elas, como para mim. As intenções que tinha delineado para a construção desta maquete foram concretizadas e sem dúvida que foi algo muito significativo para todas as crianças da sala e não só para as crianças pertencentes ao projeto.

Também hoje o livro dos mamíferos ficou concluído, ficando apenas a faltar a junção dos desenhos das crianças e os registos das pesquisas, pois estão afixadas no corredor e ainda não as retirei.

Quero destacar que ao longo de toda a PPS tenho tido um apoio fundamental da equipa educativa e nestes 3 dias, tanto a educadora cooperante, como a assistente operacional me têm ajudado bastante, tenho sentido que tenho um grande apoio, principalmente nesta fase final do projeto.

Hoje, aconteceu, também, um momento que me fez sentir muito especial:

Enquanto estava na mesa dos desenhos, estavam várias crianças e a Sofia disse:

- Marta, tu vais ser professora?

Eu: vou ser educadora, mas sim vou estar com meninos como vocês.

Sofia: então e vais para outra escola?

Eu: sim, vou para outra escola.

Sofia: oh, vamos ter muitas saudades tuas.

Eu: eu também vou ter, mas eu venho cá fazer muitas visitas.

É bom ver que ao longo destes dois meses as minhas relações com as crianças estão muito fortes e que temos uma ligação afetiva muito positiva; sinto-me uma sortuda por fazer parte da vida de cada uma das crianças e por ajudá-las a crescer.

30 de novembro

O dia hoje foi, tal como tem sido durante esta semana, um dia muito atarefado no sentido de que havia várias coisas para fazer e outras para concluir. De manhã, após a marcação das presenças e das tarefas do responsável do dia, a educadora explicou ao grupo uma tarefa que eles teriam de fazer. A educadora quis trabalhar com o grupo os tamanhos (grande, médio, pequeno) e explicou ao grupo, dando vários exemplos de modo a clarificar a tarefa. Algo que achei muito importante teve que ver com a ação da educadora, pois durante a explicação da atividade, esta exemplificou com as crianças, pedindo a algumas crianças que se levantassem e se colocassem ao lado umas das outras, demonstrando o tamanho; a meu ver isto é muito importante e talvez, se fosse eu, não me teria lembrado de incluir as crianças no exemplo e é por isso que é muito gratificante poder ver a ação da educadora e poder aprender com a mesma.

Assim, de manhã estive a orientar esta atividade proposta pela educadora, enquanto a mesma esteve a terminar outras atividades com as crianças.

Durante a tarde, quando reuni com o grupo após o almoço, lembrei às crianças pertencentes ao projeto de que faltava apenas construirmos a nossa história; lembrei, também, as crianças do grupo que tinham ficado responsáveis pela criação da história e das que tinham ficado encarregues de a ilustrar. Assim, fui com 4 crianças para a biblioteca, de modo a conseguir que estas ficassem mais concentradas e elas foram bastante participativas e conseguiram construir a história; as minhas principais intenções com esta atividade foram desenvolver a imaginação e a criatividade e promover o contacto com a escrita e também que as crianças conseguissem escrever uma sequência lógica. Ao longo da atividade tive de ir guiando a mesma, para que a história tivesse um fio condutor e fizesse sentido. Depois de as crianças terem escrito a história, dividi a mesma por várias folhas e algumas crianças ilustraram a história. O produto final ficou mesmo muito interessante e é muito gratificante ver como as crianças se interessam pelas atividades e se mostram sempre prontas a ajudar no que é preciso fazer.

Quanto ao projeto, a terceira fase ficou hoje encerrada e apenas fica a faltar a avaliação/divulgação; no que diz respeito à avaliação, para mim esta não é feita num só dia, mas sim feita ao longo do projeto e é fácil perceber pelo grau de interesse e motivação da criança. Quanto à divulgação esta vai ser feita para a outra sala de JI e para uma sala de 1ºCiclo e na segunda-feira as crianças irão fazer os convites e preparar a divulgação.

Esta semana foi uma semana muito positiva, em que os objetivos que estabeleci foram alcançados com sucesso e não podia estar mais orgulhosa das crianças e do trabalho que desenvolvi com as mesmas.

04 de dezembro

O início de mais uma semana e se a semana passada foi uma semana com um ritmo agitado e com muito trabalho a fazer, esta semana ainda vai ser mais, isto porque o tempo é muito pouco e esta semana para além de querer fazer a avaliação/divulgação do projeto, o grupo também tem de fazer a prenda de Natal, a carta ao Pai Natal entre outras atividades, por isso, estou um pouco preocupada, no entanto penso que vou conseguir fazer tudo o que tenho delineado.

Assim, hoje foi o início de mais um mês e como tal o calendário foi mudado e o mapa das presenças também e o grupo ficou logo bastante curioso, principalmente devido ao Natal. Hoje como foi um dia diferente e como o mapa de presenças e do tempo ainda não estava totalmente preenchido, não houve responsável de sala.

Então, a manhã começou com a leitura de uma história que eu trouxe para a sala (Feliz Natal Lobo Mau), esta história fala sobre o Lobo Mau que encontra o Pai Natal e que este lhe faz pensar sobre o seu comportamento, até que, por fim, o Pai Natal ajuda o Lobo a ser um Lobo Bom e oferece-lhe um presente. Como hoje estive um pouco rouca, a educadora disse que podia contar a história de modo a que eu poupasse a voz. O grupo esteve sempre atento à história e soltou vários risos em algumas partes. Após a leitura, a educadora explicou que hoje iriam fazer um Pai Natal e que iam fazer a prenda de Natal.

Quanto à prenda que as crianças vão levar para casa, eu sugeri à educadora fazermos bolas de Natal, em que depois as crianças pudessem decorar, de modo a não ficarem bolas iguais; a educadora gostou da ideia e sugeriu que podiam colar papel de embrulho de várias cores e padrões. Assim, a educadora conseguiu encontrar na escola várias bolas e também sinos e corações. No entanto, quando as duas primeiras crianças começaram a fazer a atividade, esta não teve o efeito pretendido e não estava, de todo, a resultar, portanto tivemos de mudar o rumo à atividade. Sugeri outra ideia e esta parece-me que resulta melhor, no entanto ainda não sei se teremos de mudar de novo a atividade. Por vezes, quando estamos a planificar ou temos a ideia de uma atividade não conseguimos prever todos os acontecimentos e é importante saber lidar com este tipo de situações e conseguir arranjar estratégias/soluções para o problema e não entrar em pânico.

Hoje todas as crianças criaram o seu Pai Natal, com recurso a círculos. A atividade correu bastante bem, todas as crianças puderam participar e é sempre uma atividade que potencia várias aprendizagens, como o desenvolvimento da motricidade fina e a utilização de técnicas/materiais diferentes, sendo que é sempre uma tarefa que o grupo gosta, principalmente por se tratar do Pai Natal. Esta foi uma atividade sugerida pela educadora, mas que eu ajudo sempre, procurando-me manter sempre ativa e participativa, até porque eu estive a fazer esta atividade com a ajuda da auxiliar e a educadora esteve a terminar outras tarefas e a trabalhar na prenda de Natal.

Gostaria ainda de referir que hoje, depois do recreio da manhã, o grupo foi até uma sala (normalmente usada pelas professoras de apoio), pois a Professora Dília iria falar sobre as crianças com deficiências. A professora começou por mostrar uma curta-metragem sobre uma menina que se chamava Maria e que na sua turma tinha um amigo que era deficiente, não só motor, mas também a nível cognitivo, esta história é uma forma de sensibilizar não só as crianças, como os adultos, mostrando que, apesar de o menino ser diferente, a Maria quis brincar com ele e quis ser amiga dele. Após a visualização do filme, a professora falou com o grupo de crianças e de seguida fez duas pequenas atividades; a primeira atividade foi para as crianças sentirem um

pouco como era não conseguir ver (cegueira) e a professora colocou uma venda nos olhos e as crianças (uma de cada vez) andavam pela sala, tentando chegar perto dos amigos; a segunda atividade consistia em cada criança se sentar numa cadeira de rodas e andar um pouco pela sala. Estas atividades tinham como objetivo sensibilizar o grupo de crianças para a dificuldade que muitas crianças têm, quando têm estas deficiências, alertando-as para o facto de tratarmos sempre bem todas as crianças/adultos, independentemente da sua diferença.

05 de dezembro

Hoje continuamos a elaborar a prenda de Natal, para as crianças levarem para casa e a educadora pensou noutra solução, ao invés de ser a bola/sino/coração com brilhantes; a educadora sugeriu que cada criança pudesse fazer um desenho em papel guardanapo e que depois com cola branca colassem no respetivo objeto. No início tanto eu, como a educadora estávamos um pouco receosas com o que pudesse ser o resultado, no entanto estivemos a fazer este trabalho com algumas crianças e penso que esta solução resultou de forma positiva e as crianças gostaram do resultado.

Hoje na reunião da manhã mostrei ao grupo o livro dos mamíferos marinhos, claro que o grupo já tinha visto o livro, no entanto desta vez foi diferente, pois o livro já estava completo. Como tal, fui folheando o livro, e a reação das crianças foi a de comentar o que tinha feito e reagir às suas produções. À medida que ia mostrando, algumas crianças iam dizendo o que estava lá escrito, iam dizendo o que desenharam e o que significavam aqueles desenhos e eu pude ver que aquele livro foi muito significativo para todas elas.

Da parte da tarde, quando reuni com o grupo, depois do almoço, depois de perguntar às crianças para que áreas queriam ir, reuni com o grupo do projeto, de modo a começar a preparação da divulgação e fazer a avaliação; isto porque para além desta fase ser muito importante, pois é nesta fase que, muitas vezes, conseguimos, efetivamente, compreender o que a criança conseguiu reter, as suas aprendizagens e têm a oportunidade de mostrar a outras crianças o que fizeram, algo que estas têm vontade de fazer, pois já algumas crianças vieram ter comigo e perguntaram quando é que iam mostrar à sala 1 o que tinham feito. Assim, reuni com o grupo e cada criança escolheu o que queria apresentar, consoante os seus interesses; após termos combinado o que cada um ia dizer, reuni com as crianças por pares, consoante o que iriam apresentar e estivemos a ensaiar o que iam dizer. Isto permitiu-me ter noção do que as crianças ainda sabiam, o que já tinham esquecido e de facto surpreendi-me bastante, porque na sua maioria as crianças ainda se lembravam de muitas características dos mamíferos, mesmo do urso polar, que foi o

primeiro mamífero marinho a ser estudado pelo grupo. Ainda, aproveitei o facto de estar com um grupo pequeno de crianças, para fazer uma avaliação do que cada uma tinha gostado mais/menos de fazer no projeto, este registo pode verificar-se nesta tabela:

	O que gostei mais	O que gostei menos
Afonso	“Fazer desenhos e fazer a maquete”	“Gostei de tudo”
Carolina	“De conhecer o urso polar”	“De fazer desenhos. Custa muito desenhar animais”
Ema	“De falar para os amigos”	“Eu gostei de tudo”
Sofia	“Descobrir o que são focas e de fazer a capa do livro”	“De escrever muito”
Khloe	“Descobrir coisas das baleias”	“Nada”
Gonçalo V.	“Gostei de tudo mas mais da maquete”	“Eu gostei de todas as coisas”
Gabriel	“Fazer desenhos”	“Gostei de tudo”
Tiago	“Os desenhos e a maquete”	“Gostei de tudo”

Sei que a avaliação não é algo que se faça em apenas um dia, pois a avaliação deve ser feita gradualmente, através das ações das crianças e do que estas nos dizem; ao longo do projeto pude avaliar, muitas vezes, o seu interesse, pois os seus desenhos eram, na sua maioria, desenhos dos mamíferos marinhos ou de outros animais marinhos, para além das suas conversas terem, muitas vezes, que ver com os animais do projeto. No entanto, penso que esta avaliação fez sentido, pois para além de ser importante para mim perceber melhor o que as crianças gostaram mais/menos de fazer, também foi importante, pois fê-las refletir sobre este processo. Quanto às suas respostas, para mim foram muito importantes, pois senti que o grupo gostou do projeto, gostou das atividades e gostou do que produziu, ainda através da análise do que gostaram menos, esta põe-me a refletir, pois se calhar exigi que as crianças escrevessem muito ou que fizessem muito desenhos, no entanto algumas crianças adoraram fazer desenhos, o que me faz crer que isto depende, também, muito do que as crianças gostam mais de fazer ou se sentem mais confiantes a fazer.

06 de dezembro

O dia hoje foi um pouco agitado, senti que o grupo de crianças esteve mais impaciente, e eu a educadora tivemos que intervir para chamar a atenção várias vezes, pois as crianças estavam a gritar ou havia alguma criança a chorar. Nestes momentos em que o grupo está mais irrequieto por vezes sinto-me um pouco insegura, pois tenho receio de não agir da melhor maneira, no entanto tenho-me sentido segura das minhas decisões. Tenho notado, também, que estes momentos em que o grupo está mais exaltado são principalmente nos momentos de arrumação de material ou então quando eu e/ou a educadora estamos numa atividade mais dirigida com uma ou duas crianças; porém, mesmo estando numa atividade dirigida a um pequeno grupo de crianças, procuro sempre ter a noção de todo o grupo, procurar saber o que estão a fazer, interrompendo, por vezes, essa atividade para ir falar com alguma criança ou para resolver algum conflito.

Quanto à avaliação do projeto, hoje fiz uma avaliação individual, pois assim consigo certificar-me que todas as crianças participaram na avaliação. Sendo assim, através de um diálogo mais próximo com a criança, questionei-as sobre o que cada uma tinha aprendido com o projeto:

	O que aprendi
Afonso	“A baleia não tem dentes. Os mamíferos têm sangue quente. Os mamíferos podem ser pessoas ou animais.”
Gonçalo V.	“As focas comem muitas sardinhas e gostam de peixe.”
Sofia	“As focas gostam de brincar na areia. Os golfinhos têm um buraco na cabeça para respirar. A baleia é um mamífero marinho e é a maior baleia.”
Gabriel	“Os ursos são bons nadadores e as focas são boas nadadoras. A baleia azul não tem dentes.”
Tiago	“As baleias são mamíferos. Eu aprendi que as baleias deitam água por um buraco.”
Carolina	“Alguns mamíferos têm dentes. O urso polar é o maior urso que já existiu.”
Khloe	“Eles (golfinhos) gostam de nadar. Os golfinhos não têm nariz, nem orelhas.”
Ema	“Os ursos têm pelo branco e fofinho.”

Esta avaliação é para mim muito importante, pois através desta consigo perceber que as crianças conseguiram reter muita informação e informação que foi para elas

relevante, senão não se lembrariam de nada. Ainda, interpretando as suas respostas, foi possível perceber que algumas crianças se lembravam de mais informações, de mais características dos animais e talvez isso seja reflexo do interesse das crianças no projeto ou então por haver um caso ou outro de crianças que faltam muitas vezes e que tenham perdido alguns momentos do projeto. Quando faço esta avaliação não é no intuito de dar uma nota ou atribuir um valor, mas sim uma forma de compreender a criança, implicando desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às necessidades e características individuais de cada criança e do grupo, sendo importante envolver a criança neste processo avaliativo, para que esta se sinta motivada e integrada na sua aprendizagem.

Hoje foi também dia da voluntária do conservatório de música ir à sala, para proporcionar as crianças a uma sessão de música. As crianças mostram-se sempre muito interessadas nestas sessões, no entanto hoje estavam um pouco inquietas e muitas não conseguiram fazer o que lhes foi proposto. Penso que estas sessões são uma mais-valia para o grupo e que a música é fundamental na vida das crianças, pois promove bastantes aprendizagens e principalmente cria no grupo mais empatia e momentos de cumplicidade.

07 de dezembro

Tal como todos os outros dias desta semana, hoje foi um dia atribulado, isto porque existem várias tarefas a ser feitas e por vezes o tempo é nosso inimigo e há o receio de não conseguir fazer tudo o que é suposto. No entanto, tenho conseguido manter o foco e a calma e procuro sempre manter a minha postura calma, de modo a não transparecer ao grupo as minhas preocupações.

Hoje o grupo do projeto fez a divulgação a uma das turmas do 1ºCiclo (1º/2º Anos) e eu estava com algum receio, tinha receio que algo corresse mal, não pelas crianças, mas por mim, porque fui eu que orientei este projeto do grupo e então senti uma grande responsabilidade nesta divulgação. Quanto às crianças, procurei sempre acalmá-las, disse-lhes que ia sempre ajudá-las e que ia correr muito bem. Quando o Tiago chegou à sala, a mãe disse-me que sabia que ele hoje ia apresentar o trabalho e desejou-lhe boa sorte; este momento foi importante para mim, pois fez-me perceber que as crianças falam do projeto em casa e que contam aos pais o que fizeram e o que vão fazer e isso é também uma forma de avaliação. Antes do grupo chegar à sala da professora Kátia, senti que as crianças estavam muito entusiasmadas em ir apresentar o projeto, tanto que algumas crianças estavam, efetivamente, bastante eufóricas.

Quando chegamos à sala do 1ºCiclo, pedi às crianças do projeto que ficassem de frente para as outras crianças e que ficassem em pé eu fiquei perto delas, de modo a que estas se sentissem mais seguras. A divulgação correu, a meu ver, muito bem e eu não me poderia sentir mais orgulhosa daquele grupo de crianças. Claro que algumas crianças estavam com vergonha e olhavam muito para mim, mas procurei sempre ajudá-las a comunicar o que tinham descoberto e estas saíram-se muito bem e eu fiquei muito contente e elas também. Após a comunicação, disse ao grupo para mostrar a maquete e o livro dos mamíferos aos amigos e eles foram pelas mesas mostrar e nesse momento senti que as crianças estavam mais descontraídas e que mostravam com muito orgulho os desenhos que tinham feito e as informações que tinham descoberto. As outras crianças também se mostraram muito animadas e curiosas e estiveram sempre atentas, durante a comunicação.

Este projeto é para mim motivo de orgulho, pois era algo que tinha muito receio, receio de não o conseguir fazer, receio de não conseguir cativar o grupo de crianças, no entanto não posso estar mais orgulhosa, não só por ter conseguido fazer este projeto, mas porque sinto que este foi uma mais-valia para o grupo, consegui ir ao encontro dos seus interesses e necessidades, proporcionando a cada criança atividades e momentos que foram significativos.

11 de dezembro

O começo de mais uma semana, a última semana antes das interrupções letivas, e só consigo pensar em como passou tudo tão rápido, em que passaram quase 3 meses desde que iniciei a PPS e tanta coisa mudou. Quando iniciei a PPS, estava nervosa, não sabia o que esperar e agora é tudo muito diferente, aprendi muita coisa, tanto com os adultos, como com as crianças; aprendi a refletir mais sobre a minha prática pedagógica, mais sobre a minha ação com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa. De facto, durante todos estes meses, aprendi bastante, experienciei uma realidade diferente e não podia estar mais orgulhosa da minha aprendizagem.

Hoje quando cheguei à sala, passado alguns minutos chegou o André e este trazia uma figura de urso polar na mão e mostrou-me muito contente. Perguntei ao André se ele queria mostrar aos amigos e ele disse que sim; esta ação do André fez-me ver que o projeto foi significativo, pois passadas várias semanas as crianças ainda procuram falar dos animais, fazer desenhos ou, como o André, trazer figuras dos animais.

Esta semana vai ser uma semana diferente, o grupo vai ter dois passeios, um deles ao parque urbano de Santa Íria e outro ao teatro assistir à peça A Bela e o Monstro; estas saídas implicam uma grande responsabilidade, no entanto são uma mais-valia

para o grupo, pois para além de ser algo que eles gostam é também importante para a sua aprendizagem.

Hoje o grupo terminou os postais de Natal e iniciou duas atividades novas, também relacionadas com o Natal: pintura de figuras natalícias ou de elementos natalícios, elaboração da carta ao Pai Natal em grupo e individual. Em conversa com a educadora, esta disse-me que queria que a sala estivesse mais natalícia, isto é, que queria que a sala estivesse com elementos de Natal, elaborados pelas crianças. Assim, a educadora foi pedindo a uma criança de cada vez que pintasse, com tinta de guache, figuras natalícias ou elementos que lhes recordassem o Natal, como o pinheiro, renas, entre outros. Acho sempre muito importante todos os desenhos/pinturas que as crianças fazem, pois para além das crianças desenvolverem a motricidade fina e estimularem a sua criatividade, é sempre interessante e importante compreender os desenhos e as figuras, que cada criança realiza e quais as suas conceções.

Quanto à carta do Pai Natal, isto é uma prática recorrente na escola, em que cada sala, seja de JI, seja de 1ºCiclo, escrevem uma carta ao Pai Natal, põem no correio e depois obtêm uma resposta; visto que elaborar uma carta ao Pai Natal com cada criança individualmente iria levar bastante tempo (que não temos), a educadora optou por escrever uma carta conjunta, porém, a educadora também sugeriu que cada criança fizesse o seu pedido; assim, a educadora imprimiu o molde de uma meia e eu registei nessa meia os pedidos de cada criança, estas preencheram a meia com motivos natalícios e escreveram o seu nome.

12 de dezembro

Hoje o dia foi diferente do habitual, fomos a Santa Íria, visitar o parque urbano, para participarmos na iniciativa Econatal, uma iniciativa que procura envolver as crianças em várias atividades, como ateliês, insufláveis, aliando a uma perspetiva de partilha, pois foi pedido a cada família que trouxessem para a escola brinquedos que as crianças já não usavam, para doar a outras crianças. Esta iniciativa é, a meu ver, muito importante, pois é importante sensibilizar as famílias e as crianças, procurando que estas conheçam realidades diferentes e que possam ajudar, doando brinquedos que já não precisam.

O passeio foi durante a tarde, mas logo de manhã que o grupo se mostrou muito entusiasmado com esta ida ao exterior, pois para além de ser a primeira saída do ano letivo, para algumas crianças esta foi também a sua primeira saída, pois só entraram este ano para o JI. As idas ao exterior são sempre importantes e uma mais-valia para

o grupo, no entanto, para nós adultos, é sempre um momento de grande preocupação, pois é uma grande responsabilidade levar todas estas crianças.

Quanto ao passeio em si, este foi muito interessante, todas as crianças gostaram e eu só tive pena de não ter sido um passeio mais longo, no entanto foi muito significativo e o grupo esteve sempre muito entusiasmado. Quanto às atividades, os responsáveis da iniciativa dividiram o grupo de crianças em dois (foram ao passeio as duas salas de JI), em que num primeiro momento as crianças com 4/5 anos ficaram no exterior e as crianças com 3 anos ficaram nos ateliês. Nos ateliês as atividades eram de expressão plástica em que as crianças construíram uma árvore de Natal e, também, estiveram a decorar um gorro de Pai Natal; como o tempo não era muito, nem todas as crianças conseguiram elaborar a árvore de Natal, no entanto todas conseguiram decorar o gorro. Quanto ao exterior, as crianças tinham acesso a um trampolim e a uma estrada, em que as crianças tinham acesso a bicicletas e carros/triciclos e poderiam andar pela estrada, seguindo o código da estrada, como por exemplo parar no vermelho, avançar no verde, parar no stop. As crianças mostraram mais interesse nas atividades do exterior e estiveram sempre alegres e bem-dispostas.

Foi uma tarde diferente e muito divertida não só para as crianças, como para os adultos e sem dúvida que as idas ao exterior são muito benéficas para as crianças, não só porque, muitas vezes, estas são as únicas oportunidades que as crianças têm de ir passear.

13 de dezembro

Esta semana tem sido uma semana diferente, não está a ser uma semana tão agitada como as duas últimas, no entanto como é a última semana antes das interrupções é uma semana de mais brincadeira livre.

Como tal, durante a manhã as crianças brincaram nas diversas áreas e depois do recreio da manhã, fomos todos para a biblioteca ouvir uma história que a professora Isabel nos tinha trazido. Estes momentos com a professora Isabel, são sempre momentos importantes para o grupo, não só porque é algo diferente, na qual as crianças não têm sempre contacto, como também é importante no seu conhecimento, pois conhecem sempre novas histórias e novas personagens.

Durante a tarde, comecei o meu tema de investigação; este trata-se de um estudo sobre a organização do espaço e dos materiais e o seu impacto na aprendizagem da criança. Pretendo com este estudo de caso compreender a importância do ambiente educativo na aprendizagem e desenvolvimento da criança e, como tal, e como as vozes das crianças são uma peça fundamental no processo investigativo, decidi

elaborar questionários às crianças, sobre o espaço da sala, sobre as áreas que gostam mais/menos e sobre se aprendem enquanto estão a brincar nas diversas áreas. Ainda não terminei os questionários, mas fazendo uma primeira análise pude perceber que a área que as crianças mais gostam é a área dos jogos de chão e que a área que menos gostam é a casinha. Apesar de poucas crianças terem mencionado a área da quinta, pelas minhas observações esta é uma área que não é muito utilizada pelas crianças e penso que até será esse motivo das crianças não a terem mencionado, isto porque podem nem sequer terem-se lembrado.

14 de dezembro

Hoje foi um dia diferente, um dia muito divertido, pois a escola inteira foi ao teatro ver a peça “A Bela e o Monstro”. As crianças já estavam há alguns dias entusiasmadas com esta ida ao teatro e hoje estavam todos bastante animados. Partimos logo de manhã para o Estoril e a peça começou por volta das 11h30. De um modo geral, todas as crianças gostaram da peça, no entanto algumas crianças, tiveram medo, devido ao som alto e à voz da personagem que fazia de Monstro; porém no final da peça todas as crianças estavam muito sorridentes, dizendo as partes da peça que mais gostaram e foi notório o seu interesse. A peça estava de facto muito bem conseguida e foi muito interessante poder ver como os atores souberam interagir com o grupo de crianças, mostrando total entrega. A meu ver, estes passeios, sejam no cinema, no teatro ou num parque urbano são muito importantes para todas as crianças, pois muitas vezes são a única oportunidade que estas têm de experienciar estas atividades. Existem muitas crianças que não costumam sair com as famílias e não têm a oportunidade de conhecer novos lugares.

Como o dia hoje foi muito diferente do habitual, já chegamos à escola perto das 14h e as crianças almoçaram a essa hora, ajudei a dar os almoços, pois algumas crianças estavam sonolentas e como já era tarde era importante que as crianças se alimentassem.

Hoje a orientadora da PPS foi à escola para falarmos sobre o tema de investigação (a organização do ambiente educativo: o espaço e os materiais) e consegui esclarecer algumas questões que tinha, delineando, assim, melhor a minha intervenção nesta vertente. Como tal, não estive mais com o grupo, pois quando terminei a reunião com a orientadora, o grupo já tinha ido embora.

15 de dezembro

Hoje foi o último dia, antes das interrupções letivas, como tal o dia hoje foi dedicado à brincadeira livre. Ainda, o dia hoje acabou mais cedo (14h) e portanto não tenho muito a dizer sobre este dia.

Durante toda a manhã, o grupo brincou nas áreas e no recreio, pois era um dia mais descontraído e senti que o grupo tinha necessidade de brincar mais no recreio e não ir para a sala. Após o recreio, as crianças foram almoçar e, de seguida, alguns pais/avós começaram a ir buscar as crianças ao JI.

Hoje algumas crianças deram-me um presente/miminho e eu fiquei muito enternecida, gosto muito de todas aquelas crianças e poder ouvir das famílias que estas gostam de mim e que falam de mim em casa, deixa-me muito comovida.

Passaram quase três meses e eu não podia sentir-me mais em casa, mais orgulhosa de tudo o que consegui construir com o grupo de crianças e com a equipa educativa. Tenho aprendido bastante a cada dia que passa e sinto-me muito grata por tudo o que tem acontecido ao longo destes meses.

03 de janeiro

Dia de voltar à instituição, após as interrupções letivas, e eu estava com imensas saudades das crianças. Quando as crianças começaram a chegar deram-me imensos abraços e beijinhos e vieram logo ter comigo a contar as novidades do Natal e das prendas que tinham recebido. Foi uma manhã um pouco diferente da rotina habitual, isto porque após duas semanas de ausência era normal que as crianças estivessem mais irrequietas, então foi uma reunião de tapete diferente. Durante o momento de grande grupo no tapete, as crianças do grupo falaram sobre as férias e sobre as prendas que tinham recebido, enumerando-as, falando muito alegremente.

Após a partilha de momentos em grande grupo, as crianças escolheram as áreas e passaram a manhã nas mesmas, até ao momento do recreio exterior.

Durante a interrupção letiva, a educadora cooperante introduziu alguns materiais novos na sala, nomeadamente jogos de tabuleiro, jogos de encaixe e construção, na área dos jogos de mesa. Inicialmente a educadora, na escolha das áreas não referiu tal mudança, no entanto quando as crianças foram brincar, a educadora chamou a atenção do grupo para esta mudança. O interesse das crianças foi geral e eu, desde que iniciei a PPS, nunca tinha visto os jogos de mesa com tantas crianças num só dia.

Pude observar que 11 das 15 crianças presentes escolheram a área dos jogos de mesa, crianças que não costumam brincar (muito) nesta área, mas como ficaram curiosas quiseram ir experimentar os novos jogos. De facto, pude também constatar um facto que tenho vindo a constatar, que se prende com a importância da introdução de novos materiais na sala, sejam eles para que área for. Ou seja, é importante que

o/a educador/a consiga observar as crianças, de modo a compreender e a entender quais os seus interesses e necessidades e se, neste caso, os materiais já não são estimulantes, nem fazem sentido, pois o grupo já conhece de trás para a frente os jogos, é necessário fazer uma reflexão sobre o assunto e introduzir, de facto, materiais que estimulem o interesse da criança, procurando que esta desenvolva outras capacidades, principalmente a nível do raciocínio lógico.

Hoje, fiz também algumas observações para me ajudarem na investigação, assinalai as áreas que as crianças escolheram, de modo a que, para além da observação que tenho feito ao longo dos meses, consiga ter factos concretos das áreas nas quais as crianças mais brincam e também as razões das suas escolhas, sendo uma das principais a questão da **amizade**, como pode ser observado na situação abaixo descrita:

“Quando as crianças estavam a escolher as áreas, no momento do tapete, o Gonçalo V disse que não sabia qual a área que queria ir brincar. Pedi então à próxima criança para escolher, enquanto o Gonçalo V ficava a pensar para onde queria ir brincar. Quando chegou a vez de a Carolina escolher, o Gonçalo disse “já sei para onde quero ir. Quero ir para a quinta” que era a área que a Carolina havia escolhido.”

Durante a tarde, estive com a Sofia para podermos continuar a trabalhar no portefólio individual. Perguntei à Sofia se ela queria ir fazer o “nosso trabalho” e esta respondeu afirmativamente e, então, fomos procurar no dossier alguns trabalhos que a Sofia tinha realizado ao longo dos últimos meses. A minha estratégia foi a de permitir à Sofia que esta olhasse para os trabalhos que tinha feito e fosse escolhendo quais os desenhos que queria falar e que queria colocar no portefólio. Durante a escolha de (alguns) trabalhos, questioneei a Sofia sobre qual a razão de querer colocar o desenho no portefólio, pedindo, também, que esta me falasse sobre o mesmo, se tinha gostado ou não de o realizar e sobre o que era o desenho.

04 de janeiro

Hoje foi um dia diferente, pois todas as crianças da instituição se deslocaram até Loures, para cantar as Janeiras, a convite da Câmara de Loures. Como tal, foi uma tarde diferente do habitual, pois saímos do JI por volta da 13h e chegamos já perto das 15h30.

De manhã, em conversa em grande grupo a educadora lembrou ao grupo que, durante a tarde, íamos a Loures para cantar as Janeiras, contando brevemente a história dos 3 Reis Magos. Também durante a manhã, estive com as crianças a

realizar as coroas, para estas levarem para casa na sexta-feira. As coroas foram feitas em cartolinas e cada criança enfeitou a coroa como queria, tendo à sua disposição papel de embrulho, rolinhos, recortes de papel brilhante, entre outros materiais. Ainda durante a manhã, a educadora esteve a fazer outra atividade em paralelo comigo. A educadora pediu às crianças que desenhassem os reis magos, para expormos no corredor.

Também hoje, pude observar que a área dos jogos de mesa foi a área que mais crianças quiseram ir brincar, estando, inclusive, mais crianças na área do que ficou definido no início do ano letivo, com as crianças (visto o limite das crianças ser 5 e estarem 6 crianças). Mais uma vez, reforço a importância de possibilitar às crianças materiais que vão ao encontro dos seus interesses/necessidades, procurando desafiá-las.

A tarde, como referi acima, foi passada em Loures, junto à Câmara. Quando chegamos já havia outros grupos de crianças de outras escolas e nós fomos os primeiros a atuar. Penso que foi uma iniciativa bastante positiva e as crianças estiveram sempre animadas e muito atentas aos outros grupos que atuaram. No entanto, penso que foi tudo muito rápido, visto que as crianças voltaram ao JI na quarta-feira e esta iniciativa decorreu logo no dia seguinte (hoje à tarde) e, por isso, algumas crianças estavam um pouco “perdidas”.

05 de janeiro

De volta à rotina habitual, hoje o dia foi bastante calmo e as crianças estiveram quase durante todo o dia a brincar nas diversas áreas, algo que considero fundamental para o seu desenvolvimento e crescimento, pois a brincar aprende-se muito.

Durante o dia, estive a terminar as coroas com as crianças e a educadora esteve, também, a orientar as crianças nos seus desenhos dos reis magos.

Hoje foi possível fazer uma pequena avaliação sobre as áreas mais e menos escolhidas pelas crianças, ao longo destes 3 dias. Fui sempre apontando qual a área que cada criança escolheu e espero na próxima semana introduzir o quadro das atividades, em que cada criança coloca o seu nome na área que vai brincar. Através da análise, foi possível observar que as áreas mais escolhidas pelas crianças, durante esta semana, foram: jogos de chão (20 vezes) e jogos de mesa (30 vezes). Outras áreas que foram, também, muito escolhidas foram a área do desenho e a área da casinha. A área da quinta foi apenas escolhida uma vez (quarta-feira) por duas crianças, e a área do quadro e da escrita não foram escolhidas uma única vez. Posso inferir desta análise que as áreas que as crianças não escolhem tantas vezes ou que

não escolhem de todo tem que ver com o seu interesse e/ou necessidade e muitas vezes tem que ver com os materiais que estão numa determinada área; se são materiais já há muito tempo conhecidos das crianças (algumas vezes de um não para o outro), materiais que já exploram muitas vezes e que já não lhes trazem qualquer desafio. Sempre pude observar que a área da quinta é uma área pouco apelativa para o grupo; é raro ver crianças a brincar nesta área, o que me leva a questionar sobre o que é possível fazer para conseguir que o grupo tenha interesse nesta área.

2.2. Reflexões Semanais

Reflexão semanal – 25 a 29 de setembro

Nesta primeira semana de estágio, ainda que estivesse no período de observação, optei por manter uma postura mais ativa, de modo a estabelecer uma boa relação com as crianças e com a equipa educativa. Assim, fui interagindo com as crianças nos momentos de brincadeira e tentei auxiliar a equipa nos vários momentos da rotina. Esta integração também me permitiu compreender melhor o funcionamento de toda a instituição, as regras da sala e as respetivas rotinas. Ainda em relação ao período de observação, nesta semana procurei interpretar e refletir acerca de vários momentos que observei e registei, sendo que, tal como mencionam De Ketelle & Roegiers (1999), “a observação será o resultado codificado do acto de observar seguido do acto de interpretar” (p.26).

Assim, observar torna-se fundamental, pois é através da observação que conseguimos, muitas vezes, perceber o comportamento da criança, as suas brincadeiras preferidas e, ainda, os interesses e motivações de cada uma. Assim, tal como afirma Parente (2012) “realizar observações significativas e escutar as crianças torna possível aos adultos conhecerem e aprenderem mais sobre cada criança e assegurar que estão bem colocados para planear, para estimular e responder aos interesses e necessidades individuais da criança e da sua família.” (p.6)

Acho muito importante realçar a importância da rotina nestas idades, visto que “o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é vantajoso para planejar atividades, para tornar possível realizar uma boa organização do trabalho e, além disso, proporciona segurança também às crianças. Possibilita-lhes, desde pequenas, entenderem a maneira como as situações sociais que vivenciam são, em geral, estruturadas.” (Rodrigues & Garms, 2007, p.5) Assim, visto estar a estagiar numa sala heterogénea, em que para algumas crianças a rotina é novidade e para

outras a rotina da sala é algo que estão habituados, foi muito interessante poder observar as crianças (tantos as de 3 anos, como as de 4/5), pois as crianças mais novas ainda estão em adaptação, enquanto, muitas vezes, os mais velhos (4/5) diziam: “já sabemos, agora vamos ao recreio, depois vamos à casa de banho” ou “os pequeninos ainda não sabem e temos de os ajudar”.

Ainda, seguindo este fio condutor, gostava de referir a importância de uma sala heterogénea. Esta é a primeira vez que me encontro a estagiar numa sala heterogénea e é realmente algo muito fundamental, as crianças aprendem muito umas com as outras e pude observar momentos em que as crianças mais velhas se disponibilizavam para ajudar os mais novos, em que mostravam preocupação pelos “mais pequeninos”. Sou defensora de salas heterogéneas, pois assim, a criança continua a aprender, através das suas experiências, no entanto conta com a orientação e apoio de alguém mais capaz, alcançando novas aprendizagens

Um dos meus principais objetivos para esta primeira semana prendeu-se com a minha integração no grupo, de modo a que estes se sintam confiantes e seguros na minha presença. Temos de ser nós mesmos quando interagimos com as crianças, temos de ser verdadeiros, tal como afirma Carl Rogers (1983), “quando esta verdade inclui avaliação, cuidado e preocupação, confiança e respeito por quem aprende, o clima propício à aprendizagem é aumentado.” (citado por Post & Hohmann, 2000, p.70)

Ainda, durante esta semana, tal como já referi, optei por manter uma postura ativa e devo referir que muito se deve, também, à educadora cooperante, pois deixou-me muito à vontade para interagir com o grupo. Foi com esta postura ativa que consegui estabelecer algumas ligações com o grupo e até realizar uma atividade espontânea, de colagem livre de folhas. A atividade surgiu num momento de brincadeira livre e o grupo mostrou-se muito interessado e eu gostei muito e senti-me muito bem ao realizá-la com ele.

Também, gostaria de destacar as situações de gestão de conflitos com que me deparei ao longo da semana, pois quando estas existiam, eu procurava intervir para as solucionar. No entanto, à medida que fui realizando os meus registos, percebi que eu ia ter com as crianças, sem que estas me pedissem auxílio, ou seja, não lhes estava a dar espaço para resolverem os seus conflitos sem a interação de um adulto, como podemos verificar no seguinte exemplo:

Entretanto, após termos entrado dentro da sala, oiço uma criança a queixar-se na área da casinha, dirijo-me ao local e questiono:

Eu: “O que se passa?”

E. "O A. bateu-me a magoou-me."

Eu: "A., tens de pedir desculpa à amiga, não é?"

A.: (Permanece em silêncio)

Eu: "Quando magoamos os amigos, temos de pedir desculpa, não é?"

A.: "Desculpa" (Abraçando a amiga)

Eu: "Pronto, já passou!" (Dou "mais cinco" às duas crianças, que me sorriem).

(Excerto da reflexão diária de 28 de setembro, área da casinha.)

Apesar de ter intervindo com boas intenções, na medida em que queria dar o exemplo e demonstrar como é que deveriam lidar com estas situações, dei por mim a fazê-lo demasiadas vezes. Assim sendo, depois de refletir acerca deste assunto, irei optar por uma abordagem diferente na resolução de conflitos, procurando que as crianças sejam capazes de os gerir sem recorrer à presença de um adulto, promovendo a sua autonomia e uma boa interação entre os pares.

Em suma, gostaria de referir que foi uma semana muito positiva, em que aprendi muito, não só com os adultos, como com as crianças. Importa referir que, ainda que estivesse com algum receio do início desta nova etapa, senti-me muito bem acolhida por toda a instituição, pela equipa de sala e pelo grupo de crianças, o que facilitou a minha adaptação ao longo desta primeira semana.

Reflexão semanal – 2 a 6 de outubro

Esta semana senti que ainda foi uma semana de adaptação da minha parte, tanto às rotinas da sala, como na gestão das atividades. Ainda assim, o facto de ter concretizado uma atividade e participar nas atividades com a educadora foi bastante vantajoso para a minha intervenção, que tem vindo a ser realizada gradualmente. Ainda, apesar de ainda me estar a ambientar, senti-me não só mais integrada nas rotinas do grupo, como senti que a minha relação com o grupo estava a ganhar alicerces, como foi possível observar em alguns comportamentos das crianças.

Durante esta semana foram introduzidos na sala novos instrumentos de pilotagem, como o mapa do tempo e o mapa das presenças. Estes instrumentos são muito importantes visto que estas ferramentas vão auxiliar o educador e as crianças a orientar e a planear o que acontece na sala, dizendo respeito ao grande grupo e a cada criança individualmente (Folque, 2012). Penso que a implementação destes instrumentos foi muito importante, pois fazem com que a criança se torne mais autónoma e mais responsável. Ainda, a educadora atribuiu um responsável do dia, em que este marca o tempo, o dia da semana, faz a contagem das crianças presentes e ajuda em outras tarefas. Esta distribuição de tarefas e respetivo sentido de

responsabilidade atribuído às crianças é muito positivo, contribuindo para a sua formação social e pessoal.

Ainda, na sexta-feira a educadora propôs a mudança de algumas áreas da sala e solicitou a minha ajuda para essa mudança. Penso que a mudança foi, definitivamente, para melhor; a sala ficou mais ampla e com uma melhor distribuição dos espaços. Como se sabe, é importante que o espaço seja feito consoante as necessidades e interesses do grupo, pois o espaço, o ambiente e os materiais são fatores essenciais às aprendizagens e ao bem-estar das crianças, pois, tal como refere Lino (2013), “todos os espaços e materiais são cuidadosamente planeados e organizados para criar um ambiente agradável e familiar, onde as crianças, os professores e os pais se sintam como em casa” (p.120).

Esta semana realizei a primeira atividade com o grupo, que consistiu na construção de um pictograma. No entanto, devido a falta de tempo, a atividade não ficou concluída, no entanto ficará concluída na próxima semana.

A matemática tem um papel fundamental na estruturação do pensamento da criança, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), “o desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aprendizagens e apoiar a criança no seu desejo de aprender” (p.74). Desde muito cedo, é a partir das relações e interações que estabelecem com os outros e, também, com as vivências do dia-a-dia, que as crianças começam a construir noções matemáticas.

É, portanto, importante dar às crianças oportunidades de trabalhar a organização e tratamento de dados, não só porque promovem oportunidades de desenvolvimento do raciocínio matemático e de pensamento lógico, como, também, promovem relações com outras noções matemáticas, como a medida e a geometria e, também, com outras artes do saber, como o conhecimento do mundo.

É, então, essencial que as crianças participem em todo o processo, pois isso permite-lhes contactar com os dados e percebê-los, promovendo, como foi referido acima, algumas noções matemáticas (raciocínio) e contacto com a palavra escrita, como se pode observar:

Assim, comecei por questionar individualmente cada criança sobre qual a fruta que esta tinha trazido e ia anotando o que estas me iam dizendo. Enquanto ia anotando, algumas crianças iam fazendo comentários às letras “tem um A, como o meu nome”, ou referência aos números “agora já são 3 peras Marta”. (excerto da reflexão diária de dia 6 de outubro de 2017)

Como tal, as crianças devem ser envolvidas em todo o processo de recolha e organização de dados, tal como na sua representação (tabelas/gráficos). Envolver as crianças no processo, irá permitir que elas se sintam úteis e valorizadas, dando, ainda, mais importância ao que está a ser trabalhado. “No trabalho com crianças pequenas a escolha dos dados, a forma de os recolher e organizar, deverá, sempre que possível, ser realizada por elas.” (Castro et al, 2008, p. 60)

A atividade não ficou, então, concluída, no entanto na primeira parte da mesma penso que o grupo ficou interessado e participou de forma muito positiva na recolha dos dados.

Durante esta semana, senti que as minhas relações com o grupo estavam a ficar mais sólidas, pois estes procuram-me mais e sentem interesse e vontade de me contarem novidades ou simplesmente pedem para me sentar perto deles a conversar ou a ler uma história. Ainda, sinto que estou a estabelecer uma relação de confiança e segurança, no entanto ainda tenho um longo caminho a percorrer. É apenas na gestão em grande grupo que sinto mais dificuldades, pois ainda sinto que o grupo me testa muito e quer saber até onde pode ir; penso que é um comportamento normal, pois ainda não me conhecem bem, no entanto aos poucos vou melhorando esta dificuldade, sendo que a educadora cooperante me ajuda muito neste aspeto, sendo que é um grande apoio que tenho dentro da sala.

Reflexão semanal – 9 a 13 de outubro

Esta semana foi muito importante, pois foi uma semana em que dinamizei várias atividades com o grupo, em que pude continuar a estabelecer uma relação de confiança e segurança com cada criança individualmente e com o grupo e uma semana de muita aprendizagem e reflexão. Ainda, para além das atividades que dinamizei, foi uma semana em que continuei a intervir em momentos de rotina, como a marcação de presenças, marcação do tempo, canção dos bons dias (em que na quinta-feira dei a conhecer ao grupo uma nova canção e foi algo muito positivo, pois o grupo gostou muito da canção), entre outros momentos.

Os momentos de rotina são, sem dúvida, para mim, os mais importantes, pois proporcionam segurança e estabilidade às crianças. Deste modo, possibilita-lhes compreender a forma como as situações sociais que vivenciam são, em geral, estruturadas e, “com isso, elas adquirem mais independência, pois distinguem regularidades e mudanças, rotinas e novidades e podem então nortear seus próprios comportamentos, ou seja, a «rotina» é referência necessária para as crianças

aprenderem a lidar com o tempo escolar e suas responsabilidades." (Rodrigues & Garms, 2007, s.p.)

Logo no início da semana, terminei com o grupo a atividade iniciada na sexta-feira passada, a construção do pictograma. Optei pela realização do pictograma, pois em jardim-de-infância este é o gráfico que é mais adequado, através destes gráficos é mais perceptível para a criança fazer comparações, e ilações acerca dos assuntos a serem trabalhados, uma vez que são dados organizados e que visualmente são mais apelativos. Assim sendo, algumas crianças do grupo estiveram a pintar as frutas, a recortar e a colar; no final do dia apresentei o produto final e procedi, então, a análise do gráfico elaborado. No momento da análise, várias crianças souberam explicar o que tínhamos feito desde o início até ao produto final; fazendo a avaliação da atividade a maioria das crianças soube identificar qual a fruta que se repetia mais ou menos, no entanto algumas crianças só conseguiram com ajuda.

Penso que esta é uma atividade que poderá ser repetida (com outra temática), pois o subdomínio da Organização e Tratamento de Dados é de extrema importância na abordagem em educação de infância, no entanto é necessário partir da curiosidade e interesse das crianças, para que estas sintam vontade de realizar este tipo de atividades.

Ao longo da semana, foi então feita a exploração do livro "A casa da mosca fosca" (Eva Metujo), uma adaptação de um conto popular russo recuperado por Alexander Afanásiev. Optei pela escolha desta obra, por várias razões, como as diferentes personagens, as rimas, repetições e ritmos, que são elementos próprios da tradição oral.

Segundo Roldão (2001) "as histórias têm atravessado as mais variadas épocas e culturas, constituindo-se como poderosos instrumentos de transmissão e estruturação de ideias, crenças, costumes e valores" (p.71). Na mesma linha de análise, Mata (2008) refere o facto deste ato ser muitas vezes fulcral para proporcionar novas e diferentes experiências da aprendizagem à criança, sendo que "a leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica" (p.78).

Ao longo da leitura da história, optei por incentivar a participação das crianças que, foram assimilando as repetições existentes. Sempre que chegava uma nova personagem e se perguntava "Quem venho visitar?", as crianças descreviam o que sucedia. O mesmo acontecia quando a Mosca dava autorização para que um dos animais entrasse e enumerava qual a sua ordem de chegada (primeiro, segundo, terceiro...), ou seja, eu ia dizendo "És o ... (a chegar) ", e as crianças completavam, tendo desta forma, mais uma vez, um contacto com o sentido ordinal do número

natural. Posteriormente, a mosca fosca identificava qual o número de animais que já se encontravam na sua casa (um, dois, três, quatro, ...) e, mais uma vez, as crianças participavam na leitura da história.

Tendo em conta a conceitualização de Mata (2008) que afirma que “a riqueza das interações com a leitura promove-se também com as atividades que se podem desenvolver antes, durante e depois da leitura da história” (p.80), assim, para além da leitura, dinamizei com o grupo uma construção de uma série ordenada, o desenho das personagens da história e a confeção do bolo da mosca fosca.

No mesmo dia da leitura da história, a atividade que se seguiu foi a de ordenar as personagens conforme estas iam aparecendo na história, em que num primeiro momento foram apresentadas às crianças as imagens das personagens. À medida que estas eram mostradas, as crianças mencionavam o nome de cada uma das personagens de uma forma bastante entusiástica, manifestando particular motivação em verbalizar as rimas presentes, como “escaravelho carquelho”.

Após todas as imagens das personagens se encontrarem ao dispor das crianças, colocadas aleatoriamente, as crianças foram questionadas quanto à ordem cronológica da chegada destas à casa da Mosca Fosca. Para além do desenvolvimento do conceito de ordinalidade, esta ordenação teve ainda como referência a motivação e incentivo das crianças para a leitura. Desta forma, à medida que as crianças ordenavam as imagens, pela ordem dos acontecimentos e tendo em conta dificuldades que iam emergindo, tanto eu como a educadora cooperante questionávamos e íamos apoiando as crianças. Este jogo motivou ainda mais as crianças, fazendo-as pensar e relembrar toda a história e a sua sequencialização. As imagens foram dispostas em fila, sendo este ato de ordenação mais claro para as crianças, tal como afirmam Castro e Rodrigues (2008), sendo que “a disposição dos objetos em fila facilita a contagem pois permite a separação entre os elementos contados e os que faltam contar” (p.18)

Após terminada esta tarefa, procedi então ao desenho das personagens da história, que considerei fundamental, visto que a maioria das crianças representou as personagens da história com a imagem da personagem à frente, procurando colocar no papel todos os pormenores da imagem, o que eu não estava à espera. Achei muito curiosa esta ação das crianças, pois eu pensei que estas fossem desenhar as personagens consoante a sua conceção de “lobo”, ou “escaravelho” e não que tentassem fazer a representação real. Ainda, procedeu-se ao recorte e à colagem das imagens numa cartolina, que foi colocada na área da leitura.

Para terminar a exploração da história, optei por confeccionar um bolo com o grupo. No início estava um pouco nervosa com esta atividade, pois é uma atividade que

necessita de uma boa gestão do tempo, para não se tornar aborrecida. No entanto, penso que a atividade correu bastante bem, o grupo estava muito entusiasmado e participativo e fiquei muito feliz por realizar este tipo de atividades com as crianças.

Para concluir, penso que foi uma semana intensa, em que estive mais presente, em que dinamizei várias atividades com o grupo, mas também uma semana em que me senti mais próxima, em que senti que a minha relação com o grupo estava a aumentar de forma positiva, o que é o que mais valorizo. Gostava de referir que sinto algumas dificuldades em gerir o grupo em momentos de grande grupo, pois muitas vezes o grupo começa a ficar agitado e eu tento arranjar estratégias para os cativar, o que nem sempre acontece. Também, sinto dificuldades em adaptar as atividades às diferentes faixas etárias, presentes na sala, no entanto espero colmatar todas essas dificuldades.

Reflexão semanal – 16 a 20 de outubro

Mais uma semana que passou e mais uma semana de muita aprendizagem e de muitas descobertas, tanto a nível pessoal, como a nível profissional. De dia para dia, sinto que a minha relação com o grupo está a aumentar e que estou a conseguir construir uma relação muito positiva, em que as crianças me procuram, solicitam a minha ajuda e demonstram gostar da minha presença na sala. De facto, “em educação de infância, a qualidade das relações adultos-crianças é um elemento determinante ao nível da construção de sentimentos de segurança, autoestima, curiosidade e desejo de aprender, vontade e capacidade de comunicar com os outros.” (Portugal & Luís, 2016, p.69) Assim, uma das minhas principais intenções com o grupo é estabelecer relações de confiança e segurança, poder conhecê-las e saber o que mais gostam ou não de fazer, podendo, assim, ir ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Ainda, sinto que a cada dia que passa me sinto mais à vontade com o grupo e que a minha dificuldade em geri-lo nos momentos de grande grupo se vai dissipando, no entanto reconheço que ainda tenho que melhorar este aspeto, mas penso que aos poucos vou melhorar.

Ao longo desta semana, as atividades que dinamizei com o grupo prenderam-se com a alimentação, pois na segunda-feira foi o dia da alimentação; no entanto, as atividades sobre a alimentação mantiveram-se durante a semana. A minha principal intenção com a dinamização destas atividades foi a de promover hábitos de alimentação saudáveis, no entanto com atividades que pudessem trazer curiosidade e interesse ao grupo. Logo na segunda-feira, realizei uma atividade em grande grupo em que pretendi que eles pudessem compreender a importância dos alimentos saudáveis e não saudáveis, e que é importante para a nossa saúde que nos alimentemos de

forma saudável. O grupo reagiu de forma positiva e todas as crianças conseguiram identificar os alimentos saudáveis e os alimentos não saudáveis.

Esta semana realizei uma experiência com o grupo e é importante que desde os primeiros anos de vida que as crianças contactem com este tipo de atividades, que façam descobertas, que consigam prever acontecimentos ou até de procurar soluções para alguma situação. É notório que as crianças gostam naturalmente de observar e de tentar interpretar os fenómenos que acontecem no dia-a-dia e que, sendo assim, devem vivenciar essas mesmas situações no jardim-de-infância. Tal como afirmam Zabala e Arnau (2007), citados por Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Marques Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009) “em idade pré-escolar, as crianças estão predispostas para aprendizagens de ciências, [e] cabe aos(às) educadores(as) conceber e dinamizar actividades promotoras de literacia científica, com vista ao desenvolvimento de cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoal, interpessoal, social e profissional.” Desta forma, penso que foi importante trazer esta “novidade” para o grupo. Fazendo o balanço da atividade, esta correu de forma positiva, o grupo sentiu algumas dificuldades em prever os acontecimentos, no entanto à medida que a experiência foi evoluindo o grupo conseguiu descobrir os conceitos certos (flutuar/não flutuar) e conseguiu explicar o porquê de tal fenómeno ter acontecido.

Também esta semana, houve uma atividade que me marcou muito de forma positiva, que teve que ver com contar uma história, recorrendo ao uso de fantoches. O faz-de-conta “desempenha um papel importante no desenvolvimento emocional e social, na descoberta de si e do mundo, no alargamento de formas de comunicação verbal e não verbal, na expressão de emoções (medo, surpresa, alegria, tristeza) e como meio de reequilibrar os conflitos interiores da criança” (Ministério da Educação, 2016, p.52) Desta forma, acho importante trabalhar com as crianças este tipo de atividade, assim recontei a história que tinha contado no início da semana, mas promovi a participação do grupo, improvisando a história, de modo a que esta se tornasse mais motivadora para o grupo.

No início, estava um pouco receosa na dinamização desta atividade, pois não sabia se o grupo iria reagir bem à atividade, ou se ia ficar na expectativa. No entanto, no decorrer da atividade os meus receios desapareceram, pois o grupo reagiu muito bem, mostraram-se muito participativos e estavam muito contentes. Fiquei bastante realizada, pois nunca pensei que o grupo se mostrasse tão participativo e interessado.

Importa salientar que “é importante que os adultos apoiem a brincadeira de representação de papéis e de faz-de-conta das crianças, dando-lhes materiais e adereços apropriados” (Hohmann & Weikart, 2011, p.495), pelo que dei oportunidade

ao grupo de explorar os fantoches e até de escolher os fantoches para brincar no dia seguinte, como uma área de faz-de-conta. Ainda, segundo Hohmann e Weikart (2011), “através da imitação e do faz-de-conta as crianças organizam aquilo que compreendem e ganham um sentido de mestria e controlo sobre os acontecimentos que testemunharam ou nos quais tomaram parte.” (p.494)

Para terminar, esta semana, durante o acolhimento, procurei estar mais presente para as famílias, de modo a que estas me possam conhecer melhor. Do meu ponto de vista, a participação das famílias é essencial para um bom ambiente educativo, por isso, acho importante criar relações positivas com estas. Assim, “estas parcerias caracterizam-se pela confiança e respeito mútuos e incluem um constante dar-e-receber em conversas sobre o crescimento e o desenvolvimento das crianças em que todos os envolvidos têm um interesse em comum e promissor.” (Post & Hohmann, 2011, p.327)

Reflexão semanal – 23 a 26 de outubro

Esta semana foi uma semana diferente, uma semana que me fez refletir acerca da minha prática pedagógica e me fez pensar nas minhas intenções com o grupo de crianças. Por isso, gostaria de destacar vários momentos que considere importantes e significativos.

Primeiramente, gostaria de destacar a importância do teatro no jardim-de-infância. Mais uma vez, contei, através do recurso a fantoches, uma história ao grupo de crianças (Os 3 porquinhos), sendo que o grupo também a pôde contar, manipulando os fantoches. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), “o jogo dramático ou brincar ao “faz de conta” é uma forma de jogo simbólico em que a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas (...) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos.” (p.52). Neste sentido, enquanto dramatizei a história, fui procurando sempre que as crianças participassem, não só nas respostas às questões que eu fazia, mas também na história em si, pedindo ajuda em momentos como o de soprar as casas. De seguida, também as crianças quiseram contar a história e ser as personagens.

Em relação à representação, tendo em conta o que observei, algumas das crianças mostraram-se bastante à vontade a interpretar as respetivas personagens, outras estiveram mais tímidas, no entanto penso que isto é um comportamento normal, sendo que não é fácil improvisar uma história, mesmo sendo uma história tão conhecida por eles, visto que os leva a uma exposição oral, o que para muitos não é muito confortável. Penso que este momento foi fundamental para o desenvolvimento

de todas as crianças presentes. Aquelas que estavam a representar estavam a desenvolver a oralidade, a projeção da voz, a desenvolver o vocabulário e a trabalhar o lado emocional (Moraes, s.d.). As crianças que estavam a assistir desenvolveram as competências de respeito pelo outro, de saber ouvir o outro e de esperar pela sua vez para participar, compreendendo e distinguindo o papel dos que estavam a atuar e o papel do público.

Nesta linha de pensamento, destaco a relevância de fazer teatro para as crianças, como foi o caso desta dramatização. Por fim, esta semana compreendi que, para as crianças, o jardim-de-infância torna-se uma “comunidade de apropriação da recepção teatral” (Ferreira, 2005, p.40), ou seja, ainda que algumas crianças possam contactar com o teatro com as suas famílias, muitas delas têm o seu primeiro contacto na escola e nas salas de atividades, pois é aqui que surge a prática de ver e de fazer teatro. Assim sendo, a forma como as crianças “percebem, sentem e pensam o teatro passa pelo caminho e pelos atravessamentos propostos pela instituição escolar.” (Ferreira, 2005, p.40)

Esta semana surgiu um novo projeto a partir da curiosidade e interesse das crianças: “Depois do almoço, reuni com o grupo e questionei, novamente, sobre a história e o grupo continuou a falar sobre o mar e sobre o oceano, ao que eu perguntei se gostavam de descobrir mais sobre o oceano e as crianças do grupo, muito entusiasmadas, disseram que sim.” (Nota de campo de 25 de outubro de 2016, reunião da tarde).

Deste modo, irei incidir a minha reflexão nas atividades que realizei no âmbito do respetivo projeto, expondo a metodologia utilizada e articulando com as fases iniciais do mesmo. Primeiramente, o termo projeto designa um estudo aprofundado de um determinado tema, em que as crianças realizam investigações para encontrar respostas às suas próprias perguntas (Kartz & Chard, 2009). Relativamente ao projeto em questão, do meu contexto de estágio, selecionámos o tema "o oceano", no entanto este tema irá incidir principalmente sobre dois tópicos (devido às perguntas/curiosidades das crianças) sobre os oceanos existentes e sobre os animais, pois, segundo Helmes (citado por Vasconcelos, 2012), é importante restringir um grande tema a um tópico, pois “quanto mais estreito o tópico, mais aprofundado será o projecto” (p.19). Neste sentido, quando surge um possível projeto, cabe ao educador perceber a sua pertinência para o respetivo grupo, sendo que o principal fator é o interesse das crianças, pois é fundamental que este parta do grupo e das suas dúvidas e questões, tal como aconteceu no meu contexto.

Mais, a seleção do trabalho de projecto deve ser levada muito a sério pelo educador, incentivando a investigação das crianças sobre fenómenos merecedores da

sua atenção (Kartz & Chard, 2009). Nesta linha de pensamento, já estamos a entrar na primeira fase do projeto, que, segundo Kartz e Chard (2009), corresponde ao planeamento e início do mesmo. Nesta fase devemos introduzir e clarificar o tema e os subtemas a serem investigados, partilhar experiências e conhecimentos sobre os mesmos e especificar as dúvidas a serem pesquisadas. Assim sendo, num momento em grande grupo, aconteceu uma conversa inicial que revelou as noções e a familiaridade das crianças para com o tema em questão. As crianças rapidamente fizeram observações, tais como: “a água é azul”, “no oceano às vezes há lixo”, “há baleias”, “no mar dá para fazer surf”.

Face a estas afirmações compreendi que algumas crianças já possuem algum conhecimento mais específico sobre o assunto, porém, outras nem tanto. Para além do registo das noções das crianças sobre o tema, ajudei as crianças, a formular um conjunto de questões/curiosidades que serão o fio condutor do nosso projeto. Neste sentido, no final da primeira fase devem estar claras as questões que queremos ver respondidas ao longo do projeto. Esta etapa requereu alguma orientação mais específica por parte dos adultos, pois as crianças continuavam a explicar o que pensavam que já sabiam, ao invés de colocar questões. Esta dificuldade é natural, pois "para muitas crianças entre os 3 e os 5 anos a sua experiência mais comum é serem-lhes feitas perguntas em vez de serem elas próprias a fazerem-nas" (Kartz & Chard, 2009, p.159), pelo que, no caso do meu grupo, a orientação do adulto foi essencial para traduzir as informações das crianças em perguntas.

Ainda, esta semana pude refletir também acerca da importância de ouvir as crianças e torná-las construtoras do seu saber; talvez a minha postura até então tenha sido mais tradicional, apesar de ouvir sempre as crianças e procurar a sua participação, planifiquei atividades que não deixaram espaço para as crianças se exprimirem e darem a sua opinião. Assim, e como está expresso nas OCEPE (2016) “o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades.” (p.9) Assim, irei mudar o que tem sido o meu modo de agir, relativamente à planificação, e ouvir o que as crianças me têm a dizer, procurar dar-lhes espaço para pensar e agir conforme os seus interesses e necessidades.

Reflexão semanal –30 de outubro a 3 de novembro

Esta semana foi uma semana diferente, isto porque muitas crianças faltaram e o grupo esteve muito reduzido, o que fez com que não conseguisse fazer o que tinha

delineado. No entanto, tenho de saber lidar com estas adversidades e espero que na próxima semana consiga atingir os objetivos que tinha planeado.

No início da semana, iniciei e concluí a segunda fase do projeto – planificação e desenvolvimento do trabalho (Vasconcelos, 2012). Nesta fase “faz-se uma previsão do(s) possível(eis) desenvolvimento(s) do projecto em função de metas específicas.” (Vasconcelos, 2012, p.15). Sendo assim, reuni-me com o grupo e juntos conseguimos delinear algumas atividades que as crianças gostariam de realizar; esta fase foi um pouco complicada, porque o grupo não estava a conseguir desenvolver o seu pensamento, quanto às atividades que queriam fazer e, de modo a facilitar o processo e a ajudá-los, fui sugerindo atividades e o grupo concordou e consegui perceber que o grupo ficou muito animado. Tal como referi acima, esta semana não consegui fazer o que tinha delineado e, como tal, não consegui realizar atividades relacionadas com o projeto, o que me deixou um pouco desmotivada.

Esta semana surgiu um acontecimento que gostava de referir e que será o principal enfoque nesta reflexão, pela importância que, para mim, tem. O que me despertou interesse foi a emergência da escrita, isto porque se deu a seguinte situação:

“Eu estava a escrever uma frase, para expor fora da sala, e a Sofia veio ter comigo e disse:

Sofia: eu conheço essa letra.

Eu: conheces?

Sofia: sim, barbie começa com essa letra.

Eu: pois começa, é a letra B.

Sofia: eu sei escrever barbie, queres ver?

Eu: claro que quero.

(...)

A seguir, a Sofia veio ter comigo e disse que queria escrever mais palavras e disse-me quais eram; eu escrevi num papel e a Sofia copiou e foi fazendo referência, apontando para as palavras e dizendo o que estava escrito.” (Excerto da reflexão diária de dia 30 de outubro de 2017)

Na minha opinião, a situação acima referida, demonstrou a importância da escrita na educação pré-escolar, pois a Sofia sentiu a necessidade de expressar por escrito, os nomes que conhecia, atribuindo-lhes um grande valor. Neste sentido, é fácil compreender que a escrita é um meio de informação e de transmissão do saber, pelo que registar o que as crianças dizem ou contam é uma forma de abordar a escrita e a sua funcionalidade, para que esta compreenda o seu objetivo. Nesta linha de pensamento, importa salientar o papel do educador, que, para além de criar um ambiente de familiarização com o código escrito, deve valorizar e incentivar as

tentativas de escrita das crianças, mesmo que não sejam bem conseguidas (Silva et al., 2016).

Segundo Silva et al (2016), o incentivo à escrita no jardim-de-infância, não se trata de uma introdução formal da mesma, mas sim, um modo de “facilitar a emergência da linguagem escrita através do contacto e uso da leitura e da escrita, em situações reais e funcionais associadas ao quotidiano da criança” (p.66). Quanto à aprendizagem da escrita, não sendo esta uma característica inata no ser humano, vai acarretar “consequências importantes para o processamento cognitivo da informação, para a resolução de problemas e para a estruturação do funcionamento neurológico do indivíduo” (Castro-Caldas citado por Baptista et al, 2011, p.11). Assim sendo, a aprendizagem da linguagem escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo, que se inicia desde cedo e não apenas quando existe um ensino formal (Silva et al, 2016). Partindo desta premissa, considero fulcral motivar e promover a emergência da escrita no jardim-de-infância.

Ainda, o jardim-de-infância apresenta um papel extremamente importante na aprendizagem da linguagem escrita, ao envolver as crianças em atividades que promovam este contacto. Porém, é de salientar que isto não significa que o jardim-de-infância tenha de assumir o papel do ensino da leitura e da escrita, mas sim que a linguagem escrita não seja ignorada e banida dos contextos pré escolares. Esta deve ser algo sistematicamente presente e, portanto, que as crianças possam explorar, utilizar, experimentar, compreender e descobrir, progredindo, assim, no seu conhecimento sobre as características da escrita e da sua utilização.” (Mata, 2008, p.46).

Também, tenho podido observar a importância que a escrita do próprio nome tem nas crianças, até mesmo naquelas que, ainda, não conseguem escrevê-lo. Estas conseguem identificar os seus trabalhos, conseguem ir fazendo comparações com as letras e é fácil constatar que a escrita do nome próprio apresenta um significado especial para todos os seres humanos e constitui uma função relevante na emergência da escrita. Tal como refere Silva et al (2016), quando a criança começa a perceber algumas das regras do código escrito, vai desejar reproduzir algumas palavras, como o seu nome, o nome dos amigos ou outras palavras do seu interesse.

Referenciando Marques (1993), na educação pré-escolar, a primeira palavra que a criança identifica com mais facilidade é o seu nome, visto que, desde muito cedo começa a vivenciar a escrita do próprio nome, por exemplo, através da sua identificação nas batas, nos materiais que lhe pertencem, no registo do mapa de presenças, entre outros. Por isso, para as crianças, escrever o seu próprio nome, pode

ser uma das experiências mais significativas nas primeiras formas de contacto com a escrita.

Para além da escrita do nome próprio possuir um sentido afetivo para a criança, esta aprendizagem permite-lhe "fazer comparações entre letras que se repetem noutras palavras e aperceber-se de que o seu nome se escreve sempre da mesma maneira" (Silva et al, 2016, p.70). Neste sentido, "quando a criança entra em contacto com a forma gráfica do seu nome, não lhe fica indiferente: observa, compara, confronta e tira conclusões importantes a respeito do universo letrado." (Santos, 2003, s.p), desenvolvendo as suas conceções e as suas competências sobre a escrita.

Sendo assim, é importante que se proporcionem momentos que privilegiem, não só, a escrita do próprio nome, nomeadamente, na identificação dos trabalhos, mas momentos em que as crianças possam explorar as várias letras e que comecem a relacionar-se com a escrita.

Reflexão semanal – 6 a 10 de novembro

Esta semana foi bastante diferente da última, na última semana não consegui atingir os objetivos que tinha delineado, porém esta semana, foi muito positiva, consegui alcançar alguns objetivos e consegui que o grupo se mantivesse interessado e motivado.

Logo no início da semana, iniciei a terceira fase do projeto – execução (Vasconcelos, 2012). Nesta fase, "as crianças partem para o processo de pesquisa através de experiências directas, preparando aquilo que desejam saber; organizam, seleccionam e registam a informação: desenham, tiram fotografias, criam textos, fazem construções." (Vasconcelos, 2012, p.16) Na segunda-feira, tinha pensado propor ao grupo que fizessem desenhos sobre o oceano, de modo a entender também as suas primeiras conceções sobre o tema, como faziam os animais, o que havia no oceano, entre outras, no entanto o grupo, por si, sugeriu fazer esses desenhos isto porque uma criança trouxe algumas informações sobre os oceanos e sobre o urso polar. Eu mostrei ao grupo as informações e uma das crianças disse que podíamos fazer os oceanos; eu fui buscar papel cenário e perguntei ao grupo como gostariam de fazer e o grupo deu várias sugestões. Esta atividade foi muito positiva, todas as crianças se empenharam bastante e mostraram-se muito motivadas, mostrando aos pais ou avós.

Desta atividade, surgiu, novamente, o principal tópico do projeto que é os mamíferos marinhos. Quando realizei a teia pela primeira vez, o que o grupo queria saber era efetivamente informações acerca das baleias, dos golfinhos, e o oceano ser

um tema tão grande, restringimos aos mamíferos marinhos. Como a Mariana trouxe informações sobre o urso polar, o grupo ficou muito entusiasmado e quando eu li que o urso era um mamífero, muitas crianças se mostraram curiosas e eu decidi logo começar a pesquisa nesse sentido. Como tal, esta semana o grupo ficou a saber o que eram mamíferos e conheceram melhor o urso polar. Ainda, fizeram registos em cartolinas e fizeram desenhos do urso polar. Penso que estas atividades foram fundamentais para o grupo interiorizar alguns conceitos e, também, para começaram a entender o processo de pesquisa e de partilha com o grupo. Esta comunicação ao grupo é, para mim, fundamental e uma das minhas principais intenções, sendo que “esta vertente discursiva da linguagem oral é uma competência central nesta faixa etária devido à sua transversalidade, não só para o desenvolvimento de competências sociais, mas para as trocas e apropriação de informação necessárias às aprendizagens em outras áreas do saber.” (Silva et al, 2016, p.62)

Ainda, e em relação aos registos e atividades realizadas durante a semana, estes foram expostos exteriormente à sala. Esta exposição é fundamental para documentar os vários aspetos do projeto, para que “as crianças possam ver o relatório do seu próprio trabalho” (Kartz & Chard, 2009, p.156). Para além disso, esta é uma forma de dar a conhecer aos pais e a toda a comunidade educativa o trabalho desenvolvido na sala de atividades.

Esta semana, ocorreu uma situação que gostava de destacar:

“A educadora estava a começar a fazer com o Gonçalo B. a castanha, quando este deixa cair a cola no chão e olha para a educadora, a educadora pede ao Gonçalo que apanhe a cola, mas rapidamente o Tiago apanha a cola e dá ao Gonçalo. A educadora diz ao Gonçalo para dizer obrigado, mas o Gonçalo não diz. A educadora volta a pedir ao Gonçalo, mas este recusa e abana a cabeça, de forma a dizer “não”. O Gonçalo, ao ver que a educadora estava a ficar triste com ele, começa a chorar e a dizer que lhe dói o olho. A educadora diz que não lhe dói nada e que está a fazer birra, porque não diz obrigado. Para que o Gonçalo perceba que deve dizer obrigado e que a educadora e eu não gostamos da sua ação, a educadora diz-lhe que ele não vai terminar a sua castanha. O Gonçalo encolhe os ombros e fica sentado na cadeira.”

Esta situação fez-me refletir acerca da importância de ensinar às crianças a dizer “obrigado”, “desculpa” ou simplesmente “bom dia”. Assim e como está expresso nas OCEPE (2016) “é nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, desenvolver a sua autonomia como pessoa e como aprendiz, compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros,

valorizar o património natural e social.” (p.33) Deste modo é importante que a criança tenha modelos a seguir, tanto em casa com as famílias, como no jardim-de-infância. Ainda, é importante que se fale com as crianças sobre a importância de pedir desculpa, de agradecer ao amigo, pois a educação pré-escolar tem um papel essencial na educação para os valores, valores que “não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros.” (Silva et al, 2016, p.33)

Aqui, o papel do educador é, também, fundamental, pois se dentro da sala as crianças virem os adultos a praticar certos tipos de valores (o que é o que acontece na sala em que me encontro a estagiar), elas vão, também, demonstrar essas mesmas atitudes e valores. Os adultos “ao demonstrarem atitudes de tolerância, cooperação, partilha, sensibilidade, respeito, justiça, etc. para com as crianças e adultos (outros profissionais e pais/famílias), contribuem para que as crianças reconheçam a importância desses valores e se apropriem deles.” (Silva et al, 2016, p.33)

Reflexão semanal – 13 a 17 de novembro

Esta semana foi, também, uma semana muito positiva foi, a meu ver, uma semana que correu muito bem e que me fez crescer enquanto futura profissional de educação. Sinto que estou a evoluir e que estou a aprender bastante; ainda tenho podido contar com o apoio fundamental da educadora cooperante, que me põe sempre à vontade e me ajuda a evoluir. Quanto ao projeto, penso que este está a correr muito bem, sinto que o grupo está motivado e interessado. A maioria dos desenhos livres, que as crianças fazem, é relacionada com os oceanos ou com os mamíferos marinhos e é através destes seus interesses que consigo, também, perceber a sua motivação.

Logo no início da semana, iniciámos a elaboração do livro dos mamíferos, sendo as crianças a escolher como queriam fazer a capa, o que queriam por no livro e o que gostavam de fazer no livro. Noto que as crianças estão mais participativas e sugerem, ainda mais, a forma como querem fazer alguma coisa, seja algo que querem escrever ou desenhar. Ainda, consigo notar, também, uma grande evolução na comunicação do grupo: sempre que descobrem algo novo, querem comunicar ao grupo e sentem-se muito responsáveis e especiais, por estarem num papel diferente e por estarem a ser ouvidos. Esta comunicação oral é muito importante e pretendo continuar a incentivar esta sua participação e o discurso oral das crianças, pois é bastante benéfico para elas.

Assim, em relação ao projeto, penso que este está no bom caminho e pretendo que a próxima semana seja a penúltima semana do projeto, também para não ser um projeto muito longo e que possa desmotivar o grupo.

Ao longo destas semanas, tenho podido observar que uma das principais fragilidades do grupo se prende com a resolução de conflitos. É com bastante frequência que é possível observar alguns episódios de conflitos entre as crianças, seja pela posse de um mesmo objeto, pela destruição de construções, por opiniões divergentes perante uma mesma situação/brincadeira/conversa. Ao observar estes episódios, vejo que as crianças necessitam, quase sempre, de recorrer ao adulto que está mais perto, para as auxiliar a gerir e a lidar com o conflito. Muitas vezes, as crianças não se ouvem umas às outras, isto é, em situações de conflito, evitam o diálogo de modo a apaziguar e a resolver a situação. Esta é para mim uma situação muito importante, pois por vezes não sei bem qual a melhor maneira de agir, perante uma situação de conflito.

As crianças em idade de educação de infância encontram-se numa fase de construção da identidade e de descoberta das relações sociais. Neste sentido e, ao se depararem com pensamentos, ideias, valores, interesses e preferências divergentes das suas, o conflito torna-se inevitável. Nesta linha de pensamento, para Jares (2002, citado por Sobral, 2007) o conflito diz respeito a uma “situação em que as pessoas, ou grupos, buscam ou idealizam metas opostas, afirmam valores antagónicos ou têm interesses divergentes.” (p.52) Apesar da carga negativa que a palavra “conflito” tem, penso que os conflitos são fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Estas devem passar por situações de conflito pois é através destas situações que aprendem a ser tolerantes, a respeitar pensamentos e opiniões diferentes dos seus e a ser solidárias. Acredito, ainda, que ao serem confrontadas com situações de conflito, as crianças vêm-se obrigadas a criar mecanismos que as auxiliem a resolver tais situações, mecanismos essenciais para a sua vida adulta. Nesta linha de pensamento Hohmann & Weikart (2011) referem que as situações de conflito constituem “oportunidades para as crianças desenvolverem competências no domínio da resolução de problemas interpessoais”. Os mesmos autores frisam ainda que quando as crianças praticam a resolução de conflitos desde idades precoces, pela altura em que atingem a idade adulta têm muitas das competências interpessoais de que necessitam (...) e a necessária confiança em si para os resolver (p. 89).

Porém, o que me faz sentir por vezes relutante nestas situações é não saber ao certo qual o papel do adulto nestas situações? Será que deve intervir? Será que deve deixar que as crianças consigam resolver o assunto sem a interferência do adulto? E quando o adulto interfere qual será o seu papel? Apesar de ser da opinião de que o adulto deve dar liberdade à criança para que esta resolva os seus conflitos por si, defendo que este deve mostrar-se sempre disponível para a criança, para a ouvir e auxiliar, consciencializando-a acerca do bem e do mal. “O papel do adulto é [assim] o

de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam [numa] situação de aprendizagem.” (Edwards, 1999, p. 160). Neste sentido, “o primeiro papel [do adulto] é criar um contexto educacional de conforto, confiança, motivação e no qual a curiosidade, as teorias e a investigação das crianças são escutadas e legitimadas” (Lino, 2013, p.127).

O adulto terá, então, a missão de ouvir as crianças e de aceitar o que estas sentem. Roberts (2004) menciona que “as crianças conseguem gerir a dor, a ansiedade e a cólera mais facilmente se souberem que os adultos aceitam aquilo que elas sentem” e que “é possível, para os adultos, ouvir e simpatizar com os sentimentos das crianças, sem ficarem comprometidos com uma determinada linha de ação. ” (p.147)

Neste sentido, acredito que o educador deve assumir um papel de mediador perante situações de conflito. De acordo com Jares (2002, citado em Sobral, 2007), “a mediação é um procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito, com o objectivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação” (p.111). Ao assumir este papel, o adulto aproveita os conflitos que surgem naturalmente para promover o diálogo interpessoal, ao mesmo tempo que desvaloriza a violência e promove a reconciliação entre as partes envolvidas (Bóque, Corominas, Escoll & Espeert, 2005, p.11) Esta é ainda uma das minhas fragilidades e, por vezes, tenho receio de não agir da melhor maneira, no entanto procuro sempre manter uma postura de mediadora, tentando fazer com que as crianças entendam o que está certo e/ou errado, ajudando-as a crescer e a fomentar as relações positivas entre elas e entre elas e os adultos.

Reflexão semanal – 20 a 24 de novembro

Em relação a esta 9ª semana de PPS, sinto que foi uma semana positiva, tal como todas as outras, sinto-me cada vez mais à vontade com o grupo, sinto que aos poucos as minhas inseguranças se vão dissipando e sinto-me mais firme e segura das minhas decisões.

Em relação ao projeto, esta semana consegui observar que o grupo continua motivado e eu tenho procurado manter essa motivação em atividades que sei que lhes vão interessar e que fazem sentido. Esta semana o livro dos mamíferos ficou quase terminado, faltou apenas falar da baleia azul. Quanto à foca, penso que o grupo adquiriu os conhecimentos sobre a mesma, sobre o que comia, onde vivia e algumas das suas características físicas e sociais. Ainda, esta semana iniciámos a maquete, que também ficará concluída na próxima semana; a construção desta maquete serve não só para desenvolver a motricidade fina, mas também para promover o contacto

com outros materiais e para consolidar os conhecimentos do grupo, acerca do projeto. Também esta semana, eu e a educadora estivemos a falar e achámos que ficava interessante construir um oceano no corredor, visto que estivemos a fazer os mamíferos com figuras geométricas e colocamos pendurados no corredor, e, então, a educadora sugeriu que colocássemos também outros peixes e algas para dar uma dinâmica diferente ao corredor e para promover também o projeto aos pais.

Algo que ainda não refleti nas minhas reflexões semanais, tem que ver com o brincar, com a importância do brincar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Hoje em dia, talvez por falta de espaço ou segurança nas ruas, o espaço das crianças está limitado muitas vezes ao espaço da escola; mesmo em casa, com a família, é cada vez mais visível que as brincadeiras das crianças se prendem com as novas tecnologias, o que conduz ao aumento do sedentarismo e reduz as relações entre as crianças, as interações entre as mesmas e até com os adultos. É por isso importante que se reflita sobre a importância do brincar na vida das crianças, algo que é desvalorizado não só pelas famílias como nas escolas.

É através da brincadeira, que as crianças dão significado às suas vivências e aprendizagens culturais. Vygotsky (1998, citado por Silva e Santos, 2009) afirma que é através do brincar que a criança “consegue ultrapassar os seus limites e vivencia experiências que ultrapassam a sua idade e realidade, desenvolvendo desta forma a sua consciência acerca do mundo que a rodeia” (p.4). Ao brincar, desenvolvem a imaginação, criando e respeitando regras de organização e convivência, que as ajudará a compreender a realidade futura. É ainda referido que ao brincar, a criança descobre-se a si própria, o que aumenta a sua autoestima, proporcionando o desenvolvimento físico-motor, bem como do raciocínio e inteligência

Brincar é uma atividade da criança que enriquece a sua identidade, porque ao brincar ela experimenta aumenta o seu conhecimento acerca das coisas, e melhora as suas interações com os outros. Ao brincar, a criança está interessada em descobrir o mundo que a rodeia e, por isso mesmo, reflete situações da realidade, com as quais está em contacto, pois fazem parte do seu quotidiano.

No meu contexto de estágio posso observar que, ao longo da rotina diária, grande maioria do tempo é dedicado ao brincar; ao longo do dia as crianças podem brincar livremente, escolhendo as áreas que querem ir, e mesmo em momento de atividade dirigida, esta nunca é com o grupo todo, permitindo sempre a brincadeira, ao longo de todo o dia. Reforçando o que foi referido acima, “brincar é explorar, descobrir, experimentar” (Vasconcelos, 2012, p. 30), e segundo Cordeiro (2014), permite o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, de competências sociais, de

competências físicas e a tomada de consciência de emoções e sentimentos nas crianças.

Desta forma, brincar assume uma grande importância nestas idades, principalmente a brincadeira não orientada. Ao brincar, “a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades.” (Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M., 2016, p.11) Assim, uma das minhas maiores preocupações é sempre a de promover momentos de brincadeira não orientada, promovendo a aprendizagem com os outros e contribuindo para o desenvolvimento de amizades. Muitas vezes, deixo um pouco a implementação das atividades, pois sinto que o grupo precisa de brincar.

Para terminar esta reflexão, gostava de referir que sinto que, cada vez mais, existe um maior clima de confiança e segurança com o grupo. De facto, “em educação de infância, a qualidade das relações adultos-crianças é um elemento determinante ao nível da construção de sentimentos de segurança, autoestima, curiosidade e desejo de aprender, vontade e capacidade de comunicar com os outros.” (Portugal & Luís, 2016, p.69) Assim, mais que implementar atividades sem fim e sem objetivos concretos, um dos meus principais objetivos com a prática é estabelecer relações de confiança e segurança com cada criança, poder conhecê-las e saber o que mais gostam ou não de fazer, podendo, assim, realizar com elas atividades que façam sentido para elas e para mim.

Reflexão semanal – 27 a 30 de novembro

Chegando ao final de mais uma semana, consigo afirmar que esta semana foi uma semana muito intensa, com um ritmo de trabalho exigente, pois havia várias tarefas que queria terminar e o tempo estava de facto a ser um inimigo. Porém, posso dizer que foi uma semana muito positiva, pois consegui fazer tudo o que tinha delineado e forma bastante positiva. Assim, esta semana ficou concluída terceira fase do projeto, ficando apenas a faltar a quarta e última fase, que diz respeito à avaliação/divulgação.

Quanto às atividades desta semana, estas prenderam-se principalmente com a conclusão do livro dos mamíferos, com a construção da maquete e a elaboração de uma história. Relativamente à atividade da construção da maquete sobre o oceano, em pequenos grupos todas as crianças participaram na sua construção e todas mostraram iniciativa e envolvimento nas tarefas. Primeiramente (já na semana anterior), as crianças pintaram a base das caixas, correspondendo ao mar. Quando a base já estava seca, outro grupo de crianças colocou areia na base e outro grupo

desenhou os animais marinhos, alguns deles mamíferos, para colocar na maquete; alguns deles foram pendurados de modo a dar a ideia de estarem a nadar e em movimento. Penso que o facto de estes elementos terem sido construídos em pequenos grupos foi essencial para promover a cooperação entre os pares, sendo que, segundo Perrenoud (2001), nos trabalhos por projetos, as crianças desenvolvem a cooperação e a inteligência colectiva. Destaco, assim, a importância das crianças tomarem consciência da importância do trabalho em equipa, de modo a atingir um fim comum, pelo que as atividades que proporcionam um ambiente de cooperação vão "favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e para a aprendizagem das outras." (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.25).

Quanto à elaboração da história, esta foi, também, feita em dois grupos, em que um ficou responsável por escrever a mesma e outro por a ilustrar. Mais uma vez, saliento a importância de trabalhar de modo a promover a cooperação e interação entre pares/grupos, de modo a inculcar às crianças valores como a partilha e a ajuda. O grupo aderiu muito bem a esta atividade e conseguiu fazer a história com uma sequência lógica, apesar de ter ajudado, de modo a que a história tivesse um fio condutor, no entanto as ideias partiram todas do grupo de crianças, tal como as suas ilustrações.

Para finalizar quanto à metodologia de trabalho por projeto, gostaria de mencionar que esta favorece o desenvolvimento da autonomia, na medida em que cada criança é responsável pela realização de uma tarefa autonomamente. Desta forma, o papel do educador é, apenas, o de mediar as atividades e o de saber "delegar as tarefas sem que estas sejam prescritas ao pormenor" (Perrenoud, 2001, p.28). Assim sendo, tal como referem Hohmann & Weikart (2011), é fundamental que o educador promova e potencie a autonomia nas crianças, pois esta capacidade é fundamental para a criança levar a cabo ações de independência e exploração. Ainda, em relação aos registos e atividades realizadas, estes foram, mais uma vez, sendo expostos exteriormente à sala. Esta exposição é fundamental para documentar os vários aspetos do projeto, para que "as crianças possam ver o relatório do seu próprio trabalho." (Kartz & Chard, 2009, p.156). Para além disso, esta é uma forma de dar a conhecer aos pais e a toda a comunidade educativa o trabalho desenvolvido na sala de atividades.

Durante toda a minha PPS, pude constatar a importância do trabalho em equipa e como este é facilitador nas interações tanto com os adultos como com as crianças. Tenho a sorte de poder estar a estagiar numa sala em que sou apoiada não só pela educadora cooperante, que é um apoio fundamental, como também pela assistente operacional, que sempre me deixou à vontade e que me auxilia no que eu preciso.

Esta semana, a ajuda foi fundamental e sem este apoio tudo se tornaria mais difícil. Como tal, seguindo esta linha de pensamento, penso que o trabalho em equipa é fundamental e as relações sociais, tal como defende Jesus (2000), permitem a existência de um trabalho de equipa facilitado, se for desenvolvido num ambiente onde as relações sociais informais são positivas. O autor afirma que os seus elementos podem e devem aprender em conjunto, através de um espírito cooperativo e de entreajuda, numa perspetiva de formação contínua. Devillard (2001) indica-nos que, para um bom trabalho de equipa, os seus elementos devem “colocar as suas aspirações pessoais ao serviço da comunidade e partilhar valores ligados à cooperação” (p.117). Como defende Sanches (2005), “a partilha do espaço, do tempo e do «poder» dentro da sala de aula, com um colega, permite, na maioria dos casos, atender melhor os alunos e discutir os problemas que a classe põe, partindo das actividades realizadas e do contexto partilhado por todos.” (p.135) Esta partilha ocorre entre educador e auxiliar mas pode ser desenvolvida entre elementos da equipa das outras salas, com o objetivo de proporcionar experiências mais enriquecedoras tanto aos adultos como às crianças.

Assim, penso que é importante haver trabalho em equipa, sendo este “um processo de aprendizagem pela ação que implica um clima de apoio e de respeito mútuo” (p.130) Deste modo “as competências importantes não estão contidas num indivíduo particular, mas são facilmente partilhadas e melhoradas num contexto cooperante.” (Rensis Likert, 1967, citado por Hohmann & Weikart, 2011, p.132) Para terminar, é necessário compreender a importância deste trabalho em cooperação, pois tal como está expresso nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) “este trabalho é indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar.” (p.29)

Reflexão semanal – 4 a 7 de dezembro

Esta semana foi destinada à quarta e última fase do projeto, que, segundo Katz & Chard (2009), corresponde às reflexões e conclusões do grupo sobre as aprendizagens alcançadas e, ainda, à divulgação. Assim, nesta fase “espera-se que a maioria das crianças tenha em comum um entendimento completo e aprofundado do tema do projeto.” (Katz & Chard, 2009, p.105)

Em relação ao livro do projeto sobre os mamíferos marinhos, as crianças participaram na construção da capa, da contra capa e na coletânea da informação recolhida ao longo do projeto, assim como nas suas ilustrações. Penso que esta é uma ferramenta fulcral para compilar as aprendizagens das crianças ao longo do

projeto, facilitando, não só a sua divulgação, mas também a avaliação de todo o trabalho desenvolvido. Neste sentido, esta documentação "permite recolher todas as evidências do processo de desenvolvimento de um projecto e, simultaneamente, devolve-nos, em espelho, o conjunto de aprendizagens realizadas pelas crianças." (Vasconcelos, 2012, p.17).

Em relação à avaliação do projeto, numa primeira fase registei em pequenos grupos o que as crianças gostaram mais/menos de fazer ao longo do projeto e numa segunda fase registei o que as crianças tinham aprendido com o projeto. É de salientar que as questões elaboradas na primeira fase, registadas na teia "O que queremos saber", foram respondidas ao longo do projeto e as crianças foram capazes de verbalizar os respetivos conceitos adquiridos, o que me indica que o projeto foi bem sucedido e significativo para o grupo. Os registos das reflexões e das conclusões do grupo "proporcionam uma espécie de relatório que pode ajudar as crianças a dominar as informações e os conceitos associados ao tema." (Katz & Chard, 2009, p.184) Deste modo, tanto as avaliações realizadas com as crianças, como a construção do livro do projeto com as mesmas, são um bom indicador do sucesso ou insucesso do projeto, sendo que, através das suas vozes, posso concluir se os objetivos que planifiquei foram ou não atingidos pelo grupo.

Assim, é importante que o educador promova e acompanhe os processos de aprendizagem, tendo em conta que cada criança é "um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender." (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.8). Envolver a criança é fundamental, para que esta se sinta motivada e ativa na sua aprendizagem, isto é, a criança vai começar a tomar consciência dos progressos e dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

Ainda, compreendi que o mais importante para o desenvolvimento das crianças era todo o processo de aprendizagem e não o produto final. Conforme referido nas OCEPE (citadas por Cardona & Guimarães, 2012), "a avaliação tem um carácter marcadamente formativo na medida em que é um processo contínuo e interpretativo que está mais interessado nos processos do que nos resultados" (p.51). Nesta linha de pensamento, avaliar em educação de infância "é tão importante como em qualquer outro nível do sistema educativo. É uma "peça fundamental no trabalho dos bons profissionais de educação", desde que se afaste dessa "imagem convencional" e redutora em que "avaliar é dar notas", avaliar é examinar, é medir as crianças, avaliar é comparar e introduzir diferenças" (Zabalza 2000, p.30, citado por Castilho & Rodrigues, 2012, p.78)

Em jardim-de-infância, é, também, importante que o educador faça uma auto-avaliação do seu trabalho, pois “os significados que os/as educadores/as atribuem às suas ações constitui um aspeto significativo da sua atuação e do modo como enfrentam as situações incertas, singulares e complexas que, por definição, integram o seu campo profissional.” (Clandinin & Connelly, 1996, citados por Coelho & Chélinho, 2012, p.117) Ao longo do projeto, fui fazendo uma avaliação da minha postura e da minha ação, das atividades que propunha ao grupo e se estas eram, realmente, atividades com significado, se iam ao encontro dos interesses e necessidades do grupo e se eram aprendizagens que desenvolvessem no grupo valores como autonomia, cooperação e entreajuda. Este projeto não foi de todo um projeto fácil, no início estava muito preocupada, não sabia se iria resultar ou não, porém aos poucos o projeto foi ganhando vida, o grupo começou a interessar-se cada vez mais e senti realmente que foi bastante significativo para o grupo.

Ainda, no que diz respeito à avaliação, esta não é de todo uma tarefa fácil e muitas vezes podemos questionar-nos sobre o seu objetivo e sobre o seu porquê. De facto, as razões são variadas, a avaliação deverá permitir ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões e planear a sua ação, de acordo com as necessidades do grupo, refletir sobre os efeitos da ação educativa, da intencionalidade pedagógica por detrás das ações, através da observação do grupo e, também, recolher dados do grupo, para garantir a eficácia das medidas educativas. (Cardona & Guimarães, 2012).

A avaliação em educação de infância engloba várias características, sendo o mais evidente o “caráter marcadamente formativo na medida em que é um processo contínuo e interpretativo que está mais interessado nos processos do que nos resultados e procura tornar a criança mais ativa na sua própria aprendizagem.” (Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2012, p.51) Este tipo de avaliação tem muito em conta o papel da criança, tornando-a agente do seu processo de aprendizagem. A meu ver, a avaliação formativa implica que se adequem estratégias de intervenção para o grupo e para cada criança, individualmente. Ainda, este tipo de avaliação assenta na observação contínua dos progressos da criança, para que, desta forma, o educador consiga reajustar a sua prática, para que haja evolução das aprendizagens por parte das crianças. “É, assim, uma avaliação formativa por vezes também designada como “formadora”, pois refere-se a uma construção participada de sentido, que é, simultaneamente, uma estratégia de formação das crianças, do/a educador/a e, ainda, de outros intervenientes no processo educativo.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.16)

No meu ponto de vista, é necessária a compreensão de que a avaliação avalia a trajetória da aprendizagem da criança, através da observação da criança em tarefas propostas pela educadora, ou em tarefas livres. Assim, “a avaliação deve focalizar simultaneamente no contexto, na criança e na rede de relações e interações que estabelece com os pares, com os adultos da sala, com os pais.” (Parente, 2012, p.305)

Ainda, esta semana o grupo do projeto fez a divulgação a uma sala de 1ºCiclo e eu não me poderia sentir mais orgulhosa do “meu” grupo de projeto. Sem dúvida que foi um projeto com muito significado, tanto para eles, como para mim e eu senti que, também, eles estavam orgulhosos em mostrar o que tinham feito e aprendido. Não é, por vezes, fácil para as crianças exporem-se oralmente, principalmente para crianças com quem não convivem muitas vezes, porém, o grupo esteve calmo e conseguiu comunicar às crianças as suas descobertas.

Em suma, foi mais uma semana muito positiva, em que aprendi muito e sinto-me muito grata por ter a oportunidade de fazer parte da vida destas crianças e por ter a sorte de participar no seu desenvolvimento e crescimento.

Reflexão semanal – 11 a 15 de dezembro

Durante esta semana e visto ser a última semana, antes das interrupções letivas, não houve muitas atividades dirigidas. O grupo esteve a terminar a prenda de Natal e a fazer algumas pinturas sobre esta época festiva e eu estive a fazer questionários ao grupo de crianças, para a minha investigação (o ambiente educativo: o espaço e os materiais). Assim, esta semana ficou marcada, principalmente, pelas duas idas ao exterior: uma a um parque urbano e outra ao teatro.

Acho, sinceramente, que o espaço exterior é uma mais-valia e que se devia dar mais importância ao meio envolvente, pois este traz bastantes benefícios a cada criança. É importante que seja dado às crianças espaços de lazer, de brincadeiras exteriores, como jardins, parques infantis, etc. É necessário, também, que a criança usufrua de espaço para se movimentar, pois ao movimentar o seu corpo esta cria brincadeiras, desenvolvendo a sua imaginação e criatividade, e é importante que os adultos vejam isto como uma qualidade do brincar.

Esta semana com a visita ao parque urbano, foi possível observar a felicidade das crianças por se encontrarem num meio diferente, principalmente por ser ao ar livre. Ainda não tinha tido oportunidade de observar o grupo a brincar no exterior da escola e tal como afirmam Post & Hohmann (2011), “bebés e crianças precisam todos os dias de brincar no exterior, onde as oportunidades de exploração sensório-motoras são

infinitas” (p.106). Assim, o espaço exterior, ou espaço de recreio, é visto como o local preferencial pelas crianças para as suas brincadeiras, devido à liberdade que sentem fora das 4 paredes do espaço sala, e devido às inúmeras potencialidades que este lhes oferece. No espaço exterior, as crianças sentem a possibilidade de correr, saltar e explorar as potencialidades do seu corpo de forma livre. Em muitos contextos educativos, o espaço exterior é ainda visto apenas como o espaço de recreio, destinado às brincadeiras das crianças, deixando a ideia de que a aprendizagem apenas ocorre dentro da sala de atividades. No entanto, este espaço de lazer deve ser visto como um espaço rico em experiências de desenvolvimento e aprendizagem. Como refere Würdig (2010) “o recreio é um dos raros momentos em que as crianças estão livres, onde se encontram, aprendem e produzem a sua cultura lúdica.” (p.90) Isto porque, enquanto se envolvem nas mais diferentes brincadeiras, as crianças vão aprendendo e desenvolvendo inúmeras capacidades.

Esta semana, o grupo teve a oportunidade de ir ao teatro, assistir à peça “A Bela e o Monstro”. Estava muito curiosa quanto à reação do grupo com a ida ao teatro, pois sabia que as crianças não iam reagir todas da mesma maneira, no entanto na sua maioria as crianças estiveram sempre muito interessadas, adoraram a peça e as personagens. Estas iniciativas são, de facto, muito positivas, pois é importante que as crianças tenham oportunidade de conhecer novos lugares e outras formas de contar uma história. O teatro é muito enriquecedor na infância, “porque, muitas vezes, a criança descobre no campo imaginário respostas para suas próprias perguntas, soluções para seus próprios medos, ganhando, assim, confiança para superar os obstáculos que venha a enfrentar.” (Bizzotto & Fernandes, s/d, s/p)

Nesta linha de pensamento, as saídas da escola são consideradas uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para as crianças. Os passeios são, sem dúvida, uma oportunidade de aprendizagem que proporciona o desenvolvimento da criança, fazendo com que esta contacte com uma realidade diferente da que está habitualmente acostumada.

Passados quase três meses e estando esta etapa quase no fim, posso dizer que foram três meses de muita aprendizagem e de muitas conquistas. Olhando para trás, consigo ver como a minha relação com o grupo de crianças se fortaleceu, criando um clima de segurança e de afeto; desde o início da minha PPS que uma das minhas intenções era de criar relações positivas com cada criança e, de facto, essa intenção foi conseguida e hoje consigo ver que o grupo tem uma grande relação comigo, o que me deixa muito contente e orgulhosa. Para além do grupo de crianças, uma das minhas intenções era trabalhar em equipa e sem dúvida que pude contar com uma equipa educativa de qualidade, em que o bem-estar de cada criança está acima de

tudo. Foi um prazer poder passar estes três meses numa sala em que há um trabalho de cooperação e partilha e em que fui recebida de braços abertos.

Reflexão semanal – 03 a 05 de janeiro

De regresso à instituição e confesso que as saudades já se faziam sentir. É muito gratificante regressar ao estágio e ver a alegria contagiante das crianças, sentir os abraços e os beijinhos que estas me dão e perceber que as crianças gostam de mim e que sou especial para elas. Estes três dias foram dias de voltar à rotina, três dias que passaram bastante rápido e o foco principal foi o dia de reis e a ida a Loures para cantar as Janeiras.

Esta semana ficou também marcada pela introdução de novos materiais (jogos) na área dos jogos de mesa. A educadora cooperante durante a interrupção letiva introduziu novos jogos, jogos mais desafiadores para as crianças e jogos diferentes dos que haviam na área. A reação das crianças a estes novos materiais foi bastante positiva, tal como se pode verificar:

“Pude observar que 11 das 15 crianças presentes escolheram a área dos jogos de mesa, crianças que não costumam brincar (muito) nesta área, mas como ficaram curiosas quiseram ir experimentar os novos jogos.” (Excerto da reflexão diária de dia 03 de janeiro)

Assim, esta semana faz-me sentido refletir sobre o ambiente educativo (tema comum à investigação que estou a desenvolver) e como refere Zabalza (1998) “o ambiente é um educador à disposição tanto da criança como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira.” (p.239) Assim, quando nos referimos à organização do ambiente educativo, não falamos apenas no espaço que as crianças dispõem, mas também um espaço que é “constituído por diferentes sistemas que desempenham funções específicas e que, estando em interconexão, se apresentam como dinâmicos e em evolução.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.21) Deste modo, as relações que se estabelecem no jardim-de-infância, não têm só que ver com a criança, mas, também, com o grupo, a família, e o meio envolvente, estando todos relacionados entre si.

É necessário que o ambiente educativo seja um ambiente responsivo, que consiga responder às necessidades e características de cada criança, permitindo que o educador compreenda melhor cada criança, contribuindo para uma melhoria nas

interações internas e com o meio envolvente. Como tal, e tendo em conta os diferentes sistemas em interação, existem características relevantes para a organização do ambiente educativo na educação pré-escolar, tais como: a organização do estabelecimento educativo; a organização do ambiente educativo da sala (grupo, espaço, materiais, tempo) e as relações entre os diferentes intervenientes, no entanto, irei focar-me principalmente nos materiais e a sua importância no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Em relação à organização do ambiente educativo, esta constitui a base do desenvolvimento curricular, pois a organização do grupo, bem como a disposição do espaço e dos materiais são determinantes para o que as crianças possam fazer, aprender e escolher. No meu ponto de vista, é importante que o educador reflita se o ambiente educativo é promotor das aprendizagens das crianças, planeando intencionalmente a sua organização, de acordo com as necessidades e características de cada criança e do grupo.

Tal como está expresso nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), “a organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (p.26). O educador deverá refletir sobre o espaço, sobre a sua função e adequação, fazendo mudanças de acordo com as necessidades e evolução do grupo, como tal aconteceu esta semana, com a introdução por parte da educadora cooperante, relativamente aos jogos de mesa e tal como aconteceu há um/dois meses, quando introduzi os fantoches na sala.

A escolha dos materiais é essencial, pois estes deverão ser desafiadores para o grupo, correspondendo aos seus interesses. Tal como está expresso nas OCEPE (2016) “a escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.” (p.26) De facto, esta mudança de jogos enriqueceu a área dos jogos de mesa e as crianças estiveram interessadas, fizeram jogos em grupo, partilharam os jogos e foram desenvolvendo capacidades de concentração e de memória. É importante que olhemos para o grupo de crianças e consigamos perceber o que faz ou não sentido, o que resulta com aquele grupo, será que aquela área não precisa de algo diferente? Será que os materiais disponíveis são apelativos e potencializadores de aprendizagens? Muitas vezes, podemos esquecer-nos da importância que os materiais e o espaço têm no desenvolvimento e aprendizagem de cada criança e é preciso refletir sobre este mesmo assunto, procurando inovar no espaço, procurando cativar as crianças, indo ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Ainda, quando falamos na importância dos materiais, é importante que estes estejam colocados ao nível da criança (o que possível verificar no local em que me encontro a estagiar), devem, também, devem promover a autonomia e, além disso, possibilitar o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças.

Assim, o ambiente físico pode “promover a interação social, a aprendizagem cooperativa e a comunicação entre as crianças, os professores, os pais e os membros da comunidade.” (Lino, 2013, p.120) Sabemos, então, que o ambiente educativo deve ser potencializador de aprendizagens e a importância que se dá ao espaço deve ser cada vez maior.

Termino com esta citação de Vala (2012) que me faz todo o sentido, “não há pedagogia sem organização e que essa organização espelha as intenções educativas do educador, os diferentes modos de interação das crianças entre si, com os materiais e com os adultos. O educador desempenha um papel muito importante na organização do contexto educativo pois toda a organização espacial, material e rotina educativa vão influenciar as aprendizagens que as crianças vão realizar.” (p. 6).

3. Planificações

Esta secção está organizada da seguinte forma: apresentação da planificação da semana, seguida da apresentação das respetivas planificações diárias.

3.1. Planificações Semanais

Planificação Semanal

Semana de 9 a 13 de outubro de 2017

Atividades	Intenções gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conclusão da elaboração do pictograma “dia da fruta”. ➤ <u>Exploração da história “A casa da mosca fosca” de Eva Mejuto (Adaptação):</u> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história; • Organização cronológica das personagens da história, através do recurso a imagens; • Representação das personagens da história – desenho; • Realização do bolo da “mosca fosca”. 	<p><u>Intenções gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com a palavra escrita. • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Estimular a atenção, concentração e memória; • Desenvolver o conceito de ordinalidade; • Promover o gosto pela culinária. <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação – Domínio da matemática; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais • Conhecimento do mundo • Formação pessoal e social; 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro “A casa da mosca fosca”; • Cartões com imagens alusivas à história; • Papel A4/Cartolinas; • Lápis/Canetas; • Cola/Tesoura; • Quadro; • Ingredientes para o bolo.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<p>➤ <u>Semana da alimentação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história “O menino que não gostava de sopa” de Cidália Fernandes; • Confeção de sandes saudáveis – dinamizada pela educadora cooperante; • Jogo: o que devemos comer/o que não devemos comer; • Alimentos saudáveis – recorte e colagem de alimentos; realização de conjuntos por cores; • Experiência "O ovo que flutua na água" – registo da experiência; • Teatro de fantoches da história “O menino que não gostava de sopa” – exploração dos fantoches. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Alertar e promover a prática de uma alimentação saudável; • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações; • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Estimular a atenção, concentração e memória; • Promover o contacto com práticas teatrais. <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro “O menino que não gostava de sopa”; • Fantoches alusivos à história; • Revistas/jornais; • Imagens de alimentos saudáveis/não saudáveis; • Folhas com molde de uma boca; • Papel A4/Cartolinas; • Lápis/Canetas; • Cola/Tesoura; • 3 Ovos; • 3 Copos de vidro; • Sal; • Água; • Colher.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Construção de dois instrumentos de sala: mapa das idades e mapa de género – análise dos dois instrumentos – dinamizada pela educadora cooperante; • Teatro de fantoches do conto tradicional “Os 3 porquinhos” – exploração dos fantoches; • <u>Exploração da história dos 3 porquinhos</u>: organização cronológica da história; jogo de associação “Vamos construir a casa dos 3 porquinhos”; • Leitura da história “Crónicas de uma baleia” de Ana Lucas – dinamizada pela autora da obra; • Construção de um painel do oceano; • Pintura com tinta de spray de animais marinhos; • Leitura da história “Bruxa Mimi” de Korky Paul e Valerie Thomas; • Construção de abóboras com pratos de plástico. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Estimular a atenção, concentração e memória; • Promover o contacto com práticas teatrais. • Desenvolver a orientação espacial; • Promover o contacto com outras culturas – <i>Halloween</i>. <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografias das crianças; • Fantoches alusivos à história “Os 3 porquinhos”; • Imagens da história “Os 3 porquinhos”; • Papel A4/Cartolinas; • Lápis/Canetas; • Cola/Tesoura; • Papel de cenário; • Tinta de guache azul e laranja; • Pincéis; • Imagens de animais marinhos; • Tinta spray; • Pratos de plástico. • Livro “Bruxa Mimi” de Korky Paul e Valerie Thomas.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história “Bruxa Mimi” de Korky Paul e Valerie Thomas; • Exploração de materiais – construção de um objeto de <i>Halloween</i>; • Chuva de ideias - Conversa em grupo sobre as atividades que podemos desenvolver com o projeto; • Pesquisa sobre os oceanos que existem – internet/livros; 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o contacto com outras culturas – <i>Halloween</i>; • Promover a descoberta e a compreensão de fenómenos naturais; • Promover o diálogo em grande e pequeno grupo. <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Livro “Bruxa Mimi” de Korky Paul e Valerie Thomas; • Livros sobre os oceanos/animais marinhos.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Desenho livre sobre o projeto “Os oceanos” desenvolvido – exploração de vários materiais; • Construção de um globo em 3D; • Jogo “Quem sou eu?” (mamíferos marinhos); • Leitura da história “Maria Castanha”; • Elaboração individual da “Maria Castanha” – exploração de vários materiais; 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o diálogo em grande e pequeno grupo; • Desenvolver a motricidade fina; • Incentivar a curiosidade da criança; • Promover a interação e o trabalho em grupo; <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Folhas brancas; • História “Maria Castanha”; • Imagens de mamíferos marinhos; • Livros sobre oceanos e sobre mamíferos marinhos;

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Construção da tabela sobre o projeto: “O oceano – mamíferos marinhos” • Desenhos livres – mamíferos marinhos – exploração de materiais; • Jogo “Quem sou eu?” (mamíferos marinhos); • Construção do livro sobre os mamíferos marinhos; • Leitura do livro “O botão invisível”. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o diálogo e comunicação em grande e pequeno grupo; • Desenvolver a motricidade fina; • Incentivar a curiosidade/imaginação da criança; • Promover a interação e o trabalho em grupo; <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Livros sobre oceanos e sobre mamíferos marinhos; • Imagens de mamíferos marinhos; • Livro “O botão invisível”

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Jogos sociais: jogo do camaleão, jogo do lenço. • Desenhos livres – mamíferos marinhos – exploração de materiais; • Pesquisa/Comunicação sobre a foca e a baleia azul; • Conclusão da elaboração do livro dos mamíferos marinhos; • Construção da maquete dos mamíferos marinhos. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o diálogo e comunicação em grande e pequeno grupo; • Desenvolver a motricidade fina; • Incentivar a curiosidade/imaginação da criança; • Promover a interação e o trabalho em grupo; <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; Domínio da Educação Física. • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Livros sobre oceanos e sobre mamíferos marinhos; • Esferovite; • Cola branca; • Jornal; • Tinta guache azul; • Lenço; • Arcos.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Planificação Semanal

Semana de 27 de novembro a 30 de novembro de 2017

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos livres – mamíferos marinhos – exploração de materiais; • Pesquisa/Comunicação sobre a baleia azul; • Conclusão da elaboração do livro dos mamíferos marinhos; • Construção da maquete dos mamíferos marinhos; • Elaboração da história sobre os mamíferos marinhos. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o diálogo e comunicação em grande e pequeno grupo; • Desenvolver a motricidade fina; • Incentivar a curiosidade/imaginação da criança; • Promover a interação e o trabalho em grupo; <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Livros sobre oceanos e sobre mamíferos marinhos; • Esferovite; • Cola branca; • Caixas; • Tinta guache azul; • Areia.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

Planificação Semanal

Semana de 4 de dezembro a 7 de dezembro de 2017

Atividades	Intenções Gerais/ Áreas de conteúdo	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do livro “Feliz Natal Lobo Mau” de Clara Cunha; - conversa sobre o Natal. • Elaboração da carta ao Pai Natal; • Elaboração da prenda e do postal de Natal; • Elaboração de pais Natal, através de formas geométricas; • Divulgação do projeto – Os mamíferos marinhos. 	<p><u>Intenções Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos. • Aumentar e enriquecer o vocabulário • Estimular a criatividade e imaginação. • Promover o diálogo e comunicação em grande e pequeno grupo; • Desenvolver a motricidade fina; • Incentivar a curiosidade/imaginação da criança; • Promover a interação e o trabalho em grupo; <p><u>Áreas de conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Subdomínio das Artes Visuais; Domínio da Matemática – Geometria. • Conhecimento do mundo; • Formação pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de desenho/pintura/construção; • Livro “Feliz Natal Lobo Mau”; • Bolas de Natal; • Formas geométricas.

Observações: Esta planificação é flexível tendo em conta os interesses e necessidades das crianças que surgirem ao longo da semana.

3.2. Planificações Diárias

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 06-10-2017

Contextualização: À sexta-feira é o dia da fruta, em que é pedido a cada criança que traga uma peça de fruta, para comer no lanche da manhã. Como tal, propus à educadora a elaboração de um gráfico do tipo pictograma, sobre as frutas que as crianças trouxeram.

Atividade – Construção de um Pictograma

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a noção de conjuntos numéricos - contagem das imagens registadas no gráfico, qual se repete mais vezes, a que menos aparece; Desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora; <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> Participar na atividade – recolher os dados; construir o pictograma; Desenvolver a expressão plástica (recorte, colagem, pintura); 	<ul style="list-style-type: none"> As crianças constroem o pictograma. O adulto vai intervindo para explicar cada tarefa a elaborar. Colocar as crianças num papel ativo, uma vez que são estas que realizam todo o processo. Pedir para que as crianças se sentem no chão, em meia-lua, e colocar-lhes questões como: então e agora será que conseguimos perceber qual 	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo no tapete – captar o interesse do grupo para a atividade – recolha das frutas que cada um trouxe.</p> <p>Organizar espaço numa mesa, para que cada criança pinte e cole a sua fruta na cartolina.</p> <p>No final da atividade, as crianças irão voltar ao tapete para se fazer o</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Cartolina A3; Lápis/Canetas; Imagens de frutas; Colas/Tesouras. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Educadora Cooperante; Assistente Operacional. Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> Observação direta das crianças; Notas de campo; Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE</p>

<ul style="list-style-type: none"> Analisar o pictograma - contagem das imagens registadas no gráfico; identificar a fruta mais ou menos repetida. 	<p>foi a fruta que mais meninos trouxeram? E qual foi a que menos de vocês trouxe?”.</p> <ul style="list-style-type: none"> Refletir com as crianças sobre todo o processo e o produto final criado (pictograma): como recolhemos os dados, o que fizemos depois, como organizámos os dados, como os analisámos, etc. 	<p>balanço da atividade/o que descobriram/aprenderam.</p>	<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> Participa na atividade: Conta e identifica as imagens registadas no gráfico; Conta as imagens repetidas, para verificar qual se repetiu mais ou menos vezes. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none"> Todas as crianças participaram na atividade; Todas as crianças identificaram as imagens
---	--	---	---

				<p>registadas no gráfico e nomearam os seus nomes;</p> <ul style="list-style-type: none">• Apenas 6 crianças do grupo não conseguiram identificar qual a fruta que se repetiu mais ou menos vezes.
--	--	--	--	--

Contextualização Geral: Sendo que o grupo se interessa bastante por histórias e que não tem uma rotina habitual de leitura, optei por explorar a história “A casa da mosca fosca”, uma adaptação de Eva Mejuto. Sendo que serão realizadas 3 atividades, para além da leitura, relacionadas com a mesma, como a organização cronológica do aparecimento das personagens na história, o desenho das personagens da história e a realização de um bolo.

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 10-10-2017

Atividades – Leitura da história “A casa da mosca fosca” e Organização cronológica das personagens da história.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
--	---	---------------------------------------	------------------------------	-----------

<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o gosto pela leitura; • Estimular a atenção, concentração e memória; • Desenvolver o sentido de ordinalidade do número natural, através da contagem; • Construir uma série ordenada; <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descobrir novas palavras; • Ordenar as personagens da história; • Contar oralmente os números ordinais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o livro ao grupo, despertando o seu interesse e curiosidade; • Solicitar a participação das crianças, durante a leitura da história; • Fazer perguntas sobre a história; • Dispor os números e as imagens no tapete, em fila; • Questionar o grupo para a ordenação das imagens. 	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo no tapete.</p>	<p><u> Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Livro “A casa da mosca fosca” de Eva Mejuto (adaptado); • Cartões com imagens alusivas à história; • Números ordinais de 1 a 7; • Quadro. <p><u> Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adquire novo vocabulário; • Ordena as personagens da história; • Conta oralmente os números ordinais. <p>COMO CORREU A</p>
---	---	--	--	--

				ATIVIDADE? <ul style="list-style-type: none">• As crianças mostraram-se atentas e participativas ao longo da história.• Todas as crianças ordenaram as personagens da história;• A maioria das crianças contou oralmente os números ordinais, apenas 5 crianças não o fizeram.
--	--	--	--	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 11-10-2017

Atividade – Representação das personagens da história - Desenho

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> Promover o contacto com diferentes materiais plásticos; Desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora; Promover o contacto com a palavra escrita. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a expressão plástica (recorte, colagem, desenho – ilustração da história). 	<ul style="list-style-type: none"> Relembrar o grupo da história, personagens e desenrolar da mesma; Colocar em cima das mesas o material de desenho; Questionar o grupo sobre como quer fazer a ilustração da história; Ouvir a opinião as crianças e incentivá-las a dar sugestões; Apoiar cada criança nas tarefas; Quando a atividade estiver concluída, reunir com o grupo e mostrá-la, no tapete; Afixar a cartolina. 	<p>As crianças irão estar organizadas em pequenos grupos nas mesas, na área da expressão plástica.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Folhas A3; Cartolina A4; Material de pintura; Papéis com os nomes das personagens da história; Tesoura/Cola. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Educadora Cooperante; Assistente Operacional. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> Observação direta das crianças; Notas de campo; Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> Ilustra a história; Desenvolve a motricidade fina, segurando

			<ul style="list-style-type: none">• Estagiária.	<p>corretamente no material de desenho.</p> <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none">• O grupo alcançou os objetivos estabelecidos• Todas as crianças participaram na atividade.
--	--	--	---	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 12-10-2017

Atividade – Realização do bolo da “Mosca Fosca”

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AValiação
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none">• Promover o gosto pela culinária;• Promover o trabalho em equipa.• Estimular a atenção, concentração e memória; <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none">• Identificar os ingredientes utilizados na preparação do bolo;• Participar no registo da receita do bolo.	<ul style="list-style-type: none">• Relembrar o grupo do bolo da “mosca fosca”• Mostrar ao grupo todos os ingredientes e questionar qual o seu nome;• Pedir a participação das crianças na realização do bolo;• Ter em atenção aos tempos mortos da atividade;• Pedir a participação das crianças no registo da receita do bolo;• Afixar a receita na sala.	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo à volta da mesa.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none">• Ingredientes para o bolo;• Utensílios de cozinha. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none">• Educadora Cooperante;• Assistente Operacional.• Estagiária.	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none">• Observação direta das crianças;• Notas de campo;• Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none">• Identifica os ingredientes utilizados na

				<p>preparação do bolo;</p> <ul style="list-style-type: none">• Participa no registo da receita do bolo. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none">• Todas as crianças identificaram os ingredientes presentes no bolo;• Todas as crianças atingiram os objetivos propostos.
--	--	--	--	---

--	--	--	--	--

Contextualização Geral: Visto celebrar-se na segunda-feira o dia da alimentação, durante a semana irão ser dinamizadas atividades, promovendo uma alimentação saudável, desde a leitura de uma história, uma experiência e um jogo da alimentação, entre outras.

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 16-10-2017

- Atividades – Leitura da história “O menino que não gostava de sopa” de Cidália Fernandes e Jogo da alimentação: o que devemos comer/o que não devemos comer.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o gosto pela leitura; • Estimular a atenção, concentração e memória; • Promover a importância de uma alimentação saudável. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os alimentos saudáveis; • Identificar os alimentos não saudáveis; 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o livro ao grupo, despertando o seu interesse e curiosidade; • Solicitar a participação das crianças, durante a leitura da história; • Fazer perguntas sobre a história; • Apresentar a cartolina com as frases: o que devemos comer/o que não devemos comer; • Pedir a uma criança de cada vez que retire uma imagem e coloque no local certo; • No final, conversar com o 	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo no tapete.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Livro “O menino que não gostava de sopa” de Cidália Fernandes; • Imagens de alimentos saudáveis e alimentos não saudáveis; • Cartolina (o que devemos comer/o que não 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE</p>

	<p>grupo sobre os alimentos saudáveis e alimentos não saudáveis.</p>		<p>devemos comer)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quadro. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identifica os alimentos saudáveis; • Identifica os alimentos não saudáveis; <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Todos os objetivos foram atingidos; • Todas as crianças identificaram os alimentos saudáveis e os alimentos não saudáveis.
--	--	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 17-10-2017

- Atividades – Recorte e colagem de alimentos saudáveis e Realização de conjuntos de alimentos por cor.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover a importância de uma alimentação saudável; • Desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora; • Desenvolver a noção de cor. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os alimentos saudáveis; • Identificar os alimentos não saudáveis; • Identificar as cores dos alimentos. 	<p><u>Esta atividade foi adaptada consoante as faixas etárias do grupo de crianças:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Entregar a cada criança revistas ou jornais, para que esta recorte os alimentos saudáveis e os cole numa folha; • Com outro grupo de crianças, entregar uma folha com os conjuntos previamente feitos e perguntar a cor; • Colocar à frente da criança os conjuntos de alimentos das cores (amarelo, verde e vermelho), para que esta cole os alimentos no 	<p>As crianças irão estar organizadas por pequenos grupos nas mesas.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Revistas/Jornais; • Tesouras/Colas; • Lápis/Canetas; • Imagem de uma boca; • Folhas brancas A3. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; • Registos individuais. <p>CRITÉRIOS DE</p>

	<p>conjunto certo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respeitar e apoiar o ritmo de cada criança; • Afixar os produtos finais. 			<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identifica os alimentos saudáveis; • Identifica os alimentos não saudáveis; • Identifica as cores nos alimentos. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças atingiram os objetivos propostos; • Todas as crianças identificaram as cores nos conjuntos e as cores dos alimentos – atividade realizada com 7 crianças; • Todas as crianças
--	--	--	--	--

				identificaram os alimentos saudáveis e os alimentos não saudáveis.
--	--	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 18-10-2017

- Atividade – Experiência "O ovo que flutua na água" – registo da experiência.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver conceitos científicos; • Promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prever o comportamento do ovo na água (flutua/não flutua); • Realizar a experiência e tirar conclusões. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em grande grupo questionar o que significa flutuar – motivação para a atividade; • Registrar as previsões das crianças; • Realizar a experiência em pequenos grupos – questionar as crianças, durante a atividade; • Registrar os resultados; • Afixar os registos das experiências. 	<p>As crianças irão estar organizadas por pequenos grupos nas mesas.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ovos; • Copos de vidro; • Sal; • Água; • Lápis/Canetas; • Folhas brancas A3. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; • Registo da experiência. <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p>

				<ul style="list-style-type: none"> • Prevê o comportamento do ovo na água (flutua/não flutua); • Realiza a experiência e tirar conclusões. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O grupo mostrou algumas dificuldades em prever o que ia acontecer; • As crianças interiorizaram os conceitos “flutua/não flutua”; • Todas crianças vivenciaram a experiência e puderam explicar o que tinha acontecido.
--	--	--	--	---

--	--	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 19-10-2017

- Atividade – Teatro de fantoches da história “O menino que não gostava de sopa” – exploração dos fantoches.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
--	---	---------------------------------------	------------------------------	-----------

<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com práticas teatrais; • Estimular a atenção, concentração e memória; • Promover a importância de uma alimentação saudável; <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interagir e participar na dramatização da história; • Explorar os fantoches. 	<ul style="list-style-type: none"> • Suscitar o interesse do grupo, dizendo que vamos à biblioteca ouvir uma história; • Promover sempre a participação das crianças, fazendo perguntas; • Ter em atenção à entoação das palavras; • Permitir que o grupo explore os fantoches. 	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo no tapete.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Fantoches. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interage e participa na dramatização da história; • Explora os fantoches. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <p>O grupo mostrou-se muito interessado e participativo, ao longo</p>
--	---	--	--	--

				<p>da história.</p> <p>A maioria das crianças quis explorar os fantoches e contar a história.</p>
--	--	--	--	---

Contextualização Geral: De acordo com os interesses do grupo, procurei desenvolver atividades que este gosta, tal como histórias, em que irei recorrer, de novo ao teatro de fantoches. Ainda, visto estar a aproximar-se o *Halloween*, procurei desenvolver atividades que abordassem esta temática.

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 24-10-2017

- Atividade – Teatro de fantoches do conto tradicional “Os 3 porquinhos” – exploração dos fantoches.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com práticas teatrais; • Estimular a atenção, concentração e memória; <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interagir e participar na dramatização da história; • Explorar os fantoches. 	<ul style="list-style-type: none"> • Suscitar o interesse do grupo, dizendo que vamos à biblioteca ouvir uma história; • Promover sempre a participação das crianças, fazendo perguntas; • Ter em atenção à entoação das palavras; • Permitir que o grupo explore os fantoches. 	<p>As crianças irão estar organizadas em grande grupo na biblioteca.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Fantoches alusivos à história. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos. <p>CRITÉRIOS DE</p>

				<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none">• Interage e participa na dramatização da história;• Explora os fantoches. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <p>O grupo mostrou-se muito interessado e participativo, ao longo da história.</p> <p>Todas as crianças quiseram explorar os fantoches e contar a história.</p>
--	--	--	--	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 24-10-2017

- Atividades – Organização cronológica da história “Os 3 porquinhos” e Jogo de associação “Vamos construir a casa dos 3 porquinhos”;

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a atenção, concentração e memória; • Desenvolver coordenação motora, atenção, raciocínio lógico e sequência temporal. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ordenar cronologicamente a história; • Associar a casa do porquinho ao número ordinal. 	<p><u>Esta atividade foi adaptada consoante as faixas etárias do grupo de crianças:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuir a um grupo de crianças (4/5 anos) as imagens da história; • Pedir que façam uma sequência temporal da história; • No final, se as crianças quiserem podem colorir as imagens; • Com outro grupo de crianças (3 anos), dar o molde de 3 casas; • Pedir que com os materiais construam as casas dos 	<p>As crianças irão estar organizadas por pequenos grupos nas mesas.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Revistas/Jornais; • Tesouras/Colas; • Lápis/Canetas; • Imagens da história; • Materiais de construção das casas. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; • Registos individuais. <p>CRITÉRIOS DE</p>

	<p>porquinhos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionar cada criança sobre qual foi a primeira casa da história, a segunda e a terceira; • Em ambas as atividades, respeitar o ritmo e características individuais de cada criança; • Apoiar o grupo nas atividades; • Afixar os registos das atividades. 			<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ordena cronologicamente a história; • Associa a casa do porquinho ao número ordinal. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças (7) fizeram corretamente a sequência temporal; • Na atividade de associação, as crianças só duas crianças (7 no total) conseguiram identificar as casas.
--	--	--	--	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA – 25/26-10-2017

- Atividades – Construção de um painel do oceano e Pintura com tinta de spray de animais marinhos;

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o contacto com diferentes materiais plásticos; • Desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora; • Despertar o interesse e curiosidade do grupo sobre o oceano; • Descobrir animais marinhos. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participar na construção do painel do oceano; • Identificar os animais presentes no painel do oceano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionar o grupo 	<p>As crianças irão estar organizadas por pequenos grupos nas mesas.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Papel de cenário; • Tinta guache azul; • Tinta de spray; • Lápis/Canetas; • Moldes de animais. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. • Estagiária. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; • Produto final. <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participa na

				<p>construção do painel do oceano;</p> <ul style="list-style-type: none">• Identifica os animais presentes no painel do oceano. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <p>A atividade não foi realizada.</p>
--	--	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA - 27-10-2017

- Atividades – Leitura da história “Bruxa Mimi” e Construção de abóboras com pratos de plástico.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA / OBJETIVOS	MOMENTOS/PROPOSTAS EDUCATIVAS/ESTRATÉGIAS	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS	RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
<p>INTENCIONALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o gosto pela leitura; • Conhecer o significado do <i>Halloween</i>; • Desenvolver a motricidade fina e a coordenação motora; • Explorar a orientação espacial. <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar características do Halloween; • Reconhecer as partes do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Suscitar o interesse do grupo para o Halloween; • Conversar com o grupo sobre algumas características desta época festiva; • Promover a participação do grupo na história; • Dar a cada criança um prato de plástico; • Dar pincéis e tinta de guache cor de laranja para pintarem os pratos; • Dar os pedaços de cartolina e pedir a cada criança que construam a cara da abóbora; • Afixar o produto final. 	<p>Num primeiro momento, as crianças irão estar organizadas em grande grupo no tapete.</p> <p>Na segunda atividade, as crianças irão estar organizadas em pequenos grupos nas mesas.</p>	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Livro “Bruxa Mimi”; • Pratos de plástico; • Tinta de guache cor de laranja; • Pincéis; • Cartolina preta; • Cola. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Educadora Cooperante; • Assistente Operacional. 	<p>INSTRUMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das crianças; • Notas de campo; • Registos fotográficos; • Registos individuais. <p>CRITÉRIOS DE</p>

			<ul style="list-style-type: none"> • Estagiária. 	<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identifica características do Halloween; • Reconhece as partes do corpo. <p>COMO CORREU A ATIVIDADE?</p> <p>A atividade não foi realizada.</p>
--	--	--	---	---

4. REFLEXÃO FINAL

Antes de mais, quero salientar que a presente reflexão corresponde à minha última reflexão semanal, incluindo a minha última semana de estágio, assim como, a uma reflexão final, tendo como objetivo realizar um balanço de toda a minha PPS, refletindo sobre os aspetos que considere mais pertinentes.

Neste sentido, durante esta última semana não realizei nenhuma atividade dirigida com o grupo, visto ser uma semana diferente das semanas habituais. Durante a semana estive a ajudar a educadora cooperante nas atividades sobre o inverno, aproveitando, também, para estar mais tempo com cada criança do grupo, foi, também, uma semana de muitas emoções, visto ser a última.

No último dia, levei um bolo para o lanche, de modo a que a minha “despedida” não fosse encarada como algo triste, mas sim como um dia feliz por todos os momentos que partilhamos durante estes meses. No final da manhã, a educadora pediu-me para sair da sala durante uns instantes e quando voltei o grupo de crianças ofereceu-me dois presentes: o primeiro foi um saco com desenhos de cada criança impressos no saco; o segundo presente foi um livro com dedicatórias de todas as crianças da sala, inclusive da equipa educativa. Foi, sem dúvida, um momento muito emotivo para mim; ao ler aquelas palavras escritas, palavras que cada criança disse deixou-me muito feliz, principalmente por saber que dei o meu melhor e por saber que todas elas me acharam especiais e que gostaram de me ter na sala.

Ao longo destes 4 meses, foi possível observar as diferenças no grupo em geral e em cada criança, individualmente. Olhando para o mês de setembro e para o mês de janeiro, são notórias as diferenças, quer a nível de linguagem, como de autonomia ou de interações entre pares. Ainda, mesmo através das atividades propostas, notou-se uma evolução na maneira de estar e de ser do grupo. Como tal, acho que é necessário que haja uma avaliação das crianças, pois, para além desta ser um indicador do processo de aprendizagem e desenvolvimento do grupo, é também a base da avaliação do educador, que através desta informação apoia e reorienta o planeamento das suas intervenções (Cardona & Guimarães, 2012), ou seja, ao verificar se os objetivos propostos foram ou não atingidos, pude refletir sobre a minha prática, procurando ajustar as atividades, de modo alcançar com sucesso as suas intenções para o grupo.

Ainda nesta linha de pensamento, tal como mencionam Faria & Bessler (2014), a documentação e registos do quotidiano das crianças devem vir acompanhados de uma reflexão, possibilitando ao educador estabelecer uma “maior sintonia entre o

trabalho pedagógico e a avaliação, tendo-a como base mediadora de sua ação, ou seja, como um elo significativo entre suas ações cotidianas e suas reflexões sobre elas” (p. 160).

Relativamente a todo o percurso da PPS, faço um balanço positivo do mesmo, principalmente olhando para trás e refletindo acerca de toda a minha evolução. Assim sendo, saliento todas as aprendizagens que realizei e todos os conhecimentos práticos que adquiri, que me fizeram compreender, por exemplo, a importância das estratégias utilizadas com as crianças, a adequação das atividades ao grupo e a necessidade de adaptar as propostas iniciais, visto que nem tudo é linear e aplicável em qualquer contexto. Neste sentido, gostaria de salientar que uma das minhas grandes conquistas prendeu-se com a minha ação nos tempos de transição dos momentos da rotina, em que tive de encontrar estratégias para manter o interesse e o bem-estar do grupo. Também me sinto bastante orgulhosa por ter sido capaz de gerir o grupo, gradualmente, sem o apoio evidente da educadora, sendo que esta era uma dificuldade minha por não saber como encarar alguns conflitos. No entanto, procurei sempre dialogar com as crianças, fazendo-as compreender o porquê de quando o seu comportamento era menos adequado ou implementar estratégias para momentos de grande grupo.

Ainda em relação às minhas dificuldades ao longo da PPS, gostaria de mencionar uma em que não consegui grandes progressos, que se prendeu com a capacidade de dirigir todo o grupo, estando a realizar uma atividade individual ou com um pequeno grupo. Neste sentido, se tivesse a oportunidade de realizar este estágio durante mais tempo, este era, sem dúvida, um aspeto que pretendia melhorar, colocando-me a mim própria esse desafio, pois é fundamental que um educador não perca “de vista” nenhuma criança do seu grupo em nenhum momento.

Apesar de existir uma rotina diária na sala, todos os dias ocorrem situações completamente diferentes no qual procurei gerir e aprender através da tentativa e erro, algo que ocorreu frequentemente comigo, tal como referi acima, quando planeava uma atividade e esta não corria da forma planeada, exemplo na experiência do ovo, em que o início foi atribulado e tive de arranjar estratégias para despertar o interesse do grupo. São estas situações inesperadas que me faziam agir, tomando decisões, adaptando, reformulando, de forma a melhorar a minha intervenção com as crianças.

Ao longo da prática, procurei promover intenções como a: promoção da autonomia, e da exploração sensorial através de diversos estímulos, proporcionando aprendizagens ativas e significativas e, ainda, proporcionando ações que contribuíssem para a promoção das relações sociais entre as crianças, desta forma, foi visível o desenvolvimento de capacidades não só ao nível das interações, mas

também ao nível motor, linguístico, cognitivo, da autonomia, da capacidade de decisão, do aumento da concentração e das capacidades exploratórias (Portugal, 2012). Durante toda a intervenção, procurei sempre ouvir as crianças, incentivando-as na partilha de ideias, dando-lhes oportunidades de escolha, desde as atividades a desenvolver, como dos materiais a utilizar. Pois apesar, da forma, simples com que as crianças comunicavam, estas efetivamente mostravam-se valorizadas, quando procurava incluí-las nas propostas diárias da sala de atividades, considerando que a criança é o principal agente da sua própria aprendizagem.

Baseei a minha abordagem ainda ao nível do reforço positivo, na comunicação constante e na individualização no trabalho, apesar de considerar que este último, foi bastante complicado, em causa por considerar que o facto de ser necessário respeitar os ritmos da rotina diária tinha influência nos tempos de qualidade que procurava desenvolver com cada uma das crianças, pois sendo 17 crianças, nem sempre era fácil. No entanto, todos estes fatores são fundamentais para o bem-estar, confiança, segurança, para a capacidade de iniciativa e de exploração das crianças (Portugal, 2012).

Por último, penso que a base de toda a minha intervenção foi a boa relação pedagógica que estabeleci com cada criança, pois procurei sempre basear a minha prática nos afetos, procurei sempre colocar-me ao nível de cada criança, ouvir o que estas tinham para dizer e ajudá-las sempre que podia.

Ainda, se pudesse escolher o que mais me marcou nestes 4 meses, diria mesmo que foram as relações que construí, não só com o grupo, como com a equipa educativa. Sinto-me muito grata por tudo o que aconteceu e por todo o apoio que tive, ao longo destes meses. Sinto-me grata, também, por ter tido o prazer de conhecer 17 crianças maravilhosas, que me enchiam de mimos o dia inteiro e que viam em mim alguém com quem podiam confiar. Foi uma etapa muito importante na minha vida, que nunca irei esquecer, a minha vida ficou, sem dúvida, mais rica graças a todas as pessoas do estabelecimento, principalmente graças às crianças.

5. REFERÊNCIAS

- Baptista, A., Viana, F., & Barbeiro, L. (2011). *O Ensino da Escrita: Dimensões gráfica e ortográfica. ... do Programa Nacional de Ensino do ...*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bizzotto, M., Fernandes, J. (s/d). A importância do teatro na Educação Infantil. *Meu Bebê*.
- Bóque, M. C., Corominas, Y., Escoll, M. & Espert, M. (2005). *Hagamos las paces: mediación 3-6 años – Propuesta de gestión construtiva, creativa, cooperativa y crítica de los conflictos*. Barcelona: Ediciones Ceac.
- Coelho, A. & Chélinho, J. (2012). Conceções Educativas e práticas de avaliação. As preocupações do/as profissionais. In Cardona, M.J & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. (pp. 78-96). Viseu: Psicosoma.
- Cardona, M. J., & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Castilho, A. & Rodrigues, P. (2012). Práticas de Avaliação em Educação de Infância: Evidências de uma investigação naturalista em três jardins de infância diferentes. In Cardona, M.J & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. (pp. 78-96). Viseu: Psicosoma.
- Castro, J. P., & Rodrigues, M. (2008). *Sentido do número e organização de dados: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direção – Geral de Inovação e de desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.
- De Ketelle, J. M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Devillard, O. (2001). *A dinâmica das equipas*. Lisboa: Bertrand.
- Duque, I., Pinho, L. & Carvalho, P. (2013). *Organização e Tratamento de Dados na Educação Pré-Escolar: Uma primeira aproximação*. EXEDRA, 7, 86-99.
- Faria, A., & Bessler, L. (2014). A avaliação na educação infantil: fundamentos, instrumentos e práticas pedagógicas. *Nuances: estudos sobre Educação*. Presidente Prudente: v. 25, n. 3, p. 155,169.
- Ferreira, T. (2005). *Teatro infantil, crianças espectadoras, escola – Um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).

- Folque, M. (2012). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesus, S. N. (2000). Trabalho em equipa entre os professores. Em S. N. Jesus, P. Campos, & J. M. Vitor Alaiz, *Trabalho em equipa e gestão escolar* (pp. 4-10). Porto: Edições ASA.
- Katz, L., & Chard, S. (2009). *A Abordagem por Projectos na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico Reggio Emilia. In J. Oliveira-Formosinho, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (4ª ed., pp. 110-138). Porto: Porto Editora.
- Marques, R. (1993). *Ensinar a ler, aprender a ler*. Lisboa: Texto Editora.
- Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., Pereira, S., Pereira, J. (2009). *Despertar para a ciência. Atividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa.
- Moraes, S. (s.d.). *A importância do teatro na formação da criança*. (Dissertação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba).
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Porto.
- Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Lisboa: Ed. ASA.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, atividades e organização dos espaços, ao currículo na creche*. Apei, 1-16.
- Portugal, G., Luís, H. (2016). A atenção à experiência interna da criança e do estilo do adulto - contributo das escalas de empenhamento para a melhoria das práticas pedagógicas em educação de infância. *Saber a Educar*. 21, 66-74.
- Post, J. & Hohmann, M. (2000). *Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Roberts, R. (2004). Capítulo 10 – Pensando em mim mesmo e nos outros: desenvolvimento pessoal e social. In Blatchford, I.S. (coord.). *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (1) (144-160.) Lisboa: Texto Editora.
- Rodrigues, S. & Garms, G. (jan./dez. de 2007). *Intencionalização da ação educativa na educação infantil: a importância da organização do tempo e do espaço das atividades*. Nuances: Estudos sobre Educação, pp. 123-137.
- Rodrigues, S. A. & Garms, G. M. (2007). *Intencionalidade da ação educativa na educação infantil: a importância da organização do tempo e do espaço das atividades*. Nuances: estudos sobre educação, 14, 123-137
- Roldão, M. d. (2001). *O Estudo do Meio no 1ºCiclo: Fundamentos e Estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 127-142.
- Santos, A. (2003). *A importância do nome próprio na educação infantil para alfabetização*. (Dissertação de pós-graduação em Supervisão Escolar, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro).
- Silva, A. & Santos, E. (2009) *A importância do brincar na educação Infantil*. Dissertação de Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação /Direção-Geral da Educação (DGE).
- Sobral, C. M. (2007). *Gestão de conflitos: A educadora de infância como mediadora de conflitos do quotidiano pré-escolar?* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Vasconcelos, T. (Coord.) (2012). *Trabalhos por Projeto na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Würdig, R. C. (2010). Recreio: os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças. *InterMeio*. 32, pp.90-105.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed

Anexo B – Entrevista à Educadora Cooperante

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; 	a) Os objetivos e finalidades desta entrevista; b) A possibilidade de efetuarmos uma gravação em suporte áudio; c) A garantia de confidencialidade e anonimato da informação facultada.	
B. Educadora Cooperante	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o percurso profissional da educadora; • Conhecer os seus métodos e conceções; • Conhecer o grupo. 	<p>B1. Primeiramente, gostaria de iniciar a entrevista, questionando-a sobre o seu percurso académico, profissional e anos de serviço como profissional de educação.</p> <p>Terminei a formação inicial (Bacharelato) em 1986 na Escola Superior de Educação Maria Ulrich. Iniciei o complemento de formação (Licenciatura) na ESELx em 2000 e terminei em 2002.</p> <p>Iniciei o meu percurso profissional em IPSS (3 anos no Centro Social de Casal Ventoso e 7 anos na Associação Luís Pereira da Mota) e em 1997 entrei para a rede pública, tendo vinculado no distrito de Viseu, onde exerci durante 1 ano. Em 1998 vinculei no distrito de Lisboa onde exerci as minhas funções, até 2006, nos concelhos de Mafra e Loures.</p> <p>Em 2006 efetivei no Agrupamento de Escolas nº1 de Loures, tendo exercido funções no jardim de Infância de Lousa até julho de 2009. Em setembro do mesmo ano iniciei funções como adjunta da direção do Agrupamento de Escolas nº1 de Loures, cargo que desempenhei até julho de 2017, tendo iniciado novamente funções no direto em setembro deste ano.</p> <p>Antes de desempenhar funções na direção do Agrupamento fui coordenadora de departamento da educação pré-escolar, nomeadamente em 2004/2005 e</p>	

		<p>2005/2006 no Agrupamento de Escolas Alto do Moinho e entre 2006 e 2009 no Agrupamento de Escolas nº1 de Loures. Neste momento tenho 30 anos de serviço.</p> <p>B2. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?</p> <p>Na minha intervenção educativa toda a organização é intencional e sistemática desenvolvendo uma prática educativa participada e envolvente, capaz de assegurar a igualdade de oportunidades e encaminhar para o sucesso todas as crianças. O trabalho pedagógico assenta na construção da identidade de cada criança, promovendo momentos em que elas desenvolvam atitudes responsáveis e solidárias para que com mais autonomia realizem as suas aprendizagens e ampliem assim as suas capacidades e competências.</p> <p>As intenções educativas são igualmente articuladas com os interesses e necessidades do grupo, em colaboração alargada com os diversos parceiros educativos, num processo reflexivo e de observação, planeamento, ação e avaliação.</p> <p>Todo o trabalho a desenvolver terá como base uma pedagogia estruturada em conformidade com as novas Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar.</p> <p>B3. Orienta a sua prática segundo algum modelo pedagógico?</p> <p>Não.</p> <p>Todo o trabalho a desenvolver terá como base uma pedagogia estruturada em conformidade com as novas O.C/ para a educação Pré-Escolar. A minha intervenção educativa incide igualmente numa pedagogia diferenciada, considerando as necessidades e interesses de cada criança e do grupo. Sempre que necessário e de acordo</p>	
--	--	--	--

		<p>com as dificuldades detetadas, reorganizo estratégias, para reforçar as aprendizagens, e investir nos sucessivos progressos.</p> <p>Numa interação em grupo e entre os pares, procuro estimular as crianças para que coloquem em prática as suas capacidades cognitivas e encontrem soluções que favoreçam o desenvolvimento das suas competências.</p> <p>B4. Como planifica a sua intervenção?</p> <p>Articulo as atividades das diferentes áreas de conteúdo, de uma forma estruturada recorrendo a materiais diversificados para que as crianças adquiram conhecimentos e desenvolvam capacidades. As atividades planificadas e realizadas com as crianças corresponderão às características e necessidades do grupo e de cada uma individualmente. Recorrendo à diferenciação pedagógica e ao apoio individualizado, e para que cada criança ultrapasse as suas dificuldades, pretendo valorizar as iniciativas e os projetos individuais e de grupo. As atividades de rotina são sistemáticas e os instrumentos de apoio constituirão uma base sólida no desenvolvimento do raciocínio lógico e na aquisição de noções essenciais.</p> <p>B5. Como realiza a avaliação das crianças?</p> <p>No início do ano letivo e após um período de múltiplas adaptações que cada criança tem de fazer, quer em relação ao adulto, quer em relação aos seus pares e aos espaços físicos, aplico a cada criança, as fichas de avaliação diagnóstica. Estas mesmas fichas permitem-me avaliar o nível de conhecimentos, despistar dificuldades e necessidades.</p> <p>Todo o processo de avaliação das aprendizagens passa por critérios que estabeleço, tendo em conta: A observação direta e sistemática em contexto natural; os registos individuais e em grupo; a resolução nas tarefas da rotina diária; as reflexões diárias e sistemáticas em grupo; o</p>	
--	--	---	--

		<p>desempenho nas diferentes áreas lúdicas e nas atividades orientadas; as fichas de atividades realizadas com cada grupo etário; a avaliação nos jogos que permitam a auto correção das crianças. Nas grelhas de registo/avaliação de competências, que realize em três momentos do ano letivo, registo a aquisição de conhecimentos e os sucessivos progressos de cada criança nas diferentes áreas de conteúdo.</p> <p>B6. Como é que caracteriza a avaliação global do grupo? (E quais as potencialidades/fragilidades?) O grupo é curioso e participativo. Mostra interesse por aprender, fazer descobertas. Na sala de atividades os interesses são diversificados, mostrando interesse por todas as áreas. Algumas crianças repetem a preferência pela área das construções, necessitando de algum estímulo para diversificarem as opções. O grupo não tem propriamente fragilidades ainda que algumas crianças necessitem de acompanhamento especial para corresponder a “problemáticas” específicas, nomeadamente imaturidade. Com estas crianças e com as mais novas pretendo utilizar como estratégia a cooperação entre pares e a promoção da autonomia bem como o trabalho mais individual, estimular a comunicação e a resolução de situações de conflito.</p>	
<p>C. Trabalho em equipa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relações e interações entre atores; • Conhecer o conceito de equipa em contexto de creche; • Compreender como é realizado o trabalho em equipa. 	<p>C1. Como são as relações e interações entre agentes educativos? Sendo o meu primeiro ano neste jardim de infância não tenho ainda referências concretas sobre este assunto mas pretendo, com os pais que sendo os primeiros responsáveis pela educação dos filhos, funcionam no jardim-de-infância, como parceiros educativos por excelência. Serão chamados a participar nas atividades, aproveitando os seus saberes e a sua disponibilidade. Ao longo do ano, pretendo que mantenham um</p>	

		<p>conhecimento real do trabalho efetuado pelos seus filhos, informando-os através da caderneta de comunicação, dos escritos expostos na entrada do jardim de infância, do jornal elaborado pela Associação de Pais e dos portefólios das crianças.</p> <p>Com o 1ºCiclo pretendo desenvolver ao longo do ano de diversas atividades que promovam uma aproximação entre os dois níveis de ensino e um enriquecimento do currículo das crianças.</p> <p>Com a associação de pais também colaboramos na divulgação do jornal mensal e promovendo ou apoiando atividades.</p> <p>C2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha?</p> <p>É uma equipa dinâmica onde o bom ambiente é uma constante.</p> <p>A equipa do estabelecimento reúne mensalmente entre docentes para planificar atividades a desenvolver no âmbito do plano anual de atividades. Reúne com as assistentes mensalmente para as integrar nas atividades previstas.</p> <p>O departamento reúne mensalmente para discutir assuntos pedagógicos e didáticos relacionados com o pré-escolar, reúne ainda trimestralmente para avaliar e planificar o trabalho desenvolvido e a desenvolver e participar em documentos estratégicos do agrupamento.</p> <p>C3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância?</p> <p>Há dois conceitos que, para mim, devem estar intimamente ligados ao trabalho em equipa são a colaboração e a cooperação, ou seja terá de haver sempre trabalho colaborativo ou trabalho cooperativo. As reuniões regulares, entre educadores, entre educadores e assistentes operacionais, entre educadores e professores,</p>	
--	--	--	--

		<p>são um meio importante de formação profissional com efeitos na educação das crianças. Assim, a equipa beneficia, através da formação, interesse e saberes de cada interveniente.</p> <p>C4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?</p> <p>Apesar de ser o meu primeiro ano neste jardim de infância e estar em atividade letiva à pouco mais de 1 mês, tem sido valorizada a boa adaptação de todas as crianças e estes momentos são normalmente partilhados com a colega da outra sala. Para além disso tem existido muito diálogo sobre a dinâmica do jardim de infância, partilha de materiais, sugestões de atividades e planeamento de atividades conjuntas no âmbito do tema do Plano Anual de Atividades e datas comemorativas.</p>	
D. Relação com a Comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a relação da instituição com a comunidade. 	<p>D1. De que forma pensa que a comunidade enquanto agente educativo contribui para o processo desenvolvimento da criança?</p> <p>O desenvolvimento integral das crianças não é responsabilidade apenas da escola e da família. Quanto maior o envolvimento da comunidade maiores são as possibilidades da educação integral se tornar uma realidade e alcançar os seus objetivos.</p> <p>D2. Existe relação que existe entre a organização e a comunidade?</p> <p>Segundo a equipa tem havido sempre uma boa relação com a comunidade, nomeadamente em campanhas de solidariedade, projetos, festas, comemorações...</p>	
E. Relação com as Famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a participação das 	<p>E1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e</p>	

	<p>famílias das crianças;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as estratégias utilizadas pelo educador de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias 	<p>estratégias existem na organização?</p> <p>A aproximação entre a escola e a família é respeitar cada criança no seu desenvolvimento e desafiar todos os que se ocupam da sua Educação. Assim, segundo a equipa, há a preocupação de chamar a família a participar no processo educativo não só através de reuniões mas de atividades que promovam o sucesso e bem-estar dos alunos, que poderão vir a funcionar como recursos pelos saberes.</p> <p>E2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões?</p> <p>Por norma são realizadas, no mínimo, 4 reuniões ao longo do ano com os encarregados de educação. Antes de se iniciarem as atividades letivas para dar a conhecer a equipa e as normas e funcionamento da escola bem como as intenções pedagógicas. No final de cada período para dar a conhecer os progressos/evoluções/fragilidades dos seus educandos e para que tenham um conhecimento real do trabalho efetuado pelos seus filhos. Estas evoluções são apresentadas através de uma ficha de avaliação elaborada de acordo com as áreas de conteúdo de acordo com as OCEPE e consulta do dossier/portefólio da criança. Para além disso, todas as terças feiras de cada mês ou sempre que sintam necessidade, os encarregados de educação podem solicitar uma reunião com a educadora.</p>	
<p>F. Organização do ambiente educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a organização do ambiente educativo. • Compreender como o profissional de educação gere o ambiente educativo. 	<p>F1. Como organiza o ambiente educativo para que seja profícuo para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças?</p> <p>O espaço da sala está organizado por áreas, onde se desenvolvem as atividades individuais, a pares, ou em grande grupo. Cada uma das áreas foi organizada com o grupo, definindo o número de crianças que a pode utilizar. Foram criadas e identificadas áreas distintas, materiais,</p>	

		<p>respetivos lugares e funções.</p> <p>A disposição das áreas de atividade foi realizada de maneira a que as crianças tivessem facilidade de acesso aos materiais. Esta organização possibilita que as crianças utilizem os materiais adequados para trabalharem de forma mais organizada e estruturada. Para tal, pontualmente e de acordo com as motivações das próprias crianças, serão introduzidos novos desafios ou feitas alterações na disposição da sala/áreas.</p> <p>Sempre que necessário, utilizo outros espaços do estabelecimento, que considero apropriados à realização da atividade, para que esta se realize em melhores condições físicas.</p> <p>F2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define?</p> <p>O tempo está organizado de forma previsível mas flexível para que cada criança se sinta mais segura, mais autónoma e mais organizada. É dividido pela manhã e tarde com momentos que se repetem, com a intenção de dar a conhecer às crianças o que podem fazer nos diversos momentos e prever a sua sucessão. Apesar de ser planeado por mim, nem todos os dias são iguais uma vez que podem surgir propostas das crianças ou minhas, que alterem esta rotina.</p> <p>F3. Como se organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? Porquê?</p> <p>A rotina serve de orientação para todos os intervenientes, possibilita a antecipação de certas situações e a preparação para a atividade seguinte.</p> <p>A apropriação progressiva das rotinas diárias, vai criar estabilidade emocional na criança, ao mesmo tempo que a leva a adquirir noções temporais importantes.</p>	
--	--	--	--

Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Finalizar a entrevista	<p>-De momento recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? Não. - Obrigada pela sua disponibilidade</p>	
-------------------------	--	--	--

ANEXO C – Dados das Famílias

Nome da criança	Mãe		Pai		Tipos de família
	Idade	Profissão	Idade	Profissão	
A.		Desempregada		Desconhecida	Monoparental F
A.		Desempregada		Motorista de veículos pesados de mercadorias	Nuclear
C.		Esteticista		Técnico e inspetor de mecânica	Nuclear
E.		Ajudante de cozinha		Desconhecida	Alargada
E.		Caixa bancária		Motorista de automóveis ligeiros	Nuclear
G.		Contabilista		Trabalho administrativo	Nuclear
G.B.		Técnica de secretariado		Caixa bancário	Nuclear
G.V.		Economista		Gerente e diretor de serviços	Nuclear
J.		Técnica de compras		Engenheiro mecânico	Nuclear
K.		Desempregada		Empregado de escritório	Nuclear
L.		Cabeleireira		Eletricista	Nuclear

M.		Bancária		Funcionário público	Nuclear
M.F		Técnica de compras		Engenheiro mecânico	Nuclear
M. R.		Auxiliar de saúde		Serviços de proteção e segurança	Alargada
M. S.		Analista financeira		Informático	Nuclear
S.		Agente de seguros		Diretor de sucursais de bancos	Nuclear
T.		Trabalho administrativo		Preparadores de carne, peixes e similares	Monoparental F

ANEXO E – Portefólio da criança



PORTEFÓLIO DE EVIDÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Marta Lima
(Nº 2016148)

Trabalho apresentado no âmbito da unidade curricular de:
Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-escolar
Supervisora Institucional: Manuela Rosa
2017-2018

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	236
PRODUÇÕES E ATIVIDADES	237
ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL.....	238
ÁREA DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO	241
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO.....	254

INTRODUÇÃO

Este documento surgiu no âmbito da Prática Profissional Supervisionada, em que me foi solicitada a realização de um portefólio de evidências do desenvolvimento e aprendizagem de uma criança.

Neste sentido, este portefólio irá integrar o relatório final da minha PPS, correspondendo a um processo de avaliação de uma criança, em que, através da minha observação ao longo do período de estágio, realizo registos e retiro conclusões acerca das suas atividades e aprendizagens.

Importa salientar que os trabalhos aqui presentes foram escolhidos pela própria criança, pelo que, depois de cada trabalho ou fotografia do mesmo, apresento algumas informações acerca da respetiva tarefa e a justificação da S. para a sua escolha.

A introdução do portefólio – explicação à S.

Numa conversa individual, expliquei à S. que iria fazer com ela um trabalho para a minha escola:

Eu: S., gostavas de fazer um trabalho comigo, em que eu ponho lá trabalhos e desenhos teus e algumas coisas escritas sobre o que tu fazes aqui na sala?

S: Sim, mas só eu é que vou fazer isso?

Eu: Sim, eu tive de escolher um menino ou menina da sala e escolhi-te a ti.

S: De todos escolheste-me a mim? Fogo a minha mãe vai ficar mesmo orgulhosa.

Eu: (risos) Vai pois!

(Nota de campo de 7 de dezembro de 2017, sala de atividades)

PRODUÇÕES E ATIVIDADES

ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL



- Razão da escolha deste desenho para o portefólio:

S: Quero pôr este logo no início.

Eu: E porquê?

S: Eu gostei muito, o que gostei mais foi o que eu coleí aqui (aponta para os 5 anos) e fiz o meu nome.

(Nota de campo de 5 de janeiro de 2018, sala de atividades)

Para conhecer melhor a S. e envolver a família na realização deste portefólio, pedi aos pais da S. que me escrevessem algo sobre a S. e sobre a sua personalidade:

Para conhecer melhor a sua personalidade:

Os meus pais dizem que eu sou...

Méiga, temperada, carinhosa, esportista, às vezes mal-educada.

Para conhecer os seus interesses:

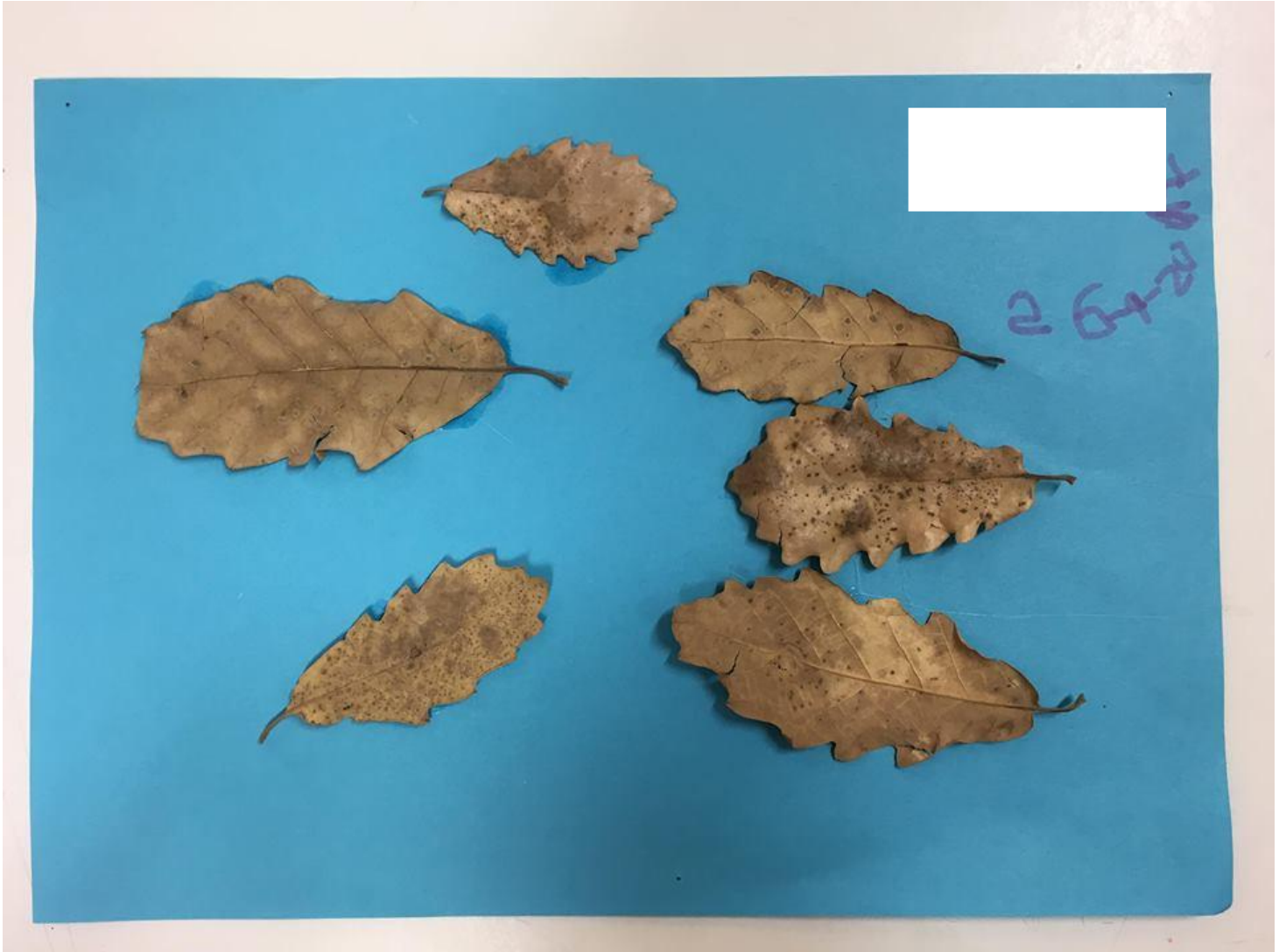
Gosto muito de...

- Animas, principalmente de cães
- Brincos da "geração" (na escola)
- Correr
- Dançar
- Aprender números e letras

Não gosto muito de...

- Fazer trabalhos
- Ler livros ou brinquedos
- Aprender a ler a escola (muito cedo)
- Dormir

ÁREA DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO



- Como surgiu este trabalho:

Esta atividade surgiu de forma espontânea e foi a primeira atividade que realizei com o grupo de crianças. A S. foi ao recreio apanhar várias folhas de Outono e colou no papel.

- Razão da escolha deste desenho para o portefólio:

Eu: Lembras-te deste trabalho?

S: Sim, quero por este também.

Eu: O que gostaste mais deste trabalho?

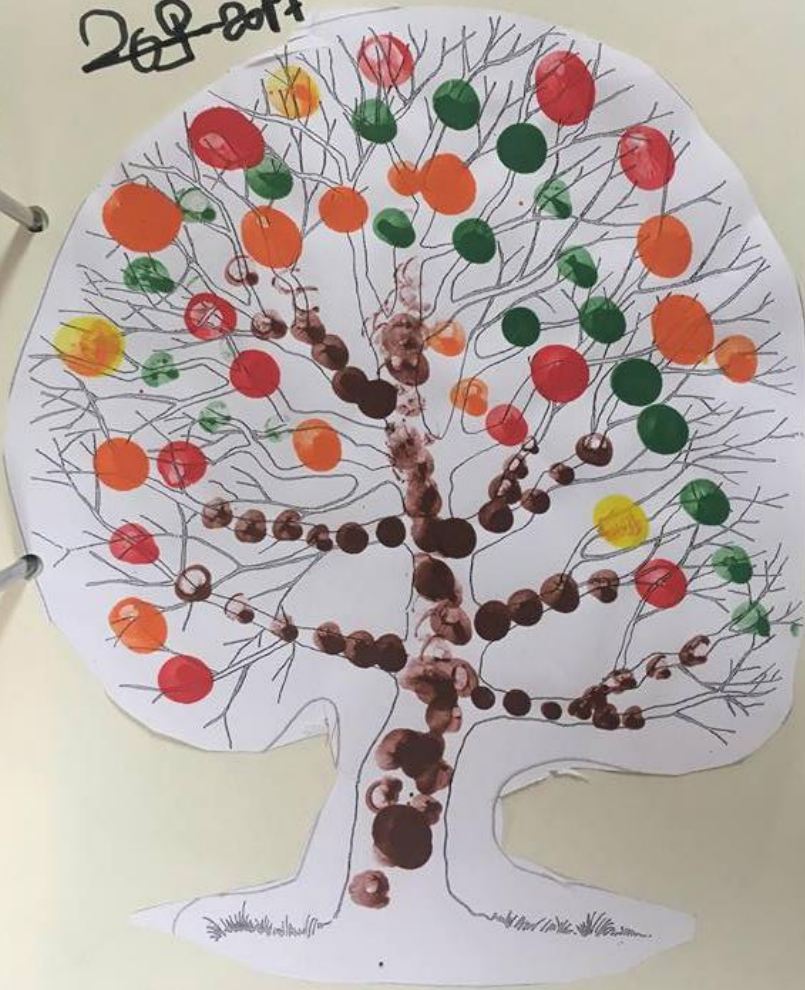
S: Foi de apanhar as folhas e de escrever o meu nome.

(Nota de campo de 3 de janeiro de 2018, sala de atividades)

ON TOWN



26/2017



- Como surgiu este trabalho:

Este trabalho surgiu, no âmbito da temática das estações do ano, com o objetivo de desenvolver a motricidade fina.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

Eu: Achas que é importante pormos este trabalho no portefólio?

S: Sim. Eu gostei.

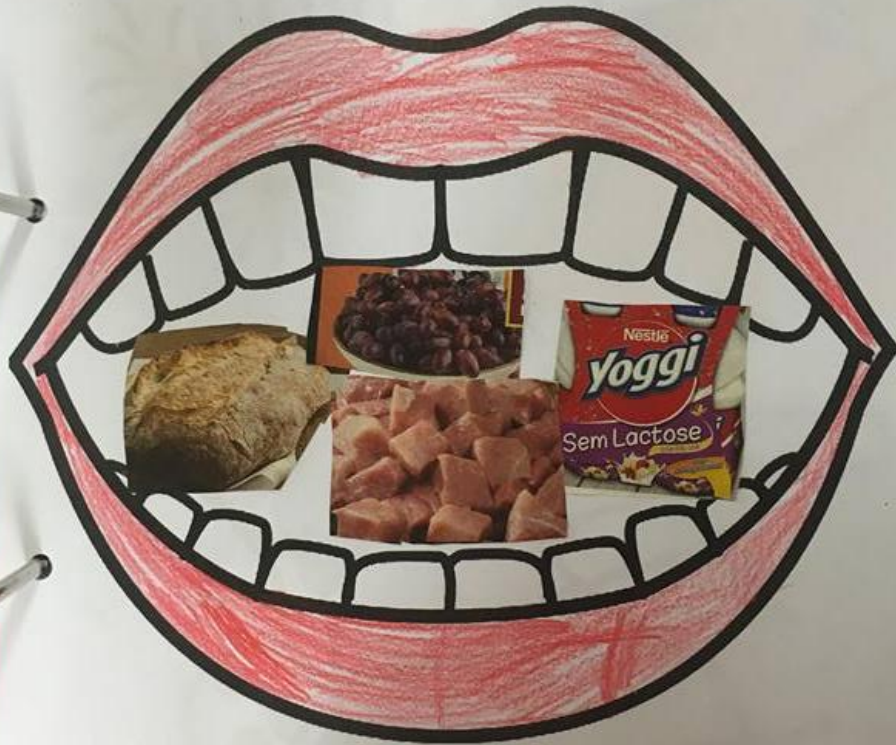
Eu: Porquê?

S: A M. deu uma árvore, depois eu tive fazer pintas castanhas com o dedo, também fiz pintas laranjas. Neste trabalho tu já estavas cá.

(Nota de campo de 3 de janeiro de 2018, sala de atividades)

ALIMENTOS

SAU OÁVEIS



17-10-2017

- Como surgiu este trabalho:

Este trabalho surgiu no âmbito da semana da alimentação saudável. As crianças recortaram de revistas vários alimentos e colaram na “boca” apenas os alimentos saudáveis.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

Eu: Lembras-te deste trabalho?

S: Lembro. Foi um trabalho do dia da alimentação. Pinte de vermelho os lábios, mas esqueci-me de pintar os dentes. Colei uvas, iogurtes, frangos, que são alimentos que fazem bem.

Eu: Pois foi e achas que é importante pormos no portefólio?

S: Sim, para não nos esquecermos de comer coisas saudáveis.

(Nota de campo de 4 de janeiro de 2018, sala de atividades)

[Redacted]

9-10-2017



4



4

- Como surgiu este trabalho:

Este trabalho surgiu, também, no âmbito da semana da alimentação, porém este foi um trabalho que não estava na minha planificação. Visto terem sobrado algumas frutas, sugeri à S. e a outras crianças que agrupassem as frutas por cores, de modo a ficarem com conjuntos.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

S: Gostei muito deste trabalho.

Eu: Queres por no portefólio?

S: Sim. Neste trabalho fizemos conjuntos, não foi Marta?

Eu: Foi sim!

(Nota de campo de 4 de janeiro de 2018, sala de atividades)

14/09/2017



- Como surgiu este trabalho:

Este trabalho surgiu quando eu ainda não estava na PPS. Porém a S. quis muito que o trabalho aqui estivesse, visto ter sido feito no primeiro dia de escola do ano.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

S: Olha, este trabalho, gostei muito.

Eu: Gostaste porquê?

S: Porque este foi do meu primeiro dia de escola. Quando não estavas cá eu fazia desenhos muito bonitos.

Eu: E já não fazes?

S: Faço sim, aqui fiz uma casa protegida.

(Nota de campo de 5 de janeiro de 2018, sala de atividades)



- Como surgiu este trabalho:

Esta fotografia foi tirada na manhã em que o grupo de crianças fez a divulgação do projeto dos mamíferos marinhos.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

Eu: O que achas desta fotografia? Achas que é importante?

S: Sim, estamos todos muito lindos. Tu estavas ao pé do A. Eu estava nervosa Marta.

Eu: Porquê?

S: Porque estávamos a falar com o 1ºCiclo e eles são mais crescidos.

Eu: E vamos a fotografia no portefólio ou não?

S: Claro que sim.

(Nota de campo de 5 de janeiro de 2018, sala de atividades)

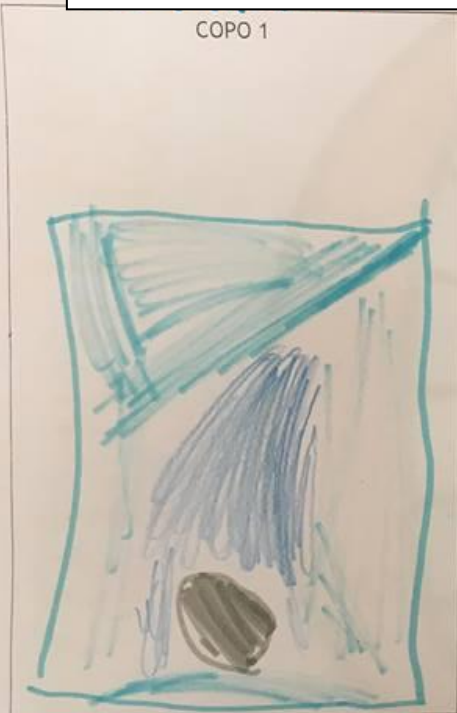
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO

NO

COPO QUE FLUTUA NA ÁGUA

DATA: 18-10-2017

COPO 1



COPO 2



COPO 3



O QUE ACONTECEU? PORQUÊ?

No primeiro copo o ovo está em baixo, porque não tinha sal. No segundo copo, como tinha sal, o ovo ficou a flutuar em cima.

O ovo ficou no meio quando pusemos água com sal e água sem sal.

- Como surgiu este trabalho:

Este trabalho surgiu na semana da alimentação e veio introduzir as experiências na sala de atividades.

- Razão da escolha deste trabalho para o portefólio:

Eu: Olha este trabalho foi importante não achas?

S: Acho, é melhor pormos. Eu sei o que aconteceu.

Eu: Diz-me lá então.

S: Quando o ovo fica sem sal vai para baixo, quando tem sal fica em cima. Fizemos uma experiência.

Eu: Muito bem.

(Nota de campo de 5 de janeiro de 2018, sala de atividades)

ANEXO F – Apresentação às famílias



Olá Famílias!

Chamo-me Marta Lima, sou estagiária da Escola Superior de Educação de Lisboa e estou a tirar o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Vou estar nesta sala com os vossos filhos até janeiro.

Espero com eles aprender e também dar-lhes a conhecer algumas coisas novas.

**Obrigada pela atenção,
Marta Lima**

ANEXO H – Guião do questionário realizado às famílias



Olá Famílias, no âmbito do estudo que estou a desenvolver sobre a Organização do Ambiente Educativo, nomeadamente sobre o Espaço e os Materiais, gostaria de contar com a vossa colaboração, no preenchimento deste questionário. Importa referir que este questionário tem fins meramente académicos e que toda a identidade dos intervenientes será devidamente ocultada.

1. Sabe como está organizado o espaço da sala de Jardim de Infância do seu/sua filho/a?

Sim

Não

2. Quais são os espaços (áreas) que considera mais importante? Assinale no mínimo 3.

Área dos Jogos de chão/Construções

Área dos Jogos de mesa

Área da Pintura

Área do Quadro

Área da Quinta

Área do Desenho/Expressão Plástica

Área da Garagem

Área da Casinha

Área da Escrita

Área da Leitura/Fantoches

3. Há alguma área/atividade que considere que devia existir na sala de Jardim de Infância?

Sim

Não

Se respondeu sim, qual seria a área?

4. Considera que o espaço da sala e os materiais são importantes no desenvolvimento e aprendizagem da criança? Porquê?

Sim

Não

Obrigada pela colaboração,

Marta Lima

ANEXO J – Análise de conteúdo – Entrevista às crianças

<u>Gostas da sala? Porquê?</u>				
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	Frequência
Desenvolvimento Social e Afetivo	Amizade	Amigos	Porque somos todos amigos	4
	Brincadeira	Brincar	Porque posso brincar	2
			Porque tenho tudo para brincar	1
Sala de atividades	Espaço	Áreas	Há áreas giras	1
	Materiais	Brinquedos	Tenho muitos brinquedos	1
	Aprendizagem	Aprender	Porque gosto de aprender	1
			Porque posso trabalhar	1

Achas que aprendes quando brincas nas áreas?

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	Frequência
Aprendizagem	Escrita	Escrever	Aprendo a escrever	4
	Desenho	Desenhar	Aprendo a fazer desenhos	3
	Brincadeira	Brincar	Brincar é bom	2
			Aprendo a jogar jogos	1

ANEXO J – Análise de conteúdo – Questionário famílias

<u>Considera que o espaço da sala e os materiais são importantes no desenvolvimento e aprendizagem da criança? Porquê?</u>				
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	Frequência
Espaço e Materiais	Promoção de pensamento e aprendizagem	Desperta a curiosidade pelo mundo envolvente	Desperta a curiosidade pelo mundo envolvente	1
		Estimula à descoberta e vontade de aprender	Estimula as crianças à descoberta e vontade de aprender	2
		Desenvolve as primeiras capacidades de interação e conhecimento	Desenvolve as capacidades de interação e conhecimento	2
			Estimula a interação social e a partilha	1
		Desenvolve a linguagem	A criança aprende os termos, significados, linguagem de cada contexto.	1
	Áreas definidas	Estimulam a aprendizagem e o pensamento das crianças	Permitem que as crianças explorem, pensem e aprendam	1
			Permite que as crianças se desenvolvam com mais facilidade	1
			Porque estimulam o desenvolvimento intelectual e físico da criança	1

Brincar	Importância do espaço na brincadeira	Estimula o brincar	Crescer a brincar	1
		Desenvolve a aprendizagem e o crescimento	Ao brincar, de forma adequada às suas idades, vão aprendendo e evoluindo	1